

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**PARALELO DE DESENVOLVIMENTO MICRORREGIONAL:  
MICRORREGIÕES DE CAMPOS DE LAGES, DE JOINVILLE E DE  
TUBARÃO**

**CARLA ROSENI DA SILVA**

*Florianópolis, 2007.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**PARALELO DE DESENVOLVIMENTO MICRORREGIONAL:  
MICRORREGIÕES DE CAMPOS DELAGES, DE JOINVILLE E DE TUBARÃO**

Monografia submetida ao Departamento de  
Ciências Econômicas para obtenção de carga  
horária na disciplina CNM 5420 – Monografia

Por: Carla Roseni da Silva

Orientador: Prof. Dr. Louis Roberto Westphal

Área de Pesquisa: Desenvolvimento Sócio-econômico

Palavras-chave: 1. Desenvolvimento Social  
2. Qualidade do Crescimento  
3. Educação  
4. Saúde  
5. Bem Estar

*Florianópolis, 07/2007*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Louis Roberto Westphal  
Presidente

---

Prof. Alessandro Vicente Custódio

---

Prof. João Rogério Sanson

*A Deus, que mesmo nos momentos de cansaço, estava sempre me dando forças e ânimo através daquelas pessoas que estiveram sempre ao meu lado, em especial, a minha família.*

## **AGRADECIMENTOS**

Não poderia passar este momento sem agradecer a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu força durante todas as fases da minha vida e guiou meus passos até o presente momento.

Agradeço a minha família, em especial meus pais e minha irmã Vanessa. Foram eles, as pessoas que estiveram presentes em todos os momentos de dificuldades, superações e vitórias. Foram eles que me deram colo quando achava que não ia conseguir alcançar um objetivo.

A todos meus amigos, em especial a Alice que foi a grande amiga de todos os momentos da minha vida acadêmica, e também, a Danuza, ao Júnior que me ajudaram na realização desse estudo.

Agradeço de maneira especial ao Professor Louis Westphal que me orientou neste trabalho de conclusão. Seus conselhos e sua orientação me ensinaram como fazer uma pesquisa de verdade e me deram calma para continuar o trabalho sem perder o foco.

E aos demais professores do curso que contribuíram para a minha formação acadêmica.

## RESUMO

Desenvolvimento é um tema que vem sendo bastante discutido entre a sociedade e o governo, seu conceito passou a ter um sentido mais amplo após abrir um leque às questões sociais. Antes da década de 1980, desenvolvimento estava restrito apenas a idéia de crescimento econômico. A partir de 1990, desenvolvimento passou a relacionar-se com a qualidade do crescimento, que envolve uma educação mais eqüitativa, maior oportunidade de emprego, maior igualdade de gênero, melhor saúde, sustentabilidade do meio ambiente, etc. Uma educação melhor e mais eqüitativa, maior acesso a saúde, reduzem a pobreza, e por sua vez, a queda da concentração da renda, ampliando o bem-estar da população. A sustentabilidade sugere entre outras variáveis, a integração entre a conservação da natureza com o desenvolvimento; a perseguição de uma eqüidade e justiça social; manutenção da integridade ecológica. O desenvolvimento também envolve mudança estrutural. Ao aumentar a produtividade através do avanço tecnológico e fortalecer a economia, a região é capaz de se desenvolver mais e, por conseguinte, pode gerar uma estabilidade em sua economia. É necessário que o crescimento econômico cresça acima do aumento da população, para que se possa expandir o nível de emprego e a arrecadação pública, a fim de permitir ao governo realizar gastos sociais e atender prioritariamente as pessoas mais carentes. Esse estudo foi realizado sob a ótica das teorias da *Qualidade do Crescimento* e do *Desenvolvimento Endógeno* e a partir de indicadores econômicos e sociais do processo de desenvolvimento retirados principalmente de fontes como a SPG (Secretaria de Estado do Planejamento), IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Tais dados permitiram analisar a evolução do desenvolvimento das microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão, bem como o comportamento do crescimento populacional, PEA (População Economicamente Ativa), do PIB *per capita*, a situação do desemprego, o papel de cada setor econômico na microrregião, a concentração de renda medida pelo índice de Gini, e os indicadores do desenvolvimento: educação, saúde, condições de moradia, pobreza, e por conseqüência, o resultado do Desenvolvimento humano medido pelo IDH. A população em todas as microrregiões cresceu para os anos analisados, especialmente na área urbana indicando uma possível migração da população da área rural para a área urbana, porém, esse aumento foi desacelerando nos últimos períodos. A PEA das microrregiões apresentou um comportamento semelhante ao da população total, concentrando-se na área urbana, onde a taxa de desemprego também foi a mais elevada. As maiores taxas de desemprego foram verificadas no ano de 2000, sendo que, neste ano, a microrregião com maior taxa de desemprego geral foi a de Joinville, seguida pela de Campos de Lages e pela de Tubarão. Através do PIB *per capita*, pôde-se verificar que estas microrregiões estão crescendo economicamente, apesar de terem apresentado alguns períodos de quedas, pois essas foram efeitos da nova reforma da taxa de inflação a partir de 1999. O setor mais representativo é a indústria para todas as microrregiões. Através da queda da desigualdade da renda, medida pelo índice de Gini e; por conseqüência, da pobreza, entre os anos de 1991 e 2000, foi possível notar que todas as microrregiões obtiveram uma melhora da saúde e da educação, refletida também pelo IDH. Porém, percebe-se ainda uma deficiência de tecnologia nas estruturas produtivas dessas microrregiões, o que está ocasionando um avanço do número de pessoas trabalhando no setor de serviços e comércio, característica do subemprego, o que impossibilita uma maior melhora da qualidade de vida da população.

Palavras Chaves: Desenvolvimento social, qualidade do crescimento, educação, saúde, bem estar.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Evolução da População Residente Total da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	48
<b>Figura 2:</b> Evolução da População Residente Urbana e Rural da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	49
<b>Figura 3:</b> Evolução Anual da População Total da Microrregião de Campos de Lages 2000-2004 - (%).....	50
<b>Figura 4:</b> Evolução da População Residente Total da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%).....	51
<b>Figura 5:</b> Evolução da População Residente Urbana e Rural da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%).....	52
<b>Figura 6:</b> Evolução Anual da População Total da Microrregião de Joinville 2000-2004 – (%).....	52
<b>Figura 7:</b> Evolução da População Residente Total da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%).....	54
<b>Figura 8:</b> Evolução da População Residente Urbana e Rural da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%).....	54
<b>Figura 9:</b> Evolução Anual da População Total da Microrregião de Tubarão 2000-2004 - (%).....	55
<b>Figura 10:</b> Porcentagem da População Economicamente Ativa entre a área Rural e Urbana da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	56
<b>Figura 11:</b> População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	57
<b>Figura 12:</b> Porcentagem da População Economicamente Ativa entre a área Rural e Urbana da Microrregião de Joinville 1970-2000.....	58
<b>Figura 13:</b> Evolução da População Residente Total e da População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%).....	59
<b>Figura 14:</b> Porcentagem da População Economicamente Ativa entre a área Rural e Urbana da Microrregião de Tubarão 1970-2000.....	60
<b>Figura 15:</b> Evolução da População Residente Total e da Evolução da População Residente Total e da População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%).....	61
<b>Figura 16:</b> Evolução anual do PIB <i>per capita</i> de Santa Catarina e da Microrregião de Campos de Lages 1998-2004 - (%).....	63
<b>Figura 17:</b> Evolução anual do PIB <i>per capita</i> de Santa Catarina e da Microrregião de Joinville 1998-2004 - (%).....	64
<b>Figura 18:</b> Taxa de Crescimento anual do PIB <i>per capita</i> de Santa Catarina e da Microrregião de Tubarão 1998-2004 – (%).....	65
<b>Figura 19:</b> População Ocupada Urbana e Rural em Relação à População Total Ocupada da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	71
<b>Figura 20:</b> População Ocupada Urbana e Rural em Relação à População Total Ocupada da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%).....	73
<b>Figura 21:</b> População Ocupada urbana e Rural em Relação a População Total Ocupada da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%).....	75
<b>Figura 22:</b> Evolução do Pessoal Ocupado na Agropecuária, Indústria e Serviços/Comércio na Microrregião de Campos de Lages 1970-1995 (%).....	78
<b>Figura 23:</b> Evolução do Pessoal Ocupado na Agropecuária, Indústria e Comércio/Serviços na Microrregião de Joinville 1970-1995 (%).....	80
<b>Figura 24:</b> Evolução do Pessoal Ocupado na Agropecuária, Indústria e Comércio/Serviços na Microrregião de Tubarão 1970-1995 (%).....	82

<b>Figura 25:</b> Percentual de População Pobre da Microrregião de Campos de Lages 1991 e 2000.....	90
<b>Figura 26:</b> Percentual de População Pobre da Microrregião de Joinville - 1991 e 2000.....	90
<b>Figura 27:</b> Percentual de População Pobre da Microrregião de Tubarão -1991 e 2000.....	91
<b>Figura 28:</b> Comparação da Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais Produtivas e do Pessoal Ocupado por Setor entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1970-1995 – (%)......	106
<b>Figura 29:</b> Evolução Anual do PIB <i>per capita</i> das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 - (%)......	116
<b>Figura 30:</b> Evolução do PIB <i>per capita</i> e da População Total da Microrregião de Campos de Lages, Joinville e Tubarão – (%)......	117
<b>Figura 31:</b> Comparação da Composição Média do PIB entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 (%)......	118
<b>Figura 32:</b> Evolução anual do PIB per capita do Brasil, Santa Catarina, e das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 - (%)......	121
<b>Figura 33:</b> Evolução do Índice de Gini do Brasil, de Santa Catarina, Microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e da de Tubarão 1991-2000 - (%)......	122



**LISTA DE MAPAS**

<b>Mapa 1:</b> Microrregião de Campos de Lages.....	44
<b>Mapa 2:</b> Microrregião de Joinville.....	45
<b>Mapa 3:</b> Microrregião de Tubarão.....	46

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Curva de Lorenz.....	40
<b>QUADRO 2:</b> Evolução da Composição do IDH na Microrregião de Campos de Lages 1991-2000 - (%).....	96
<b>QUADRO 3:</b> Evolução da Composição do IDH na Microrregião de Joinville 1991-2000 – (%).....	97
<b>QUADRO 4:</b> Evolução da Composição do IDH na Microrregião de Tubarão 1991-2000 – (%).....	98
<b>QUADRO 5:</b> Comparação do indicador trabalho entre as Microrregiões de Campos de Lages, Tubarão e Joinville 1970 – 2000.....	104
<b>QUADRO 6:</b> Evolução do pessoal desocupado das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1970-2000 – (%).....	105
<b>QUADRO 7:</b> Comparação dos Indicadores da Educação entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000.....	107
<b>QUADRO 8:</b> Variação dos Indicadores da Educação nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.....	108
<b>QUADRO 9:</b> Comparação dos indicadores da Saúde entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão – 1991 e 2000.....	109
<b>QUADRO 10 :</b> Variação dos Indicadores da Saúde nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.....	110
<b>QUADRO 11:</b> Evolução da Composição do IDH as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%).....	110
<b>QUADRO 12:</b> Comparação dos Indicadores de Pobreza entre as Microrregiões de Campo de Campos de Lages, Joinville e Tubarão - 1991 e 2000.....	111
<b>QUADRO 13:</b> Variação dos Indicadores de Pobreza nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%).....	112
<b>QUADRO 14:</b> Comparação dos Indicadores da Moradia entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000.....	113
<b>QUADRO 15:</b> Variação dos Indicadores da Moradia nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%).....	113
<b>QUADRO 16:</b> Comparação do Indicador da Distribuição de Renda entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000.....	114
<b>QUADRO 17:</b> Evolução do Indicador da Distribuição de Renda das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.- (%).....	114
<b>QUADRO 18:</b> Comparação Média do Produto Interno Bruto <i>per capita</i> entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 (em mil R\$).....	115
<b>QUADRO 19:</b> Indicadores do Desenvolvimento Socioeconômico do Brasil, Santa Catarina e das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão.....	120

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> População Residente Rural, Urbana e Total (1970-2000) e Estimativa da População da Microrregião de Campos de Lages 2001-2004.....	47
<b>TABELA 2:</b> População Residente Rural, urbana e Total (1970-2000) e Estimativa da População de 2001-2004 da Microrregião de Joinville.....	50
<b>TABELA 3:</b> População Residente Rural, Urbana e Total (1970-2000) e Estimativa da População de 2001-2004 da Microrregião de Tubarão.....	53
<b>TABELA 4:</b> População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Campos de Lages, Porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA- Rural e Urbana da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	56
<b>TABELA 5:</b> Evolução da População Economicamente Ativa Total, Rural e Urbana da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	57
<b>TABELA 6:</b> População Economicamente Ativa Total, Porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA- Rural e Urbana da Microrregião de Joinville 1970-2000.....	58
<b>TABELA 7:</b> Evolução da População Economicamente Ativa Total, Rural e Urbana da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%).....	59
<b>TABELA 8:</b> População Economicamente Ativa Total, Porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA- Rural e Urbana da Microrregião de Tubarão 1970-2000.....	60
<b>TABELA 9:</b> Evolução da População Economicamente Ativa Total, Rural e Urbana da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%).....	61
<b>TABELA 10:</b> Produto Interno Bruto <i>per capita</i> de Santa Catarina e da Microrregião de Campos de Lages 1998-2004 (em R\$).....	62
<b>TABELA 11:</b> Produto Interno Bruto <i>per capita</i> de Santa Catarina da Microrregião e de Joinville 1998-2004 ( em R\$).....	63
<b>TABELA 12:</b> Produto Interno Bruto <i>per capita</i> de Santa Catarina da Microrregião de Tubarão 1998-2004 (em R\$).....	64
<b>TABELA 13:</b> Composição do Produto Interno Bruto Deflacionado – Valor Adicionado por Setor na Microrregião de Campos de Lages 1998-2004.....	66
<b>TABELA 14:</b> Composição do Produto Interno Bruto Deflacionado – Valor Adicionado por Setor na Microrregião de Joinville 1998-2004.....	67
<b>TABELA 15:</b> Composição do Produto Interno Bruto Deflacionado – Valor Adicionado por Setor na Microrregião de Tubarão 1998-2004.....	68
<b>TABELA 16:</b> Indicador da Distribuição da Renda da Microrregião de Campos de Lages 1991 e 2000.....	69
<b>TABELA 17:</b> Indicador da Distribuição da Renda da Microrregião de Joinville 1991 e 2000.....	69
<b>TABELA 18:</b> Indicador da Distribuição da Renda da Microrregião de Tubarão 1991 e 2000.....	69
<b>TABELA 19:</b> Pessoas Ocupadas e População Economicamente Ativa em Relação a População Residente Total na Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%).....	71
<b>TABELA 20:</b> Pessoas Desocupadas Total e Taxa de Desemprego da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000.....	72
<b>TABELA 21:</b> Pessoas Ocupadas e População Economicamente Ativa em relação à População Residente Total da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%).....	73
<b>TABELA 22:</b> Pessoas Desocupadas Total e Taxa de Desemprego da Microrregião de Joinville 1970-2000.....	74
<b>TABELA 23:</b> Pessoas Ocupadas e População Economicamente Ativa em Relação à População Residente Total da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%).....	75
<b>TABELA 24:</b> Pessoas Desocupadas Total e Taxa de Desemprego da Microrregião de Tubarão 1970-2000.....	76

<b>TABELA 25:</b> Pessoal Ocupado por Setor da Microrregião de Campos de Lages 1970-1995 – (%).	77
<b>TABELA 26:</b> Pessoal Ocupado por Setor na Microrregião de Joinville 1970-1995 - (%).	80
<b>TABELA 27:</b> Pessoal Ocupado por Setor na Microrregião de Tubarão 1970-1999 - (%).	81
<b>TABELA 28:</b> Indicadores da Educação na Microrregião de Campos de Lages - 1991 e 2000.	83
<b>TABELA 29:</b> Indicadores da Educação na Microrregião de Joinville 1991 e 2000.	84
<b>TABELA 30:</b> Indicadores da Educação na Microrregião de Tubarão 1991 e 2000.	85
<b>TABELA 31:</b> Indicadores da Saúde na Microrregião de Campos de Lages 1991 e 2000.	87
<b>TABELA 32:</b> Indicadores da Saúde na Microrregião de Joinville 1991 e 2000.	87
<b>TABELA 33:</b> Indicadores da Saúde na Microrregião de Tubarão 1991 e 2000.	88
<b>TABELA 34:</b> Indicadores de Moradia na Microrregião de Campos de Lages 1991 e 2000.	92
<b>TABELA 35:</b> Indicadores de Moradia na Microrregião de Joinville 1991 e 2000.	93
<b>TABELA 36:</b> Indicadores de Moradia na Microrregião de Tubarão 1991 e 2000.	94
<b>TABELA 37:</b> IDH - Municipal, Composição do IDH, e IDH da Microrregião de Campos de Lages - 1991 e 2000.	95
<b>TABELA 38:</b> IDH - Municipal, Composição do IDH, e IDH da Microrregião de Joinville 1991-2000.	96
<b>TABELA 39:</b> IDH - Municipal Composição do IDH, e IDH da Microrregião de Tubarão 1991 e 2000.	97
<b>TABELA 40:</b> Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Campos de Lages 1970-1995.	99
<b>TABELA 41:</b> Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades locais por Setor na Microrregião de Campos de Lages 1970-1995 - (%).	99
<b>TABELA 42:</b> Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Joinville 1970-1995.	100
<b>TABELA 43:</b> Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Joinville 1970-1995 – (%).	100
<b>TABELA 44:</b> Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Tubarão 1970-1995.	101
<b>TABELA 45:</b> Evolução do Número de estabelecimentos ou Unidades locais por Setor na Microrregião de Tubarão 1970-1995 – (%).	101

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
1.1 INTRODUÇÃO.....	15
1.2 FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS .....	17
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i> .....	17
1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i> .....	17
1.3 METODOLOGIA .....	17
1.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	21
<b>CAPÍTULO 2 - ASPECTOS CONCEITUAIS .....</b>	<b>22</b>
2.1 DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO.....	22
2.1.1 <i>Crescimento e Desenvolvimento</i> .....	23
2.1.2 <i>Educação e Pobreza</i> .....	24
2.1.3 <i>Saúde</i> .....	25
2.1.4 <i>Desenvolvimento e Mudança Estrutural</i> .....	27
2.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	27
2.3 DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO .....	28
2.4 ÍNDICES DO DESENVOLVIMENTO .....	29
2.4.1 <i>Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDS)</i> .....	29
2.4.2 <i>Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)</i> .....	31
2.5 CRESCIMENTO COM QUALIDADE.....	33
2.5.1 <i>Componentes que influenciam no desempenho dos Indicadores do Desenvolvimento</i> .....	37
<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE MICRORREGIONAL .....</b>	<b>44</b>
3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS .....	44
3.2 ASPECTOS POPULACIONAIS.....	46
3.2.1 <i>População Residente Urbana, Rural e Total</i> .....	47
3.2.2 <i>População Economicamente Ativa (PEA)</i> .....	55
3.3 ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO .....	61
3.3.1 <i>Nível da Atividade Econômica</i> .....	61
3.3.1.1 <i>Produto Interno Bruto per capita</i> .....	62
3.3.1.2 <i>PIB por setor</i> .....	66
3.3.2 <i>Distribuição da Renda</i> .....	68
3.4 ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	70
3.4.1 <i>Trabalho</i> .....	70
3.4.1.1 <i>Pessoal Ocupado por Setor (Agropecuária, Indústria, Serviços/Comércio)</i> .....	77
3.4.2 <i>Educação</i> .....	82
3.4.3 <i>Saúde</i> .....	86
3.4.4 <i>Pobreza</i> .....	89
3.5 ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL .....	92
3.5.1 <i>Condições de Moradia</i> .....	92
3.6 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH) .....	94
3.7 ESTRUTURA PRODUTIVA .....	99
<b>CAPÍTULO 4 - ANÁLISE COMPARATIVA DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DAS MICRORREGIÕES DE CAMPOS DE LAGES, JOINVILLE E TUBARÃO.....</b>	<b>103</b>
4.1 TRABALHO .....	103
4.2 EDUCAÇÃO .....	107
4.3 SAÚDE .....	108

<b>4.4 IDH.....</b>	<b>110</b>
<b>4.5 POBREZA .....</b>	<b>111</b>
<b>4.6 MORADIA .....</b>	<b>112</b>
<b>4.7 DISTRIBUIÇÃO DE RENDA.....</b>	<b>114</b>
<b>4.8 PRODUTO ÍTERNO BRUTO.....</b>	<b>115</b>
<b>4.9 UM DESENVOLVIMENTO EM NÍVEL NACIONAL E ESTADUAL .....</b>	<b>118</b>
<b>CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES .....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>129</b>

## **CAPÍTULO 1 – PROBLEMA DE PESQUISA**

### ***1.1 INTRODUÇÃO***

O Desenvolvimento Socioeconômico é um processo que vem sendo bem discutido, tanto, na agenda de governos e de organizações internacionais, quanto na própria opinião pública. Porém, quanto à qualidade do crescimento econômico que é o caminho convergente para esse desenvolvimento, há ainda uma grande dúvida. Como este fator está sendo inserido nas regiões, para reduzir a pobreza e atingir uma melhor qualidade de vida da população. Quais políticas faltam para alcançar um crescimento sustentado?

Um novo conceito de desenvolvimento surgiu a partir da década de 1980. Antes, estava restrito apenas à definição de crescimento, agora, amplia-se para uma idéia de bem-estar, sustentabilidade, qualidade de vida. Um processo de desenvolvimento sustentável torna-se cada vez mais importante, ou seja, não basta apenas ter um crescimento da renda, mas a qualidade desse crescimento tem grande relevância.

Desta forma, para ter um desenvolvimento que seja capaz de melhorar a qualidade de vida das pessoas, é necessário, além do crescimento da renda, uma educação mais equitativa, maior oportunidades de emprego, maior igualdade de gênero, melhor saúde e nutrição, a sustentabilidade do meio ambiente, liberdades civis e políticas mais amplas, etc.

A pobreza deixou de estar direcionada, simplesmente, à renda e ao consumo. Agora outras variáveis de desenvolvimento estão incluídas na idéia de pobreza como: educação, participação social e política, segurança pessoal e liberdade, qualidade ambiental (BANCO MUNDIAL, 2004).

É cada vez mais evidente que a pobreza, a desigualdade social e a ausência de serviços básicos na área da educação e da saúde, são também causas importantes das dificuldades que os países, regiões têm de enfrentar para sair do círculo vicioso do subdesenvolvimento, já que essas deficiências impedem que as pessoas façam uso de seus talentos e competências, e limitam a capacidade de os países e regiões criarem instituições que permitem desenvolver políticas econômicas e sociais adequadas.

Este trabalho analisa, comparativamente, o processo de desenvolvimento de três microrregiões de Santa Catarina: a Microrregião de Campos de Lages, a de Joinville e a de Tubarão. Optou-se por estas três, já que estão localizadas em áreas diferentes entre si, e por possuírem estruturas produtivas distintas, possibilitando demonstrar alguns diferentes processos de desenvolvimento das regiões de Santa Catarina.

A Microrregião de Campos de Lages é composta, de acordo pelo IBGE, por dezoito municípios: Anita Garibaldi, Bocaiana do Sul, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Celso Ramos, Cerro Negro, Correia Pinto, Lages, Otávio Paniel, Rio Rufino, São Joaquim, São José do Cerrito, Urubici e Urupema, apresentando um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio de 0,752 (PNUD, 2000) e, seu PIB *per capita* em 2004 atingiu R\$ 8.901,00 (IBGE).

A Microrregião de Tubarão apresenta dezenove municípios: Armazém, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Garopaba, Grão Pará, Gravatal, Imaruí, Imbituba, Jaraguaruína, Laguna, Orleans, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, São Martinho, Tubarão e Treze de Maio. Seu IDH médio em 2000 foi de 0,805 (PNUD) e seu PIB *per capita* chegou a R\$ 8.361,00 em 2004, segundo o IBGE.

A Microrregião de Joinville é composta por onze municípios: Araquari, Balneário Barra do Sul, Corupá, Garuva, Guaramirim, Itapoá, Jaraguá do Sul, Joinville, Massaranduba, São Francisco do Sul e Schroeder, e apresentou um IDH médio 0,818 (PNUD) em 2000 e, em 2004 seu PIB *per capita* atingiu R\$ 15.768,00.

Diante do exposto, este trabalho busca verificar as principais problemáticas e deficiências do desenvolvimento socioeconômico dessas microrregiões a partir de dados estatísticos. Indicadores socioeconômicos, tais como, o produto interno bruto *per capita*, educação, saúde e desigualdade de renda. Após, analisar as problemáticas, através da evolução dos respectivos indicadores, tentar-se-á aplicar quais alternativas que são cabíveis a cada microrregião.



## ***1.2 FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS***

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Estabelecer um paralelo do desenvolvimento sócio-econômico entre as Microrregiões do Estado de Santa Catarina: Campos de Lages, Joinville e Tubarão.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Realizar uma discussão teórica sobre o desenvolvimento sócio-econômico, dando destaque às variáveis qualitativas do crescimento econômico com base, principalmente, na abordagem da *Qualidade do Crescimento* de Thomas *et al* (2000);
- Contextualizar as características das Microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão;
- Analisar os aspectos populacionais e o desenvolvimento sócio-econômico e sustentável de cada uma dessas microrregiões e;
- Analisar o desenvolvimento das Microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão em nível nacional e estadual.

## ***1.3 METODOLOGIA***

Após conceituar e analisar a idéia de desenvolvimento sócio-econômico e, as variáveis e suas qualidades relevantes para este processo, através dos seminários, resumos estruturais, leituras, baseados nos aspectos teóricos, realizou-se a coleta de dados que são relevantes para fazer a análise do desenvolvimento das três microrregiões.

Foi feita uma breve apresentação das características gerais de cada microrregião, bem como a evolução de suas populações urbanas e rurais, e da População Economicamente Ativa (PEA); já que, são de extrema importância para a análise dos impactos das mudanças estruturais sob o desenvolvimento socioeconômico das microrregiões.

Os indicadores foram coletados através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Secretária de Estado do Planejamento (SPG) e do Programa das Nações Unidas

(PNUD), etc. Após, foram montadas tabelas, quadros e figuras gráficas apresentando esses indicadores sócio-econômicos e suas evoluções.

Em seguida, foi apresentada uma análise quantitativa e qualitativa da evolução dos respectivos indicadores. E por fim, um estudo comparando essa evolução entre as microrregiões, e após, em um nível nacional e estadual.

Optou-se por coletar os indicadores considerados de maior importância para se fazer um paralelo de desenvolvimento sócio-econômico entre as três microrregiões, limitando-se aos que são disponibilizados pelas instituições.

A metodologia dos indicadores seguiu algumas categorias do Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDS). E ainda, a partir do seu conceito surgiu a idéia de fazer uma tabela comparativa entre as microrregiões.

Abaixo, segue os indicadores que foram estudados, o modelo de como foi montado o quadro da análise comparativa das categorias de indicadores entre as três microrregiões, o cálculo da taxa de desemprego; e o cálculo da taxa de crescimento (evolução) e da variação de alguns indicadores do desenvolvimento.

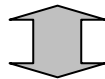
### *Indicadores*

Os indicadores considerados nesta pesquisa são aqueles relacionados ao desenvolvimento social como educação, saúde, emprego e pobreza; ao desenvolvimento econômico como o nível de atividade econômica (PIB *per capita* e PIB por setor) e distribuição de renda (índice de gini); e ao desenvolvimento sustentável através da categoria moradia.

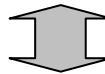
O PIB *per capita* analisado é do ano de 1998 a 2004, já que, antes destes períodos, em nível municipal, ele não é fornecido pelo IBGE.

Entre estes indicadores está o: Índice de Desenvolvimento Humano Microrregional médio (IDH). Optou-se por estudá-lo, pois, ele é o indicador que superou as limitações do indicador PIB, já que apresenta uma noção da qualidade de vida da população de uma forma mais geral.

Indicadores do Desenvolvimento Social	
CATEGORIA	
<b>Educação</b>	Analfabetismo Evasão Escolar Defasagem Escolar
<b>Saúde</b>	Esperança de Vida Mortalidade Infantil Médicos Residentes
<b>Emprego</b>	População Desocupada Total, Urbana e Rural Taxa de Desemprego População Ocupada por Setor
<b>Pobreza</b>	% População Pobre e População Indigente



Índice do Desenvolvimento Humano	
CATEGORIA	
<b>Qualidade de Vida</b>	- Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - <i>Educação</i> (Alfabetização e Frequência à escola) - <i>Longevidade</i> (Esperança de Vida ao nascer) - <i>Renda</i> (PIB <i>per capita</i> )



Indicadores do Desenvolvimento Econômico	
CATEGORIA	
<b>Nível de atividade Econômica</b>	Produto Interno Bruto <i>per capita</i> (PIB <i>per capita</i> ) Produto Interno Bruto por Setor (Agropecuária, Indústria, Serviços)
<b>Distribuição da Renda</b>	Índice de Gini

Indicadores do Desenvolvimento Sustentável	
CATEGORIA	% da População que vive em:
<b>Moradia</b>	Domicílios com instalação adequada de esgoto Domicílios com água encanada Domicílios com serviços de coleta de lixo

*Quadro para análise comparativa dos indicadores entre as Microrregiões*

O quadro que compara os indicadores entre as Microrregiões (logo abaixo segue sua estrutura), apresenta o “melhor”, o “intermediário” e o “pior” indicador entre as microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão. Esta didática se dá da seguinte forma: o melhor indicador entre as três microrregiões é expresso pelo  $I_M^{Cat}_M$ , onde, (I) é o indicador da Microrregião (M) que apresenta o melhor indicador (M) de uma determinada categoria ( $^{Cat}$ ); o indicador  $I_I^{cat}_M$  expressa o indicador (I) da Microrregião (M) que apresenta o indicador intermediário (i) entre as três microrregiões em estudo da respectiva categoria ( $^{Cat}$ ) e; por último, o indicador  $I_p^{Cat}_M$  que mostra o indicador (I) da Microrregião (M) que apresenta o pior indicador (p) da respectiva categoria ( $^{Cat}$ ).

<b><i>Categoria</i></b>	$I_M^{Cat}_M$	$I_I^{Cat}_M$	$I_p^{Cat}_M$
Indicador			

Exemplo para o indicador da categoria *Distribuição de Renda*:

<b><i>Distribuição da Renda</i></b>	$I_M^{Distr.renda}_M$	$I_I^{Distr.renda}_M$	$I_p^{Distr.renda}_M$
Índice de Gini			

Após essa comparação, foi feita uma análise da evolução desses indicadores entre as microrregiões. Pois, a primeira análise possibilitou verificar qual a microrregião mais desenvolvida, já a segunda, mostrou qual microrregião mais vem se desenvolvendo, através da variação dos indicadores das categorias: educação, saúde, pobreza e índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do ano de 1991 para o ano de 2000; a evolução da taxa de desemprego e do pessoal ocupado por setor dos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e; do PIB *per capita* do ano de 1998 a 2004; e a participação de cada setor na composição do PIB durante esse período, e índice de Gini.

### *Cálculo da Taxa de Desemprego*

A taxa de desemprego foi calculada pela seguinte fórmula:

$$(PEA - \text{Pop. Ocupada})/PEA$$

Onde,

- 1) PEA = Total da População Economicamente Ativa em um período de referência,
- 2) Pop. Ocupada = Total da População Ocupada no período de referência.

### *Cálculo da Taxa de Crescimento*

A análise do desempenho da População residente, da População Economicamente Ativa (PEA), pessoal ocupado e desocupado, PIB *per capita*, da estrutura produtiva, do IDH e, da distribuição da renda foi realizada através da Taxa de Crescimento (Evolução - %):

$$(X_t - X_{t-1}) / X_{t-1}$$

### *Cálculo da Variação*

A análise do desempenho das categorias: educação, moradia, pobreza e saúde foi feita através da seguinte forma:

$$(X_t - X_{t-1})$$

## **1.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA**

O meio ambiente é um conjunto de interações entre o homem e a natureza, no qual o homem é o papel fundamental para esta interação, já que, é ele que age sobre a natureza. Entretanto, refletir essa interação através de sistemas de indicadores ainda é uma tarefa muito complexa. Por conseqüência, é difícil encontrar índices de sustentabilidade do meio ambiente. Desta forma, este estudo se limitará aos indicadores da sustentabilidade da água: instalação adequada de esgoto, água encanada e coleta de lixo.

Uma outra limitação é quanto à apresentação do Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDS). Não serão realizados os cálculos para alcançá-lo, pois o objetivo deste trabalho não é este. Faz-se a apresentação desse índice, já que, dele se retirou alguns indicadores, bem como, a estrutura dos quadros que apresentam os indicadores de uma determinada categoria entre as microrregiões.

Não foi utilizada neste trabalho pesquisa de campo.

## CAPÍTULO 2 - ASPECTOS CONCEITUAIS

Os aspectos conceituais partirão de uma breve apresentação da evolução da definição de desenvolvimento sócio-econômico, distinguindo-o da idéia de crescimento econômico. Após, algumas variáveis-chaves do desenvolvimento são apresentadas, tais quais: a educação e a questão da pobreza, ambas dependentes entre si; a saúde; e o desenvolvimento como mudança estrutural.

Abordar a idéia de desenvolvimento como reflexo na mudança estrutural de uma região tem grande importância. Ao entendê-la, pode-se chegar aos dois novos paradigmas do desenvolvimento que surgiram no debate econômico na década de 1980: o Desenvolvimento Sustentável e o Desenvolvimento Endógeno.

São mostrados: o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDS), que exibe uma análise dos reflexos das mudanças nas estruturas produtivas sob as condições sócio-econômicas de uma região, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que se destaca como um indicador de maior importância para estudar o desenvolvimento.

Ao distinguir o conceito de desenvolvimento do de crescimento econômico, chega-se a idéia de que, um crescimento com qualidade possibilita alcançar o desenvolvimento sócio-econômico e sustentável, que será apresentado pela abordagem da *Qualidade do Crescimento* de Vinod Thomas *et al*, (2000).

### ***2.1 Desenvolvimento Sócio-Econômico***

A idéia de desenvolvimento desde meados da década de 1980 vem tomando um sentido mais amplo. Nas décadas de 1950 e 1960 o conceito de desenvolvimento estava limitado à idéia de crescimento agregado.

A partir de 1965, desenvolvimento passou a ser conceituado como processo de mudança tanto social como econômica, segundo *Singer e Seers*. Porém, com as inovações das teorias Econômica, Política e Social, e com as lições tomadas com as mudanças realizadas nos programas de desenvolvimento nas décadas de 1980 (*Desenvolvimento e Redução da Pobreza Reflexão e Perspectiva*, 2004), a definição de desenvolvimento, passou a ser, não só vínculo do crescimento econômico mas, da distribuição da renda e da redução da pobreza.

As variáveis do desenvolvimento ganham uma compreensão mais completa e detalhada. O conceito de pobreza, que antes estava centrado na idéia de renda e consumo, passa a estar relacionada com educação, saúde, participação social e política, segurança pessoal e liberdade, com a qualidade ambiental, etc., segundo o Relatório do Banco Mundial de outubro de 2004, *Desenvolvimento e Redução da Pobreza Reflexão e Perspectiva*.

Segundo Nali de Souza (1995, p.7), desenvolvimento econômico é a existência do crescimento econômico em um ritmo superior ao crescimento demográfico, envolvendo mudanças estruturais e melhora dos indicadores econômicos e sociais *per capita*. É um fenômeno de longo prazo que necessita do fortalecimento da economia nacional, da ampliação da economia de mercado e da elevação geral da produtividade.

Paulo Sandroni define, de forma semelhante que, “Desenvolvimento é o crescimento econômico (aumento do Produto Nacional *per capita*) acompanhado pela melhoria do padrão de vida da população e por alterações fundamentais na estrutura de sua economia” (1999, p.169).

Portanto, somente a evolução quantitativa do PIB *per capita* não é suficiente para se ter uma noção correta da diferença de desenvolvimento entre países ou regiões, ou até mesmo para analisar o desenvolvimento de uma própria região. É necessário, além do indicador de crescimento, de indicadores que resultam em melhorias sociais e econômicas, tais como: saúde, educação mais qualificada, maior nível de segurança e melhor qualidade do meio ambiente.

Desta forma, o Estado ganha um papel crucial quando se fala em desenvolvimento, pois, ele não só possibilita a implantação de infra-estrutura, mas também, e, sobretudo, atua nos serviços sociais de interesse da população.

### **2.1.1 Crescimento e Desenvolvimento**

Há duas correntes de economistas do desenvolvimento, a primeira<sup>1</sup>, é mais teórica e considera desenvolvimento como sinônimo de crescimento; enquanto a segunda<sup>2</sup>, está voltada para uma realidade mais empírica, entendendo que o crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Modelos de crescimento de tradição neoclássica, como Meade e Solow.

<sup>2</sup> Modelos de crescimento mais próximos da realidade das economias subdesenvolvidas, apesar de possuírem raízes ortodoxas. Estão presentes nesta corrente, economistas como Lewis, Myrdal e Nurkse.

<sup>3</sup> SOUZA, Nali de Jesus. 1995.

Os economistas da primeira corrente limitam-se à idéia de que “os países subdesenvolvidos embora possam empregar recursos ociosos, como, terra e mão-de-obra, não utilizam, integralmente, os fatores de produção que dispõe e, portanto, a economia expande-se abaixo de suas possibilidades” (SOUZA, 1995 p.5). Essa noção dá a idéia de que o crescimento econômico, ao distribuir diretamente a renda entre os proprietários dos fatores de produção, automaticamente, melhora os padrões de vida e o desenvolvimento econômico. Entretanto, percebe-se na realidade que esta idéia não é suficiente para definir e estudar o desenvolvimento.

O desenvolvimento não é sinônimo de crescimento, pois, os resultados da expansão do crescimento nem sempre beneficiam a economia como um todo e o conjunto da população. Junto com um crescimento econômico, pode-se obter baixos salários, que limitam o crescimento dos setores que produzem alimentos e outros bens de consumo popular, não permitindo a expansão do setor de mercado interno; a transferência do excedente de renda para outros países, podendo reduzir a capacidade de importar e de realizar investimentos; e a apropriação desse excedente por poucas pessoas gera a concentração de renda (SOUZA, 1995 p. 5).

A segunda corrente considera o crescimento econômico como sinônimo de evolução quantitativa do PIB, enquanto, no desenvolvimento estão inseridas mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, das instituições e das estruturas produtivas. Desta maneira, entende-se desenvolvimento como a transformação de uma economia arcaica em uma economia moderna, eficiente, juntamente com melhoria no nível de vida das pessoas (SOUZA, 1995). É nessa segunda corrente, que está a nova idéia de desenvolvimento, e é neste conceito que o presente estudo será desenvolvido.

### **2.1.2 Educação e Pobreza**

Os recursos naturais que um país possui, de um modo geral, não são as fontes mais seguras para garantir o bem-estar das pessoas, mas sim, os seus recursos humanos e a formação deles. A educação é uma das chaves do desenvolvimento, porém, os progressos nessa área, na maioria das regiões da América Latina, ainda são precários, atrasando a redução da pobreza, já que ambas estão estreitamente vinculadas (SCHWARTZMAN, 2006 p.7).

A pobreza condiciona a educação das crianças, tem impacto em sua biografia e trajetória escolar e, tem influência na permanência, ou não, dela na escola. É como se fosse um círculo vicioso, no qual, a falta de educação gera pobreza e a pobreza gera a falta de educação.



Pessoas consideradas pobres são aquelas que possuem renda familiar apenas para atender às necessidades básicas, como alimentação, moradia, vestuário, educação transporte, saúde e lazer (SOUZA, 1995). No caso do nosso país, tem sido utilizada a renda familiar de  $\frac{1}{2}$  salário mínimo (IPEA, 2006). Esta definição se distingue da definição de população miserável (os indigentes), que são as famílias que cuja renda cobre apenas a alimentação, no caso do Brasil, são aquelas que estão abaixo da linha de  $\frac{1}{4}$  salário mínimo (IPEA, 2006), que possuem apenas o valor de uma cesta básica.

As pessoas que sobrevivem de forma precária, não possuindo boas condições para comer, mal conseguem enfrentar a escola. Uma má alimentação e a falta de recursos necessários impedem muitas vezes o aprendizado do aluno, e a necessidade de crianças abandonarem a escola para ajudar no orçamento familiar, agrava a taxa de evasão escolar. Um outro problema que pode agravar essa situação é a desigualdade social, ao aumentar a distância entre os que têm acesso à educação e os que não possuem condições suficientes para se manter na escola.

A educabilidade pode se referir a dois tipos de fatores distintos: a) um ato de adquirir um conhecimento básico, que acontece nos primeiros anos de vida e que está vinculado a uma estimulação afetiva sadia, boa alimentação e condições de vida sanitárias adequadas; b) uma socialização primária mediante a qual as crianças adquirem os rudimentos de um marco básico que lhes permita incorporar-se a uma instituição especializada distinta da família, como é a escola (FEIJOO, 2002, p.30).

Para que se possa ter um expressivo êxito das crianças na escola, é necessário que haja condições mínimas de saúde, alimentação e materiais escolares suficientes. No entanto, investimentos financeiros e a vontade política dos governantes são fundamentais, atingindo-se uma transformação bem direcionada. Deve-se levar em conta para esta transformação, aspectos como a qualidade da educação, a alfabetização, a qualificação dos professores os currículos escolares, a evasão escolar entre outros.

### **2.1.3 Saúde**

A busca das causas das reduções ou elevações na expectativa de vida das pessoas, ou seja, a esperança de vida ao nascer, vem sendo uma das preocupações mais freqüentes daqueles que estudam os relacionamentos entre os fenômenos biológicos e os fenômenos sociais (GESSER, 2005 p.19).

As condições de saúde das populações podem estar fortemente afetadas por questões de natureza social, como o grau de escolaridade, a renda familiar, etc. Entretanto, apesar de esses fatos parecerem evidentes, Ansari *et al.*, 2003 (*in*:GESSER, 2005, p.20) mostraram que muitos estudos ainda ignoram esses fatores como determinantes de saúde ou como questões que se inter-relacionam com as variáveis biológicas. Entretanto, os fatores sociais são de extrema importância para explicar uma doença, portanto, não devem ser considerados descasos quando se deseja a obtenção de intervenções em saúde pública baseadas em evidências.

A teoria proposta por Hart, na Grã-Bretanha em 1970, demonstra as razões pelas quais as pessoas mais pobres têm menor acesso aos serviços de saúde (HART, 1971, *in*:GESSER, p.20). Hart diz que, nas áreas onde existem mais doentes e alta mortalidade, é onde há mais filas de espera, menor suporte hospitalar, obsolescência de equipamentos e carência de leitos e recursos humanos.

Victoria *et al.*, (*in*:GESSER, 2005, p.20), pouco tempo atrás, propuseram a “*hipótese da equidade inversa*”, mostrando que as intervenções e os programas de saúde primeiro são oferecidos à população que possui um nível socioeconômico mais alto para somente mais tarde, serem ofertados às pessoas mais pobres. De acordo com esses autores, somente após os mais ricos alcançarem baixos níveis de morbidade<sup>4</sup> e mortalidade é que os mais pobres passarão a ganhar acesso às mesmas intervenções.

Wilkinson, 1992 (*in*:GESSER, 2005 p.27), ao realizar um estudo envolvendo um grupo de países europeus, demonstrou que não há uma relação entre renda e saúde, já que as diferenças no nível de renda entre os países não corresponderam, proporcionalmente, diferenças semelhantes nos indicadores de saúde utilizados por ele.

Por outro lado, nos estudos realizados por Szwarcwald *et al.*, 1999 (*in*:GESSER, 2005 p.27) no Brasil, foi analisado o impacto do coeficiente de Gini e da pobreza sobre a saúde das pessoas residentes na cidade do Rio de Janeiro, constatando que há uma correlação estatisticamente significativa destas variáveis com as taxas de mortalidade e com a expectativa de vida. O aumento da esperança de vida ao nascer (cálculo que mede a expectativa de vida de uma população), por exemplo, sugere uma melhoria das condições de vida e de saúde da população (OPAS, 2004).

Logo, é necessário que se alcance equidade<sup>5</sup> nas condições de saúde entre a população, investindo-se nos serviços sociais. Ou seja, os aspectos da saúde estão vinculados à prática social, onde uma série de variáveis pode estar exercendo algum grau de influência sobre os dados de longevidade populacional, bem como aos de mortalidade infantil.

#### **2.1.4 Desenvolvimento e Mudança Estrutural**

A segunda corrente de economistas do desenvolvimento, a chamada corrente estruturalista, diz que o desenvolvimento econômico implica em mudança de estruturas econômicas, sociais, políticas e institucionais, como melhoria da produtividade e da renda média da população. Desta forma, desenvolvimento aqui, está relacionado também, com o fortalecimento da economia nacional, a ampliação da economia de mercado, a elevação geral da produtividade e do nível de bem-estar da população, com a preservação do meio ambiente, ou seja, um crescimento social e sustentável.

Uma região apresentando desenvolvimento, sua economia passa a adquirir mais estabilidade e diversificação; o progresso tecnológico e a formação de capital tornam-se progressivamente fatores endógenos, isto é, são gerados dentro do próprio país, embora haja ainda a integração internacional (SOUZA, 1995 p.7), pode-se dizer que se torna um desenvolvimento endógeno (que será apresentado, também, mais à frente).

Nali de Souza diz então, com essa idéia de desenvolvimento, que o crescimento econômico tem que superar o crescimento demográfico, para que se possa expandir o nível de emprego e a arrecadação pública, a fim de permitir ao Governo realizar gastos sociais e atender prioritariamente às pessoas mais carentes.

## ***2.2 Desenvolvimento Sustentável***

Um conceito mais amplo de desenvolvimento é o desenvolvimento sustentável, que se difundiu na década de 1980, passando a se tornar como um novo paradigma em 1986, e tendo como princípios básicos:

---

<sup>5</sup> Igualdade de recursos para igual necessidade tomando-se em consideração a estrutura da população. (MOONEY, 1983).

- A integração entre a conservação da natureza com o desenvolvimento;
- Satisfação das necessidades humanas fundamentais;
- Perseguir a equidade e justiça social;
- Busca da autodeterminação social e da diversidade cultural e;
- Manter a integridade ecológica.

Segundo Vonbellen (2005, p.23) para que o desenvolvimento seja sustentável, deve-se considerar aspectos referentes às dimensões social e ecológica, bem como fatores econômicos, dos recursos vivos e não vivos e as vantagens de curto e longo prazo de ações alternativas.

O desenvolvimento sustentável, é considerado como desenvolvimento porque não se limita à simples idéia de crescimento quantitativo, relaciona-se, também, com a qualidade das relações humanas com o meio ambiente natural.

E, é sustentável porque responde às necessidades da população presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades (Relatório Brundtland, 1987)<sup>6</sup>.

### ***2.3 Desenvolvimento Endógeno***

O desenvolvimento endógeno se origina no interior do sistema sócio-econômico de uma localidade ou região, mediante seus fatores próprios e internos, ou seja, é um desenvolvimento que vem de dentro da comunidade e que para ser atingido é fundamental a participação, prioritária e persistente da sociedade.

Segundo Antônio V. Barqueiro, o desenvolvimento endógeno é um processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento, que leva a melhoria do nível de vida da população.

Este foi um novo paradigma formado na teoria do desenvolvimento econômico nos últimos vinte anos e que tem como proposta principal, atender às necessidades e demandas da

---

<sup>6</sup> In: FILHO, Gilberto M. 1993 p.131-142.

população local, através da participação ativa da comunidade. Desta forma, esse desenvolvimento busca o bem-estar econômico, social e cultural da comunidade local em seu conjunto.

A idéia do desenvolvimento endógeno está centrada na hipótese de que o sistema produtivo de cada país se expande e se transforma segundo seu potencial de desenvolvimento, por meio de investimentos realizados por empresas e pelos agentes públicos, bem como, sob o próprio controle da comunidade local.

Esse desenvolvimento tem como objetivo principal alcançar um desenvolvimento sustentável e duradouro, e possui como principais ações: a melhoria da infra-estrutura, suprimentos das carências e melhoria da aprendizagem, conhecimento e informação, fortalecimento da capacidade organizacional do território e uso adequado dos recursos não-renováveis.

O novo paradigma envolve os processos de crescimento e as mudanças estruturais, como elementos que impulsionam a execução do desenvolvimento e da industrialização. Antônio V. Barquero pesquisou na Espanha casos empíricos sobre da industrialização endógena. A realizar estudos sobre as mudanças estruturais, tais como: disponibilidade de alguma capacidade empresarial, dotação de mão-de-obra abundante e barata, existência de estrutura social desenvolvida, conhecimento local sobre *novos* produtos e mercados adquiridos pela realização de atividades comerciais prévias e, disponibilidade de poupança oriunda de atividade agrária e/ ou comercial, verificou que estes são fatores impulsionadores para se alcançar o desenvolvimento.

## ***2.4 Índices do Desenvolvimento***

### **2.4.1 Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDS)**

Um indicador de grande relevância que contribui para uma análise dos pontos fortes e fracos das condições sócio-econômicas sob os reflexos das mudanças nas estruturas produtivas de uma região é o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDS).

O IDS é calculado com base em indicadores econômicos: produto e distribuição de renda; e sociais, neste estão inseridos, o indicador saúde, educação, trabalho e moradia.

Pelo resultado do IDS, pode-se observar aspectos do desenvolvimento socioeconômico durante um determinado período, ao mesmo tempo, contribui para uma discussão a respeito das conseqüências socioeconômicas dadas pelas mudanças na estrutura produtiva.

Esse índice é expresso com base no conceito de desenvolvimento sócio-econômico como sendo um crescimento econômico que envolve distribuição de renda, condições de saúde, de educação, de trabalho e de moradia da população. Seu cálculo é proposto metodologicamente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que é expresso pela utilização ponderada de indicadores estatísticos das categorias econômicas e sociais, de acordo com as seguintes equações<sup>7</sup>:

$$(1) \quad \text{IDS} = \frac{\sum_{i=1}^n \text{ID}_i}{n}$$

Pela equação (1), verifica-se que o IDS corresponde à média aritmética simples dos  $n$  índices de desenvolvimento ( $\text{ID}_i$ ) estudados. Onde esses índices se referem aos níveis de desenvolvimento econômico e social, respectivamente.

$$\text{Onde, (2)} \quad \text{ID}_i = \frac{\sum_{j=1}^n \text{ID}_j^{\text{cat}}}{n}$$

mostra que os índices de desenvolvimento ( $\text{ID}_i$ ) são divididos em categorias ( $\text{ID}_j^{\text{cat}}$ ), correspondendo cada  $i$ -ésimo ID à média aritmética simples dos  $n$   $\text{ID}_j^{\text{cat}}$ .

$$\text{E, (3)} \quad \text{ID}_j^{\text{cat}} = \frac{\sum_{k=1}^n \text{ID}_k^{\text{I}}}{n}$$

---

<sup>7</sup>LINS, Hoyêdo N. *et al.*, 2006, p.91-117.

por sua vez, mostra que cada  $j$ -ésimo ID por categoria ( $ID_j^{cat}$ ) é obtido através da média aritmética simples dos  $n$  índices dos indicadores ( $ID_k^I$ ) utilizados na categoria respectiva.

$$\text{Em que, (4)} \quad ID_K^I = \frac{I_K^E - I_K^P}{I_K^M - I_K^P}$$

demonstra que cada  $k$ -ésimo índice do indicador é obtido através do  $K$ -ésimo indicador da região estudada ( $I_K^E$ ), do  $K$ -ésimo indicador da região que apresenta o melhor indicador ( $I_K^M$ ) e do  $K$ -ésimo indicador da região que apresenta o pior indicador ( $I_K^P$ ).

#### 2.4.2 Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Há ainda grande dificuldade de medir de forma adequada o desenvolvimento de uma região. Entretanto, muitos avanços já foram feitos nessa área, e o Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) vem sendo uma variável de grande importância para medi-lo.

Divulgado pela primeira vez em 1990 no *Human Development Report* das Nações Unidas, esse índice, vem superando as limitações do indicador produto interno bruto *per capita*, já que este é um indicador incompleto, pois, pouco pode mostrar a produtividade média e o bem estar de uma sociedade. Por outro lado, o IDH expressa uma idéia de desenvolvimento como um processo de ampliação do campo de escolhas do indivíduo, por meio de acesso a recursos, medido pela renda monetária. O mesmo é aplicado à saúde e à educação. Uma população mais educada tem acesso ao patrimônio cultural da humanidade, ao mesmo tempo, a saúde e a longevidade podem ampliar a capacidade do ser humano de atuação e fruição da vida (FONSECA, 1994).

O IDH é um índice numérico que relaciona três indicadores dentro das categorias: educação (o grau de escolaridade e alfabetização da população), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (PIB *per capita*).

Existe ainda, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) que é utilizado para aferir o nível de desenvolvimento em municípios e, embora meça as mesmas categorias: educação, longevidade e renda, alguns indicadores levados em conta não são muito acessíveis para avaliar as condições de núcleos sociais menores.

### a) EDUCAÇÃO

Para medir o acesso à educação em grandes sociedades, como um país, a taxa de matrícula nos diversos níveis do sistema educacional é um indicador suficientemente preciso. Porém, quando o foco está em núcleos sociais menores, como municípios, esse indicador é menos eficaz, pois os estudantes podem morar em uma cidade e estudar em outra, distorcendo as taxas de matrícula. Neste caso, usa-se o indicador de frequência escolar, que é baseado em dados censitários. Por ele, busca-se a parcela da população daquela cidade que vai à escola em comparação à população municipal em idade escolar (SESPA, 2007).

Um outro critério para a avaliação da educação de uma população é o percentual de alfabetizados maiores de 15 anos. Esse indicador se baseia no direito constitucional de todos os brasileiros de terem acesso às oito séries do ensino fundamental. Ao final desse período, que, pelo calendário normal se encerra aos 14 anos de idade, espera-se que o indivíduo seja capaz de ler e escrever um bilhete simples. Daí a opção por se medir essa capacidade na população com 15 anos de idade ou mais (SESPA, 2007).

### b) LONGEVIDADE

Para avaliar o desenvolvimento humano no que diz respeito à longevidade, o IDH nacional e o IDH municipal usam a esperança de vida ao nascer. Esse indicador mostra qual a média de anos que a população nascida naquela localidade no ano de referência vive, desde que, as condições de mortalidade existentes se mantenham constantes. Quanto menor for a mortalidade registrada em um município, maior será a esperança de vida ao nascer (SESPA,2007).

A esperança de vida é um bom indicador para se avaliar as condições sociais, de saúde e de salubridade; já que considera as taxas de mortalidade das diferentes faixas etárias daquela localidade. Todas as causas de morte são contempladas para se chegar ao indicador, tanto, as ocorridas em função de doenças quanto as provocadas por causas externas, como violência e acidentes (SESPA, 2007).



### c) RENDA

O Produto Interno Bruto *per capita*, trata-se de um indicador eficaz para a avaliação da renda de um universo amplo, como países e unidades da Federação. Esse critério é usado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), mundialmente para o cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano - Renda (IDH-R) dos países e dos Estados (SESPA, 2007).

Contudo, para se avaliar a renda dos habitantes de um município, seu uso se torna inadequado. Por exemplo, nem toda a renda produzida dentro da área do município é apropriada pela população residente. A alternativa adotada é o cálculo da renda municipal *per capita*. Por ela é possível, por exemplo, verificar a desagregação por cor ou gênero da população, o que seria inviável de outra maneira (SESPA, 2007).

O valor do IDH de uma região pode variar de zero (0), quando não há nenhum desenvolvimento humano, a um (1), quando o desenvolvimento humano é total. Sendo que, as localidades com IDH até 0,499 são consideradas de desenvolvimento humano baixo; com índices entre 0,500 e 0,799 são consideradas de desenvolvimento humano médio; e com índices maiores que 0,800 são consideradas de desenvolvimento humano alto (PNUD).

## 2.5 Crescimento com Qualidade

Hoje uma criança de um país em desenvolvimento pode esperar viver mais, ter melhor saúde, educação e até mesmo ser mais produtiva do que alguns anos atrás. A expectativa de vida aumentou muito nas últimas décadas. O avanço da tecnologia revolucionou a comunicação e a informação que, por sua vez, possibilitou as pessoas a terem maior conhecimento pelo mundo inteiro e, o fim da ditadura possibilitou mais liberdade e oportunidades às pessoas.

Porém, nossa realidade ainda mostra grandes deficiências em muitos aspectos para alcançar o desenvolvimento. A desigualdade social ainda é alarmante em muitos países em desenvolvimento, há ainda muitas pessoas vivendo na miséria, sem contar com as significativas deficiências no tratamento da água, da alfabetização, a perda da biodiversidade e a poluição do ar. Um exemplo que mostra essa nossa realidade, é o caso extremamente precário da África e, não indo muito longe, o do nosso próprio país que apresenta ao redor das grandes cidades pessoas vivendo em grande miséria.

Partindo desses princípios, Vinod Thomas *et al.*, em seu trabalho *A qualidade do Crescimento*, abordou como tema central: a importância fundamental da qualidade dos fatores convergentes para o crescimento, para se atingir uma melhor qualidade de vida para todos e a redução da pobreza.

Segundo Vinod Thomas *et al.* um crescimento qualitativo é um crescimento com investimento não apenas em capital físico, mas, sobretudo, em capital humano, sustentando os capitais naturais, administrando riscos e melhorando o governo, reduzindo a pobreza, e por consequência, uma qualidade de vida melhor, trazendo como resultado, um desenvolvimento sustentavelmente ambiental e social.

Uma melhor qualidade requer salários mais justos aos pobres, entretanto, faz-se necessário, políticas econômicas e institucionais sólidas que contribuam para um crescimento sustentado. Ao atingir salários mais justos, são necessárias também, melhores e maiores oportunidades de educação, emprego, maior qualidade de saúde e nutrição, um meio ambiente mais sustentável, um sistema legal e judicial imparcial, maiores liberdades civis e políticas, instituições confiáveis e transparentes e, livre acesso a uma vida cultural rica e diversificada ( THOMAS *et al.*,2000 p. 14).

Desta forma, a redução da pobreza necessita que os aspectos da qualidade de vida sejam melhorados, tais como, a desigualdade social e a educação. Reduzindo a desigualdade social e melhorando a educação, pode-se alcançar um crescimento com maior qualidade e, por consequência, a redução de pessoas que vivem em grande miséria.

Nessa perspectiva da qualidade do crescimento, o estudo de Thomas *et. al.* demonstra como o crescimento é gerado e se ele é, suficientemente, sustentável para a qualidade de vida da população, já que, enquanto a renda *per capita* cresce aceleradamente em muitos países em desenvolvimento, alguns de seus aspectos sociais ainda apresentam grandes deficiências.

Na página seguinte é apresentado um simples esquema da *Teoria da Qualidade do Crescimento*. Observando essa apresentação, pode-se perceber que o crescimento sustentável, o bem-estar e a qualidade dos fatores chaves do crescimento são variáveis que estão interligadas e que, por elas se alcança o desenvolvimento e, por conseguinte, chega-se a uma melhor qualidade de vida.

O desenvolvimento melhora a qualidade de vida, mas isto requer um crescimento da renda *per capita* e junto, uma educação mais equitativa e oportunidade de emprego, maior igualdade de

gênero, melhor saúde e nutrição, meio ambiente mais limpo e mais sustentável, sistema judicial e legal imparcial, liberdades civis e políticas mais amplas. Ou seja, uma qualidade dos fatores-chaves para o desenvolvimento é essencial para o crescimento sustentável que, por sua vez, leva ao bem-estar.

O bem-estar da população está relacionado a uma renda *per capita* contada de forma individual ou familiar, com a inclusão de oportunidades, enquanto taxadas pelo funcionamento do mercado e dos investimentos; e melhor saúde e educação, segurança, inclusão social e, sustentabilidade do meio ambiente (Vinod Thomas et al).

Partindo-se desses aspectos do processo de crescimento, sobre uma ótica de melhor qualidade de vida, o desenvolvimento está focado sobre três princípios básicos:

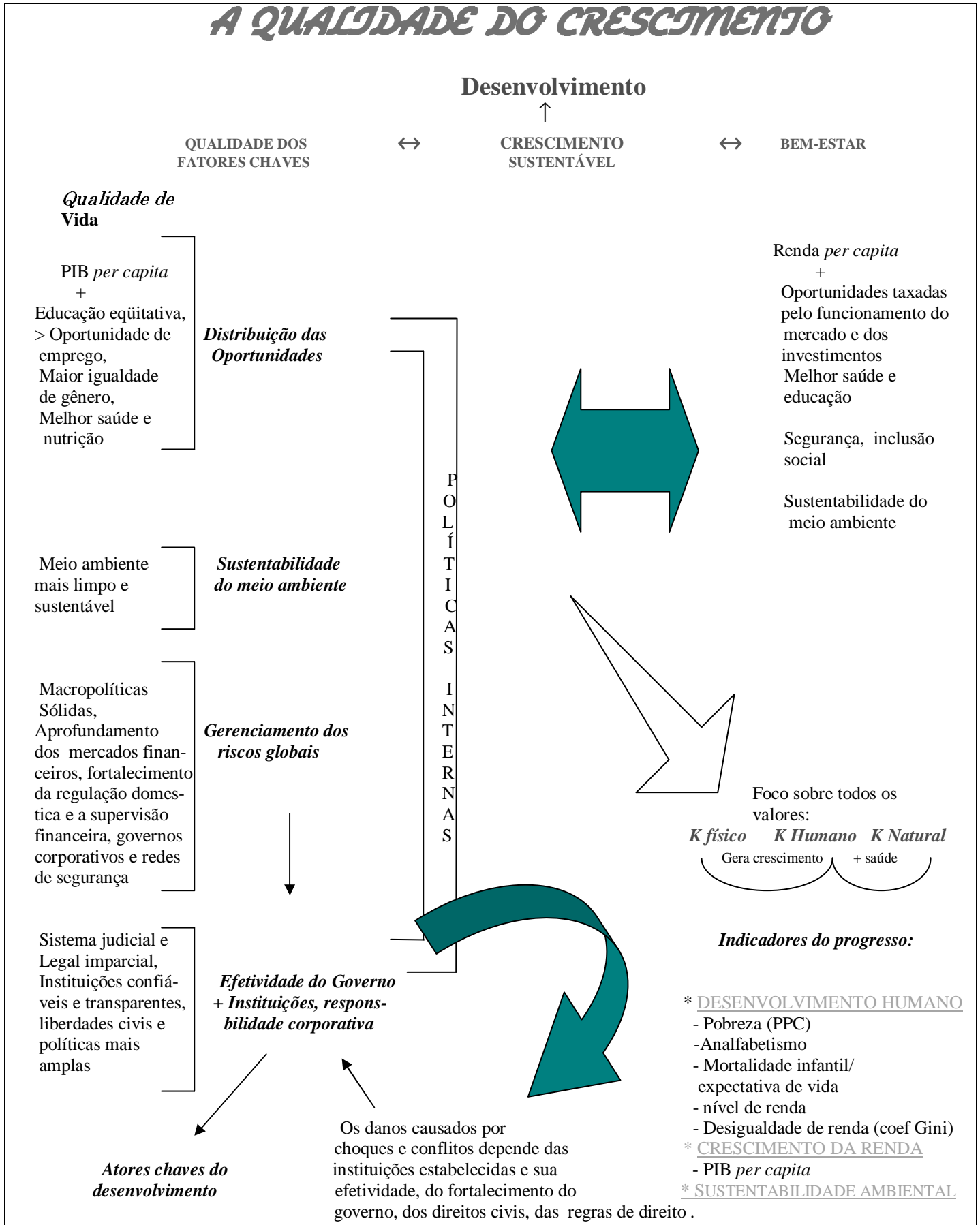
- Sobre os valores físico, humano e natural: é essencial a atenção sobre o capital físico, já que este possibilita um acelerado crescimento, porém, não se deve deixar de lado o capital humano e natural. O progresso tecnológico e a produtividade, e o capital físico impactam sobre a pobreza no longo prazo. Dessa maneira, é necessário acumulá-los, mas, deve-se usá-lo com eficiência, evitando a grande degradação do meio ambiente.

- Atender aos aspectos distributivos no decorrer do tempo. Uma distribuição mais equitativa de bens produtivos implica em uma distribuição mais equitativa de remuneração, sendo assim, para o crescimento reduzir a pobreza, ele não necessita apenas ser estável, mas seus benefícios devem ser equitativamente distribuídos.

- Enfatizar a estrutura institucional para o bom governo: investir na capacidade para um melhor governo é a principal prioridade para um melhor desempenho econômico, além de promover empresas competitivas e implementar estratégias de desenvolvimento.

Desta forma, ao fazer essa análise da qualidade do crescimento, observa-se que o desenvolvimento está associado ao bem-estar social. Sendo assim, para integrar o crescimento qualitativo em análises do desenvolvimento são necessários índices multidimensionais de bem

# A QUALIDADE DO CRESCIMENTO



estar. O desenvolvimento deve ser medido tanto, pelos avanços humanos e ambientais, como pelo crescimento da renda, que interferem no seu desempenho.

### 2.5.1 Componentes que influenciam no desempenho dos Indicadores do Desenvolvimento

#### Desenvolvimento Humano

A – **Pobreza**: Expressa o percentual da população residente com renda familiar mensal per capita de até meio salário mínimo, em determinado espaço de tempo geográfico, no ano considerado (OPAS, 2004).

A proporção de pobres possibilita dimensionar o contingente de pessoas em condições precárias de sobrevivência; analisar variáveis geográficas e temporais da proporção de pobres, identificando situações que podem demandar avaliação mais aprofundada; contribui para a análise da situação socioeconômica da população identificando estratos que requerem maior atenção de políticas públicas de saúde, educação e proteção social, entre outras; e subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas de distribuição de renda (OPAS, 2004).

O método de cálculo da proporção de pobres é expresso da seguinte forma:

$$\frac{(\text{População residente com renda familiar mensal per capita de até meio salário mínimo})}{(\text{População residente total})} \times 100$$

B – **Mortalidade Infantil**: É o número de crianças que não irão sobreviver ao primeiro ano de vida em cada mil crianças nascidas vivas (PNUD).

A taxa de mortalidade infantil estima o risco de morte dos nascidos vivos durante o seu primeiro ano de vida. Ela, geralmente é classificada em alta (50 crianças ou mais que não sobrevivem até um ano de idade para cada mil crianças nascidas vivas); média (20 a 49 crianças que não sobrevivem até um ano de idade para cada mil crianças nascidas vivas) e; baixa (menos de 20 crianças que não sobrevivem até um ano de idade para cada mil crianças nascidas vivas) (PEREIRA,1995).

As altas taxas de mortalidade infantil refletem, de maneira geral, a baixos níveis de saúde e de desenvolvimento socioeconômico. Entretanto, as taxas baixas também podem encobrir más condições de vida em segmentos sociais específicos (OPAS, 2004).

Através do indicador mortalidade infantil é possível analisar variações geográficas e temporais da mortalidade infantil, identificando tendências e situações de desigualdade que possam demandar a realização de estudos especiais; além de contribuir para a avaliação dos níveis de saúde e de desenvolvimento socioeconômico da população e, subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas e ações de saúde voltadas para a atenção pré-natal e ao parto, bem como para proteção da saúde infantil.

O método de cálculo desse indicador se dá da seguinte forma:

$$\frac{\text{(N° de óbitos de residentes com menos de um ano de idade)}}{\text{(N° total de nascidos vivos de mães residentes)}} \times 100$$

C - **Analfabetismo:** É o percentual de pessoas de 15 anos e mais de idade que não sabem ler nem escrever pelo menos um bilhete simples, no idioma que conhecem, na população total residente da mesma faixa etária, em determinado espaço geográfico, no ano considerado (OPAS, 2004).

A taxa de analfabetismo possibilita analisar variações geográficas e temporais do analfabetismo, situações que podem demandar avaliação mais aprofundada; dimensionar a situação de desenvolvimento socioeconômico de um grupo social em seu aspecto educacional; propiciar comparações nacionais e internacionais; contribui para a análise das condições de vida e de saúde da população, utilizando esse indicador com *proxy* da condição econômico-social da população. A atenção à saúde das crianças é influenciada positivamente pela alfabetização da população adulta, sobretudo das mães; e possibilita subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas de saúde e de educação. Pessoas não alfabetizadas requerem formas especiais de abordagem nas práticas de promoção, proteção e recuperação da saúde (OPAS,2004).

O método de cálculo da taxa de alfabetização:

$$\frac{\text{(Nº de pessoas residentes de 15anos e mais de idade que não sabem ler e escrever um bilhete simples, no idioma que conhecem)}}{\text{(População total residente desta faixa etária)}} \times 100$$

**D – Expectativa de Vida:** É o número médio de anos que as pessoas vivem a partir do nascimento. A fórmula de cálculo de expectativa de vida é baseada no cálculo da esperança de vida ao nascer. Esse cálculo expressa a probabilidade de tempo médio de vida da população, representando uma medida sintética da mortalidade, não estando afetada pelos efeitos da estrutura etária da população (OPAS, 2004).

O índice esperança de vida analisa as variações geográficas e temporais na expectativa de vida da população; contribui para a avaliação dos níveis de vida e de saúde da população, e torna possível subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas de saúde e de previdência social, entre outras, relacionadas com aumento da expectativa de vida ao nascer (oferta de serviços, atualização de metas, cálculos atuariais), (OPAS, 2004).

O cálculo é feito segundo uma unidade geográfica (Brasil, grandes regiões, estados, distrito federal), podendo ser dividido por sexo (masculino e feminino). A partir de *tábuas* de vida elaboradas para cada área geográfica, toma-se o número correspondente a uma geração inicial de nascimentos ( $I_0$ ) e determina-se o tempo cumulativo vivido por essa mesma geração ( $T_0$ ) até a idade limite. A esperança de vida ao nascer é o quociente da divisão de  $T_0$  por  $I_0$  (OPAS, 2004).

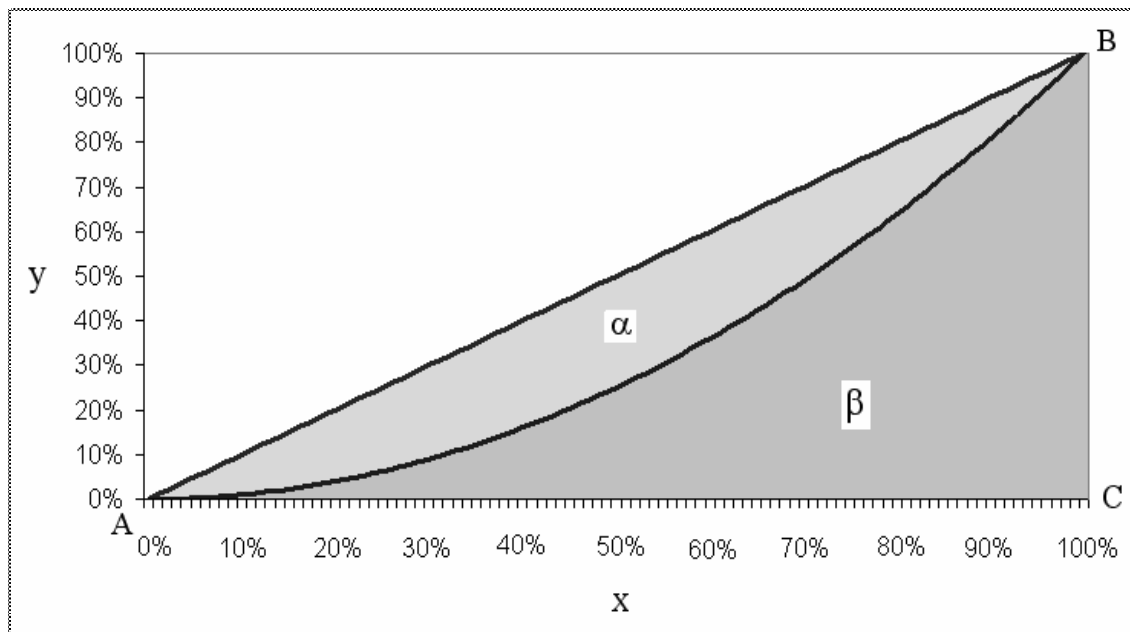
**E – Desigualdade da Renda:** O problema da concentração ou desigualdade de renda é um dos fatores impactantes na saúde das pessoas, pois aqueles que possuem menores condições socioeconômicas têm menor possibilidade de acesso aos serviços de saúde (HART, 1971).

A desigualdade da distribuição é calculada segundo o coeficiente de *Gini*, que é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico Italiano Corrado Gini. Esse índice mede o grau de concentração ou desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar *per capita*. Seu valor varia de zero, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos

tem o mesmo valor), a um, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade, e a renda de todos os outros indivíduos é nula) (PNUD).

O índice de Gini é derivado através da curva de Lorenz, que é uma representação gráfica construída a partir da ordenação da população pela renda. No eixo horizontal (X) fica a porcentagem acumulada da população, enquanto, no vertical (Y), a porcentagem acumulada da renda, permitindo identificar qual a parcela da renda total acumulada pelas diversas camadas da população. Quando todos os indivíduos ganham a mesma parte da renda total, ou seja, no caso da perfeita igualdade, o gráfico seria representado pela reta de 45 graus. Quanto mais distante a curva dessa reta maior a desigualdade (ANTRAX, 2007), ou seja, uma proporção maior da população vai apropriando uma proporção menor da renda.

**Quadro 1: Curva de Lorenz**



*Fonte: IPECE.*

Geometricamente, o índice de Gini é definido pela área  $\alpha$  dividida pela soma das áreas  $\alpha$  e  $\beta$  :

$$G = \frac{\alpha}{\alpha + \beta}$$



Em um Extremo, quando a desigualdade é zero e a distribuição de renda é perfeita,  $\alpha = 0$ . então:

$$G = \frac{0}{0 + \beta} = 0$$

No outro extremo, quando a desigualdade é extrema e apenas um indivíduo acumula toda a renda, temos  $\beta = 0$ . Então:

$$G = \frac{\alpha}{\alpha + \beta} = 1$$

O coeficiente de Gini, ainda pode ser calculado pela a Fórmula de Brown, que é mais prática (WIKIPEDIA):

$$G = \left| 1 - \sum_{k=0}^{k=n-1} (X_{k+1} - X_k)(Y_{k+1} - Y_k) \right|$$

*Fonte : WIKIPÉDIA*

onde:

- G = coeficiente de Gini
- X = proporção acumulada da variável "população"
- Y = proporção acumulada da variável "renda"

### **Crescimento da Renda**

**A - Crescimento do PIB *per capita*:** O PIB (Produto Interno Bruto) exprime o valor da produção realizada dentro das fronteiras geográficas de um país, num determinado período, independentemente da nacionalidade das unidades produtoras. **PIB = C + I + G + NX**, onde C = Consumo; I = Investimento; G = Despesa do Governo; e NX = Exportações Líquidas.

O PIB *per capita*, por sua vez, é o valor médio agregado dos bens e serviços finais produzidos por indivíduo, em moeda corrente e a preços de mercado, em determinado espaço geográfico, no ano considerado. Valores muito baixos assinalam, em geral, a existência de segmentos sociais com precárias condições de vida (OPAS, 2004).

O método de cálculo do PIB per capita é expresso pela seguinte fórmula:

$$\frac{\text{(Valor do PIB em moeda corrente, a preço de mercado)}}{\text{(População total residente)}}$$

### Sustentabilidade Ambiental

Os indicadores de sustentabilidade medem a distância entre o impacto ambiental real e aquilo que a biosfera pode aceitar. Por exemplo, se uma região quiser se desenvolver de uma maneira sustentável, quais os tipos de impactos ambientais, sociais e econômicos ela pode receber? Serão estes impactos aceitáveis? Será que a região estará caminhando na direção do desenvolvimento sustentável (ZHAO, 1999 *in* :Revista Meio Ambiente Industrial, 2002).

**A – Emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>):** A emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) resulta da queima de combustíveis fósseis para se obter energia, seja em usinas de energia, casas, fábricas ou outras fontes, e da destruição de florestas.

Quando se consegue prevenir ou reduzir, por exemplo, uma tonelada de carbono, ou até mesmo compensada ao ser absorvida pelas plantas, essa tonelada de gás é mantida fora da atmosfera ou removida dela. Esse procedimento reduz os níveis de (CO<sub>2</sub>) da atmosfera por toda parte (Guaraquecaba: Projeto de ação climática).

Na indústria, a principal contribuição química para a emissão de dióxido de carbono deriva da queima de combustíveis, direta ou indiretamente associados ao uso de eletricidade. Assim estas emissões são calculadas com base no consumo de energia. a1) – o parâmetro das emissões de CO<sub>2</sub> corresponde à energia total consumida proveniente de combustíveis, e é calculado em toneladas equivalente de CO<sub>2</sub> multiplicando as quantidades de combustíveis sólido, líquidos e gasosos usados para a produção de energia (calor, potência ou para auto produção de eletricidade), pelos correspondentes fatores de emissão de CO<sub>2</sub>. a2) – também a quantidade de emissões de CO<sub>2</sub> associadas à eletricidade “liquida” comprada, deve ser incluída. Cada país, tem um *mix* de fontes geradoras de eletricidade e conseqüentemente uma média de emissões de CO<sub>2</sub> por cada Kwh (quilowatts hora) produzido. Deve-se ter em consideração o fator nacional de emissão de CO<sub>2</sub> para a eletricidade gerada. a3) - alguns processos químicos produzem emissões de CO<sub>2</sub> (amoníaco, carbonato de sódio, etc.).

**B – Desmatamento:** O desmatamento é diretamente causado pela ação do homem sobre a natureza, principalmente, devido a abates realizados pela indústria madeireira, bem como, para a obtenção do solo para cultivos agrícolas.

O desmatamento interfere na fauna, destrói espécies da flora, contribui para a poluição da água, do ar, para as chuvas ácidas, para o efeito estufa e a comercialização ilegal de madeiras nobres, e ainda, contribui para o esgotamento das fontes de água natural prejudicando o abastecimento, o que vem preocupando brasileiros e ambientalistas do mundo todo (Zero Hora,2006).

No Brasil há três importantes fatores responsáveis pelo desmatamento: as madeiras, a pecuária e o cultivo da soja. E, como boa parte opera ilegalmente, principalmente na Amazônia, os estragos na floresta são cada vez maiores (WIKIPÉDIA).

**C – Poluição da água** – A água está cada vez mais se tornando um bem escasso, e sua qualidade se deteriora cada vez mais rápido, apesar dos vários esforços para armazenar e diminuir seu consumo.

A água subterrânea, por exemplo, é considerada mundialmente uma fonte indispensável de abastecimento para consumo da humanidade; porém, há ainda muitas pessoas que não têm acesso à rede pública de abastecimento, e aquelas que possuem o fornecimento com frequência é irregular (GESSER, 2005 p.28).

Questões ambientais, abastecimento de água e sistemas de esgotos estão fortemente relacionados com as condições de vida e de saúde da população. Precárias condições ambientais, abastecimento de água insuficiente e sistemas de esgotos inadequados são uns dos maiores obstáculos para o controle de várias doenças (cólera, etc.). As regiões sem água encanada e sem redes de esgoto, são áreas de risco para uma maior prevalência de doenças gastrointestinais e a cólera (GEROLOMO; PENNA, 2000 *in*: GESSER p.29).

Desta forma, para que haja uma disponibilidade de água encanada com qualidade é fundamental que se tenha um planejamento urbano, combatam-se as más condições de infraestrutura e a localização indiscriminada de poços e fossos (EGWARI; ABOABA, 2002 *in*: GESSER p.32).

## CAPÍTULO 3 - ANÁLISE MICRORREGIONAL

No governo de Colombo Machado Salles (1971-1974) foi implantado o Projeto Catarinense de Desenvolvimento (PCD), que tinha como objetivo integralizar as regiões ainda isoladas do Estado. Com o intuito de descentralizar as políticas econômicas, seguindo as orientações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Estado, na década de 1970, foi subdividido em treze microrregiões.

As Microrregiões geográficas constituem uma divisão territorial, tanto para fins didáticos quanto estatísticos. Compreendem um agrupamento de vários municípios que apresentam, entre si, características naturais e socioeconômicas semelhantes.

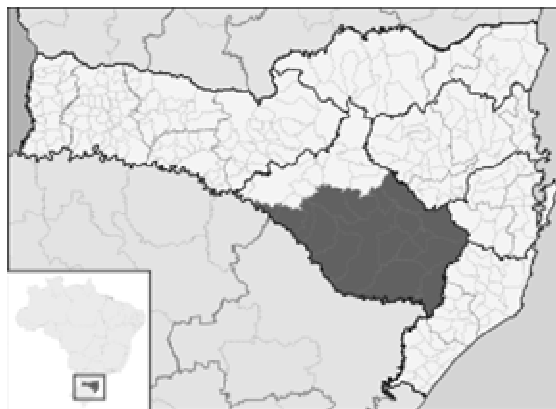
Conforme a divisão elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Santa Catarina possui seis mesorregiões que estão hoje divididas em vinte microrregiões geográficas. Sendo que neste estudo, são analisadas três dessas vinte microrregiões catarinenses: a de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão que, apresentam características naturais diferentes entre si e, por conseqüência, atividades produtivas distintas.

Neste capítulo, são focalizadas as características geográficas (gerais) de cada uma dessas microrregiões e após, as socioeconômicas, com o intuito de se alcançar uma comparação do desenvolvimento socioeconômico entre elas, que será apresentada no capítulo quatro.

### *3.1 Características Gerais*

#### *Microrregião de Campos de Lages*

*Mapa 1:* Microrregião de Campos de Lages



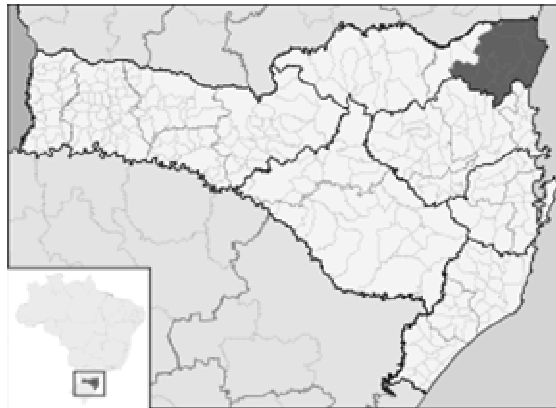
Fonte: WIKIPÉDIA

A microrregião Campos de Lages, pertencente à Mesorregião Serrana de Santa Catarina, dividi-se em dezoito municípios: Anita Garibaldi, Bocaiana do Sul, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Celso Ramos, Cerro Negro, Correia Pinto, Lages, Otacílio Costa, Paineira, Palmeira, Rio Rufino, São Joaquim, São José do Cerrito, Urubici e Urupema. Abrange uma área total de 15.726,010 km<sup>2</sup> e uma densidade de 18,6 hab/km<sup>2</sup> (estimativa 2004).

É uma microrregião povoada por descendentes de italianos oriundos do Rio Grande do Sul, predominando como atividade econômica a pecuária extensiva e, destacando-se também, a indústria de papel e celulose, e a madeira.

### ***Microrregião de Joinville***

**Mapa 2:** Microrregião de Joinville



Fonte: WIKIPÉDIA

Joinville é uma das microrregiões de Santa Catarina que pertence a Mesorregião Norte, possuindo uma área total de 4.617.330 km<sup>2</sup> e uma densidade de 163,9 hab/km<sup>2</sup> (estimativa 2004), onde abrange onze municípios: Araquari, Balneário Barra do Sul, Corupá, Garuva, Guaramirim, Itapoá, Jaraguá do Sul, Joinville, Massaranduba, São Francisco do Sul e Schroeder.

Colonizada por vicentistas e alemães, essa microrregião se caracteriza como uma zona industrial, possuindo também, a policultura e porto para a exportação e importação.

## *Microrregião de Tubarão*

**Mapa 3:** *Microrregião de Tubarão*



Fonte: WIKIPÉDIA

A microrregião de Tubarão, localizada na Mesorregião do Sul Catarinense, possui uma área total de 4.657,658 km<sup>2</sup>, dividindo-se em dezenove municípios: Armazém, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Garopaba, Grão Pará, Gravatal, Imaruí, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Orleans, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, São Martinho, Treze de Maio e Tubarão, o que a caracteriza com uma densidade de 76,9 hab/km<sup>2</sup> (estimativa 2004).

Seus municípios estão localizados, em sua maioria, na Bacia do Rio Tubarão, apresentando significativa área litorânea. Esta área é colonizada, principalmente, por vicentistas, onde a pesca é abundante, enquanto, a agricultura não é muito expressiva nessa área.

Já o interior é colonizado por italianos, destacando-se nessa área, a atividade agrícola principalmente a cultura do arroz, mandioca e fumo. Quanto às indústrias, as principais estão ligadas ao setor carbonífero.

### **3.2 Aspectos Populacionais**

Os aspectos populacionais têm uma grande importância para a análise do desenvolvimento das regiões. Pois, como já foi mencionado anteriormente, um crescimento econômico superior a um crescimento demográfico leva à expansão no nível de emprego e na

arrecadação pública, permitindo que o governo realize mais gastos voltados a área social e atenda as pessoas mais carentes, melhorando assim, os indicadores sociais (SOUZA, 1995).

No primeiro item é apresentada a evolução da população em termos absolutos e sua distribuição entre a área urbana e rural. Tais dados proporcionam uma base comparativa do aumento da população em relação ao crescimento do Produto Interno Bruto *per capita*.

Após, é analisada a evolução da PEA que, possibilitará verificar mais a frente, a situação do trabalho em cada microrregião. Ao compará-la com a evolução do pessoal ocupado, é possível, por sua vez, analisar o desemprego.

### 3.2.1 População Residente Urbana, Rural e Total

#### *Microrregião de Campos de Lages*

Nas últimas três décadas, a microrregião de Campos de Lages apresentou pequenas variações no número de habitantes, sendo que, a partir de 1991 sua evolução começou a decair. A maior parte da população se concentra na área urbana. Em 2000, residiam nessa área 225.152 habitantes, ou seja, 79% da população total (tabela 1).

**TABELA 1: População Residente Rural, Urbana e Total (1970-2000)  
e Estimativa da População da Microrregião de Campos de Lages 2001-2000**

<b>Área</b>	<b>Número de Habitantes</b>			
	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Urbana	112.676	155.358	199.329	225.152
Rural	116.848	92.917	70.139	59.800
<b>TOTAL</b>	<b>229.524</b>	<b>248.275</b>	<b>269.468</b>	<b>284.952</b>

<b>Estimativa da População</b>	<b>Número de Habitantes</b>			
	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
<b>TOTAL</b>	<b>285.702</b>	<b>288.236</b>	<b>289.758</b>	<b>292.958</b>

*Fonte:* População residente urbana e rural, total: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

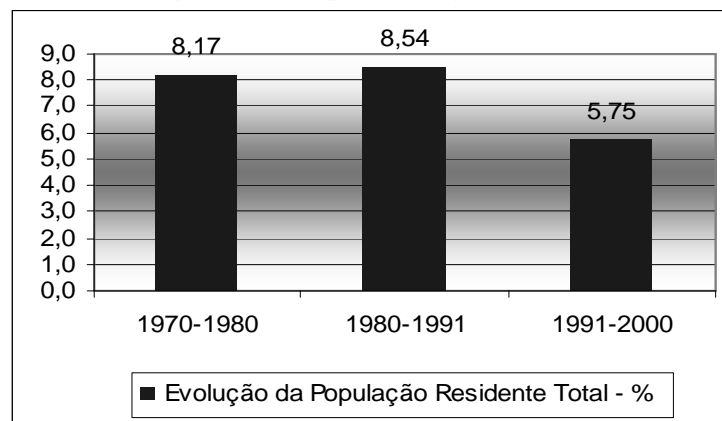
\* Estimativa população: IBGE e PNUD.

O pequeno aumento da população na microrregião desde 1970 deu-se, em função do declínio da fecundidade (Ana Amélia, 2007, *in*: Revista *IdadeAtiva*) e, sobretudo, ao esgotamento

das reservas de araucárias; e do não reflorestamento durante as décadas de 1950 e 1960 em Lages, período de grande auge da indústria da madeira. Essa situação marcou a decadência das atividades madeireiras após 1970. Muitas serrarias oriundas do Rio Grande do Sul transferiram-se para a Região Norte (Gethal, Pisani e Novo Sul) ou para o Mato Grosso (Mapil, Giroto e Dal Pisol). Outras trocaram de ramo, indo para o setor de alimentos ou simplesmente fecharam (Alcides Filho, 2002 p. 258), o que ocasionou a emigração de muitos habitantes dessa microrregião.

A figura 1 apresenta a evolução da população. Enquanto, no período de 1980-1991 o número de habitantes da microrregião de Campos de Lages aumentou em 8,54%, no período de 1991-2000 esse percentual reduziu para 5,75%.

**Figura 1: Evolução da População Residente Total da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

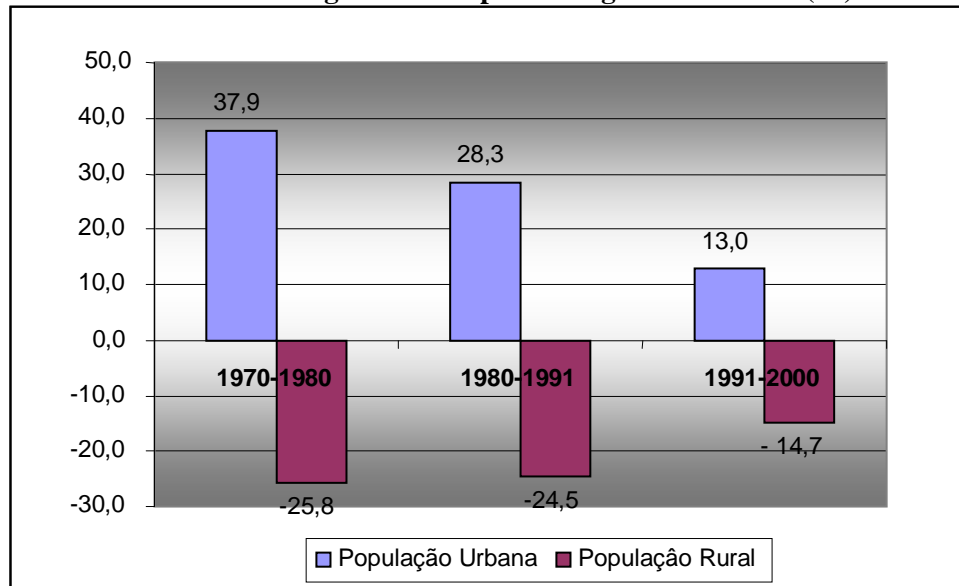
Ao separar a evolução da população entre a área urbana e rural, conforme é apresentado na figura 2, verifica-se que, enquanto na zona urbana o número de habitantes cresceu, na área rural ocorre o inverso.

Até 1991, a população rural vinha diminuindo abaixo do aumento da população urbana. Estima-se, porém, que a partir de 1991 começa a ocorrer um processo expressivo de emigração na microrregião de Campos de Lages. De 1991 para 2000, a população urbana evoluiu em 13%, enquanto a rural caiu 14,7%. Após, a queda das atividades madeireiras na região serrana, na década de 70, não houve uma diversificação industrial capaz de manter e expandir o número de



emprego e da renda regional, dessa forma, a população passa a migrar para outras regiões do estado em busca de melhores condições de vida (Alcides Filho, 2002 p. 259).

**Figura 2: Evolução da População Residente Urbana e Rural da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**

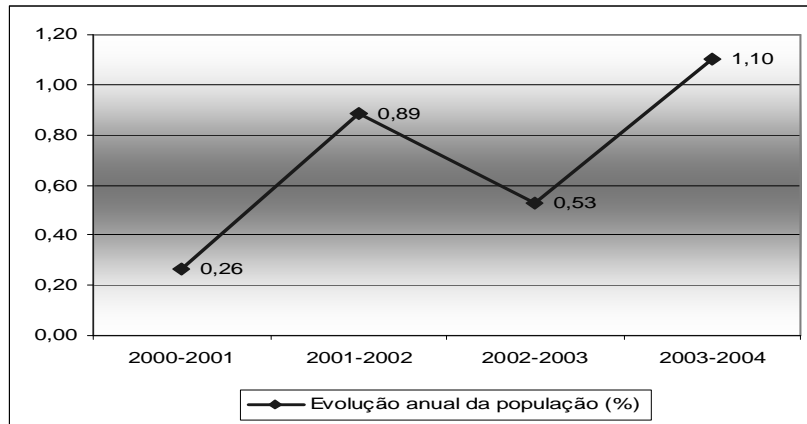


Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Correia Pinto e Otacílio Costa são municípios que obtêm um baixo índice de crescimento populacional, apesar de serem cidades monoindustriais, apresentando um alto nível de produção industrial setorizada. Pois, essas indústrias não possuem a menor perspectiva de diversificação econômica. Elas são apenas duas cidades pacíficas com duas grandes empresas (Igaras e a Klabin), atraídas pelo preço subvalorizado das terras, pela água abundante e pela disponibilidade inicial de madeira (FILHO, A., 2002 p.253), não atraindo pessoas para essas localidades.

A figura 3 permite acompanhar a estimativa anual do crescimento da população, de 2001 até 2004, o que possibilitará mais a frente, compará-la com a do PIB *per capita*. Como se pode verificar, a população total tem pequenas elevações e quedas. Mas, fazendo-se uma estimativa da

**Figura 3: Evolução Anual da População Total da Microrregião de Campos de Lages 2000-2004 - (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e PNUD.

evolução de 2001-2004, a tendência é que o crescimento da população continue a desacelerar ao longo dos anos.

### ***Microrregião de Joinville***

Na microrregião de Joinville, percebe-se, a partir da tabela 2 que, nas últimas três décadas o número de habitantes aumentou muito (de 1970 para 2000, ela cresceu em 202,1%). Enquanto em 1970, sua população residente total era de 224.891, em 2000 passou para 679.315.

A maior parte desses habitantes reside na área urbana. Em 2000, 92,4% da população da microrregião concentrava-se nessa área, ou seja, 627.471 habitantes.

**TABELA 2: População Residente Rural, urbana e Total (1970-2000) e Estimativa da População de 2001-2004 da Microrregião de Joinville**

<b>Área</b>	<b>Número de Habitantes</b>			
	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Urbana	153.945	298.332	475.840	627.471
Rural	70.946	59.894	52.452	51.844
<b>TOTAL</b>	<b>224.891</b>	<b>358.226</b>	<b>528.292</b>	<b>679.315</b>

<b>Estimativa da População</b>	<b>Número de Habitantes</b>			
	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
<b>TOTAL</b>	<b>696.902</b>	<b>711.092</b>	<b>725.838</b>	<b>756.798</b>

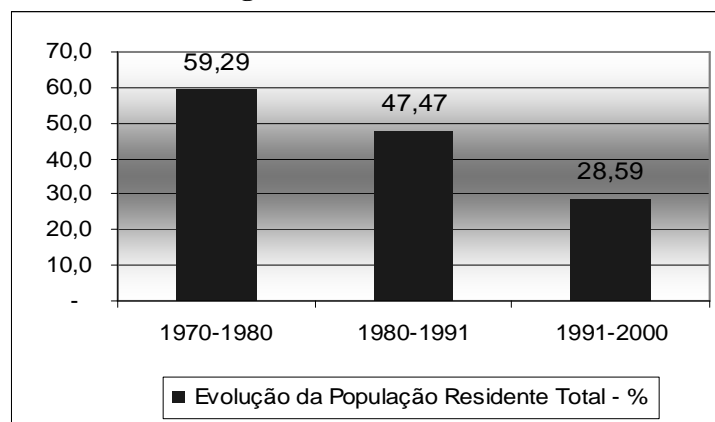
Fonte: População residente urbana e rural, total: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

\*Estimativa população: IBGE e PNUD.

Através da figura 4, verifica-se, entretanto que, o aumento da população veio desacelerando a partir da década de 1980. Enquanto, do ano de 1970 para 1980, a população residente total dessa microrregião evoluiu em 59,29%, no período de 1980 para 1991 ela cresceu em 47,47%; e de 1991-2000, apenas 28,59%.

Desde 1960 já vinha ocorrendo um processo de queda da fecundidade na grande maioria dos países em desenvolvimento, e as microrregiões catarinenses acompanharam esse declínio. Jorge Alexandre Silvestre, professor titular de geriatria na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) relata que, “De 1960 para cá, o grupo com mais de 60 anos foi o que mais cresceu proporcionalmente no Brasil, enquanto a população jovem encontra-se em um processo de desaceleração de crescimento” (in: Revista *Idadeativa*, 2007). Entretanto a queda do número de jovens e crianças ainda é maior que o aumento de idosos, o que caracteriza o desaceleramento da evolução da população nessa microrregião, bem como na de Campos de Lages e de Tubarão.

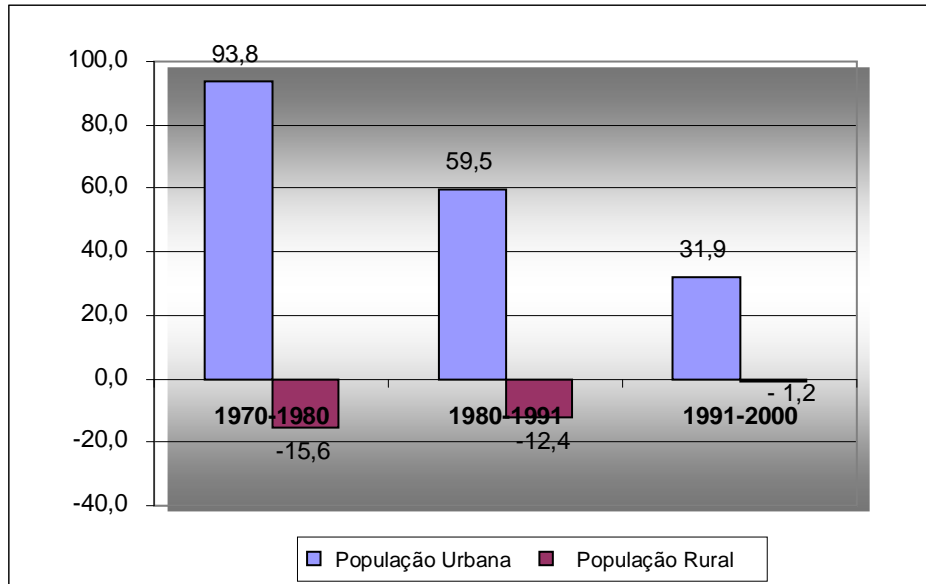
**Figura 4: Evolução da População Residente Total da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

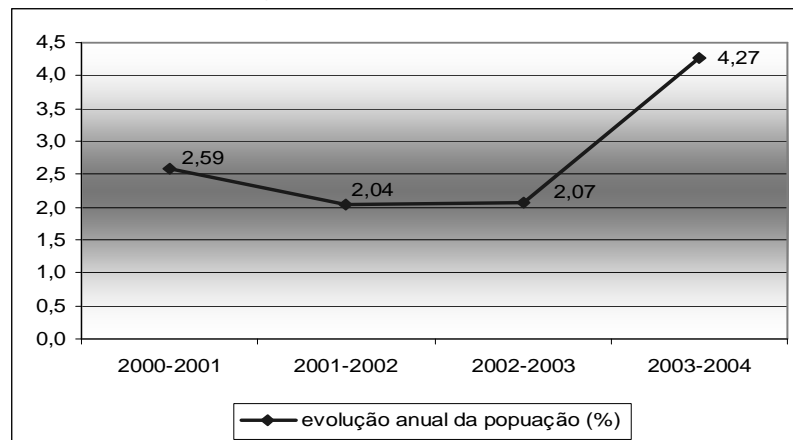
O crescimento da população residente da microrregião de Joinville, mais acentuado no período de 1970 para 1980, deu-se, sobretudo, na área urbana (figura 5). Neste período houve um grande avanço do parque industrial, o que levou as pessoas a se deslocarem para esta área em busca de trabalho.

**Figura 5: Evolução da População Residente Urbana e Rural da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

**Figura 6: Evolução Anual da População Total da Microrregião de Joinville 2000-2004 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e PNUD.

A microrregião de Joinville veio apresentando pequeno crescimento da população de 2000 a 2004, sendo que no último período (2003-2004) foi de 4,27% (figura 6). Ou seja, a tendência é de que o crescimento da população total dessa microrregião também, continue a desacelerar.

### ***Microrregião de Tubarão***

A população da microrregião de Tubarão, em três décadas, evoluiu em 40,3%, bem inferior a da microrregião de Joinville. Em 1970, sua população residente total era de 240.722 e em 2000 ela alcançou um total de 337.755 habitantes, conforme mostra a tabela 3.

Até 1970, 57% (137.102 pessoas) dos habitantes estava concentrada na área rural, já em 2000, 70,7% (238.668 pessoas) da população total residia na área urbana.

**TABELA 3: População Residente Rural, Urbana e Total (1970-2000) e Estimativa da População de 2001-2004 da Microrregião de Tubarão**

<b>Área</b>	<b>Número de Habitantes</b>			
	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Urbana	103.620	146.367	196.056	238.668
Rural	137.102	109.137	101.640	99.087
<b>TOTAL</b>	<b>240.722</b>	<b>255.504</b>	<b>297.696</b>	<b>337.755</b>

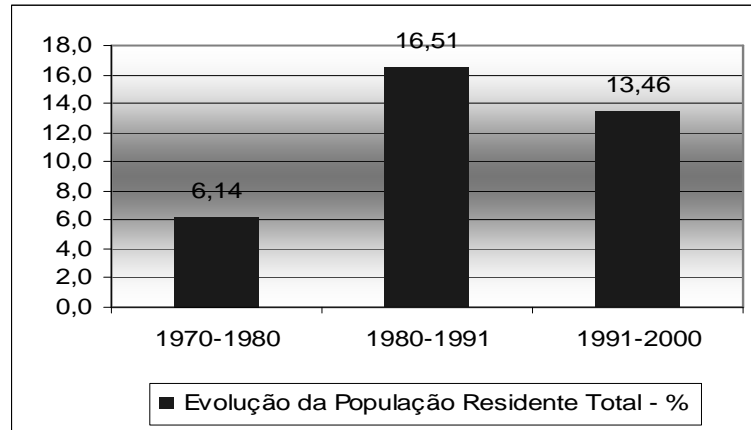
<b>Estimativa da População</b>	<b>Número de Habitantes</b>			
	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
<b>TOTAL</b>	<b>342.507</b>	<b>346.182</b>	<b>350.096</b>	<b>358.096</b>

*Fonte:* População residente urbana e rural, total: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

\* Estimativa população: IBGE e PNUD.

Durante o período de 1970 para 1980 a população cresceu em 6,14%, já entre o ano de 1980 para 1991 foi de 16,51%, desacelerando-se no período de 1991 para 2000, quando apresentou uma evolução de 13,46 (ver figura 7). A recessão de 1981-1983 foi pouco sentida no setor carbonífero na região sul. Mesmo com a queda na produção e revestimentos cerâmicos e de vestuários, a extração de carvão aumentava num ritmo agitado, gerando novos empregos e estimulando a abertura de novas atividades econômicas ligadas ao setor, por consequência, estimulando pessoas a imigrarem para essa região, o que acarretou o aceleração do crescimento da população entre 1980-1991 na microrregião de Tubarão (FILHO, A., 2002).

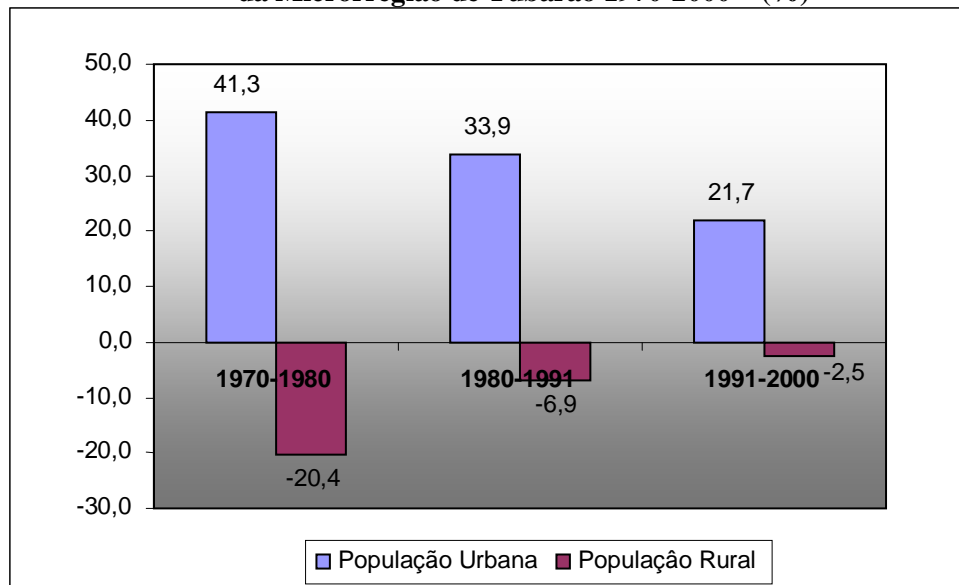
**Figura 7: Evolução da População Residente Total da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

O crescimento se concentrou na área urbana, conforme mostra a figura abaixo, já a população rural veio diminuindo.

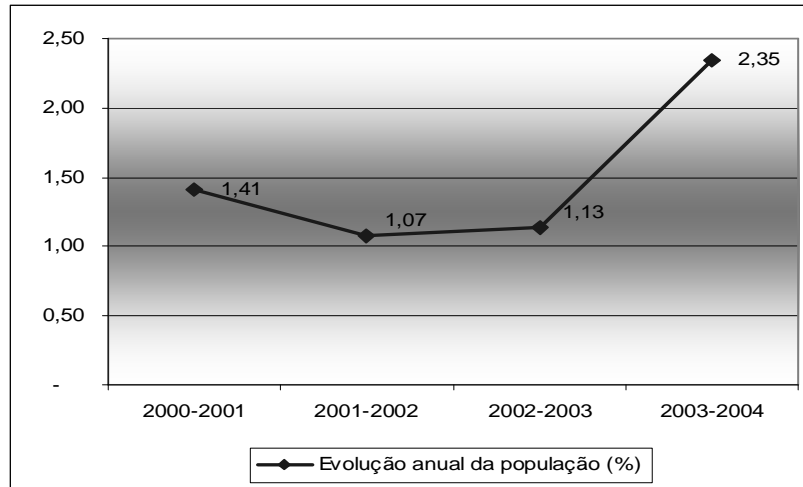
**Figura 8: Evolução da População Residente Urbana e Rural da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A estimativa anual da população total da microrregião de Tubarão, entre 2001 e 2004, conforme se verifica na tabela 3 da página 53, é de que, ela continue a se elevar ao longo dos anos. A partir da figura 9, observa-se que, a população total teve pequenos aumentos ao longo

**Figura 9: Evolução Anual da População Total da Microrregião de Tubarão 2000-2004 - (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e PNUD.

dos últimos anos, com exceção ao último período de análise (2003-2004), em que, sua evolução acelerou fortemente. Porém, a tendência é que o crescimento da população, como ocorreu nas microrregiões anteriores, venha desacelerando-se.

### 3.2.2 População Economicamente Ativa (PEA)

A população economicamente ativa (PEA) - a força de trabalho - compreende o potencial de mão-de-obra com que pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada.

#### *Microrregião de Campos de Lages*

Na microrregião de Campos de Lages essa população mais que duplicou nas últimas três décadas (evoluiu em 102,2%). Em 1970, enquanto a PEA era de 62.808 pessoas, ou seja, 27,4% da população residente total, em 2000, ela passa para 127.034 pessoas, 44,6% da população residente total dessa microrregião (tabela 4).

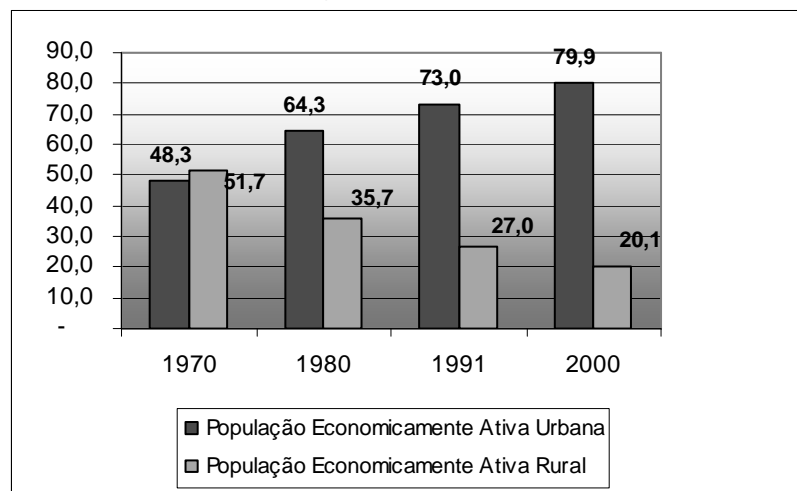
**TABELA 4: População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Campos de Lages, Porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA- Rural e Urbana da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**

<i>PEA Total e em porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA – Rural e Urbana</i>				
<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>% População Total</b>	<b>% PEA Rural</b>	<b>% PEA Urbana</b>
<b>1970</b>	62.808	27,4	51,7	48,3
<b>1980</b>	79.946	32,2	35,7	64,3
<b>1991</b>	105.932	39,3	27,0	73,0
<b>2000</b>	127.034	44,6	20,1	79,9

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Até 1970, a maior parte da PEA se concentrava na zona rural (51,7%), graças ao auge do ciclo da madeira em Lages que atraiu muitos imigrantes. Já, a partir dessa década a região tornou-se o maior pólo de repulsão populacional, principalmente da PEA, do Estado (FILHO, A., 2002). Em 1980, 64,3% da PEA total estava concentrada na área urbana, e passando para 79,9% em 2000.

**Figura 10: Porcentagem da População Economicamente Ativa entre a área Rural e Urbana da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Fazendo-se uma análise da evolução da PEA durante esse período, verifica-se através da tabela 5 que, entre 1970-1991 houve um pequeno aceleramento do crescimento, já 1991-2000 decaiu. Sendo que esse aumento ocorreu na área urbana, enquanto na rural a PEA diminuiu.

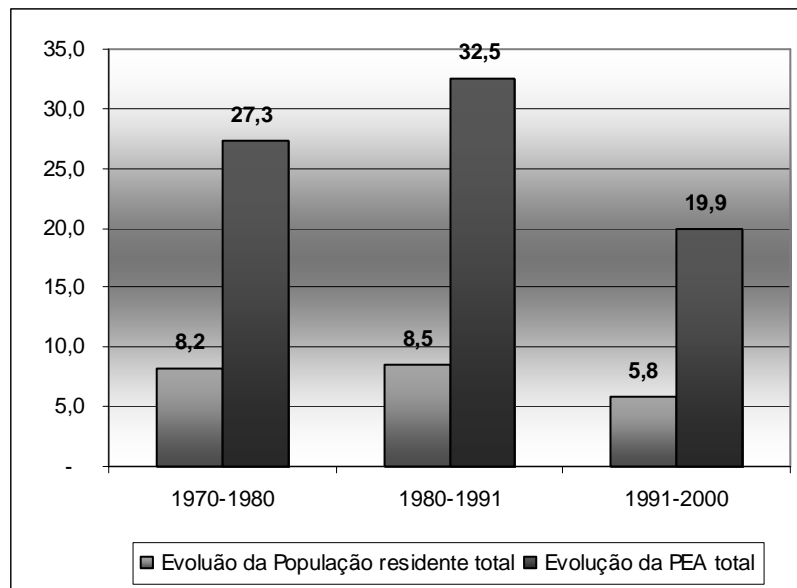


**TABELA 5: Evolução da População Economicamente Ativa Total, Rural e Urbana da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**

<i>Evolução da PEA Total, rural e urbana (1970-2000) - %</i>								
1970-1980			1980-1991			1991-2000		
<i>Total</i>	<i>Rural</i>	<i>Urbana</i>	<i>Total</i>	<i>Rural</i>	<i>Urbana</i>	<i>Total</i>	<i>Rural</i>	<i>Urbana</i>
27,3	-12,1	69,5	32,5	0,3	50,4	19,9	-10,8	31,3

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

**Figura 11: Evolução da População Residente Total e da População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

E ainda, essa evolução da PEA total foi bem acima a da população residente total, estimando-se, desta forma que, a população se concentra na faixa etária adulta, sobretudo na área urbana (figura 11).

### ***Microrregião de Joinville***

Enquanto em 1970, 31,3% (70.7485 habitantes) da população residente total da microrregião de Joinville eram pessoas economicamente ativas, em 2000, já alcançava quase a metade da população total (49,2%), conforme mostra a tabela 6.

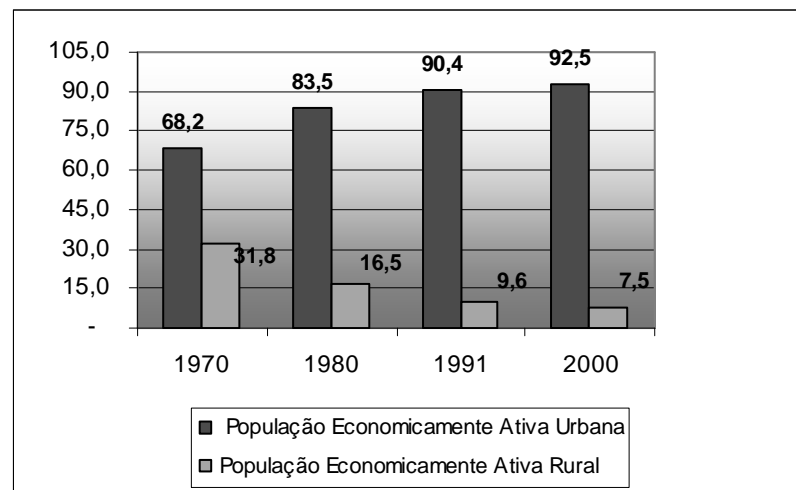
**TABELA 6: População Economicamente Ativa Total, Porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA- Rural e Urbana da Microrregião de Joinville 1970-2000**

<i>PEA Total e em porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA - Rural Urbana</i>				
<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>% População Total</b>	<b>% PEA Rural</b>	<b>% PEA Urbana</b>
<b>1970</b>	70.485	31,3	31,8	68,2
<b>1980</b>	146.749	41,0	16,5	83,5
<b>1991</b>	228.817	43,3	9,6	90,4
<b>2000</b>	333.923	49,2	7,5	92,5

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Fazendo-se a distribuição da PEA entre a área urbana e rural, observa-se, ainda pela tabela 6 e, graficamente, pela figura 12, que desde 1970, a maior parte da PEA se concentrou na área urbana. Enquanto, em 1970, 68,2% da PEA da microrregião, viviam na área urbana, em 2000 eram 92,5%.

**Figura 12: Porcentagem da População Economicamente Ativa entre a área Rural e Urbana da Microrregião de Joinville 1970-2000**



*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Ao analisar seu crescimento, a partir da tabela 7, verifica-se que, no primeiro período (1970-1980) a PEA total teve um aumento significativo, ultrapassando 100%. Já no último período da análise, essa evolução caiu para 45,9%. Sendo que o aumento da PEA se deu, sobretudo, na área urbana. De 1991 para 2000, ela aumentou em 49,3%.

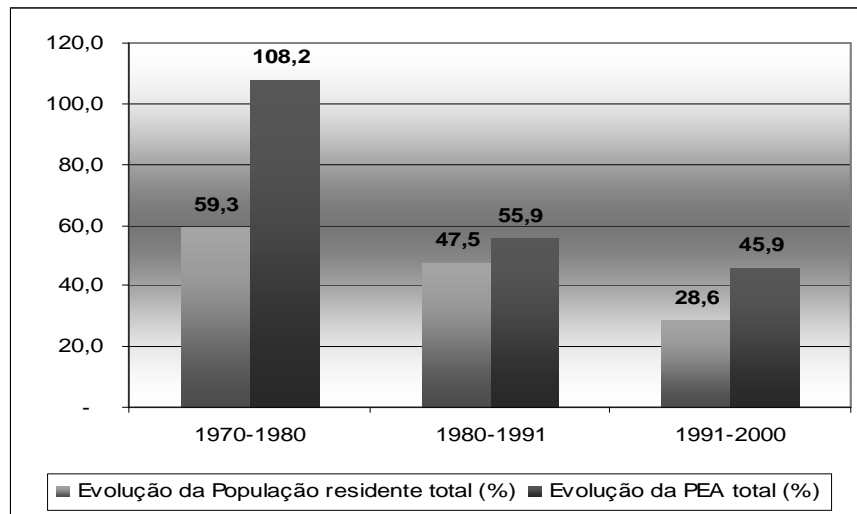
**TABELA 7: Evolução da População Economicamente Ativa Total, Rural e Urbana da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%)**

<i>Evolução da PEA (1970-1980, 1980-1991, 1991-2000) - %</i>								
1970-1980			1980-1991			1991-2000		
<b>Total</b>	<b>Rural</b>	<b>Urbana</b>	<b>Total</b>	<b>Rural</b>	<b>Urbana</b>	<b>Total</b>	<b>Rural</b>	<b>Urbana</b>
108,2	8,2	154,9	55,9	-9,6	69,0	45,9	13,7	49,3

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

O elevado aumento da PEA deu-se, conforme já foi mencionado anteriormente, pelo aumento da imigração devido o auge da indústria e; não somente nessa microrregião, mas também na de Campos de Lages e de Tubarão, pelo processo do aumento da população de meia idade (a queda de jovens e crianças é maior do que a da população idosa).

**Figura 13: Evolução da População Residente Total e da População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A figura acima permite visualizar a concentração da população na faixa etária adulta. A PEA cresceu durante todos os períodos acima da população total.

### ***Microrregião de Tubarão***

A PEA total da Microrregião de Tubarão, conforme se observa na tabela abaixo, em 1970 representava apenas 26,7% (64.252) da população residente total desse ano, já em 2000, representa 48,0% dos habitantes totais.

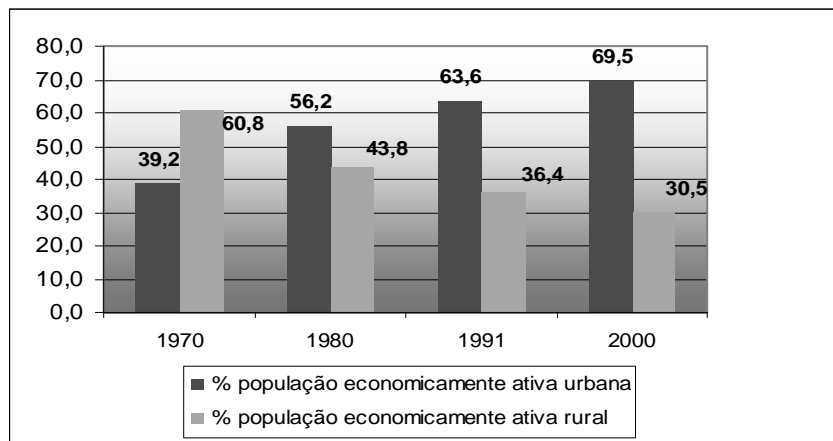
**TABELA 8: População Economicamente Ativa Total, Porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA-Rural e Urbana da Microrregião de Tubarão 1970-2000**

<i>PEA Total e em porcentagem da População Total e Porcentagem da PEA - Rural Urbana</i>				
<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>% População Total</b>	<b>% PEA Rural</b>	<b>% PEA Urbana</b>
<b>1970</b>	64.252	26,7	60,8	39,2
<b>1980</b>	86.326	33,8	43,8	56,2
<b>1991</b>	119.607	40,2	36,4	63,6
<b>2000</b>	162.105	48	30,5	69,5

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Ao distribuir a PEA entre a área urbana e rural, observa-se, ainda pela tabela 8 e, graficamente, pela figura logo abaixo, que até o ano de 1970, a maior parte da PEA se concentrava na área rural. Porém, a partir de 1980, a maior parte dessa população reside na área urbana.

**Figura 14: Porcentagem da População Economicamente Ativa entre a área Rural e Urbana da Microrregião de Tubarão 1970-2000**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

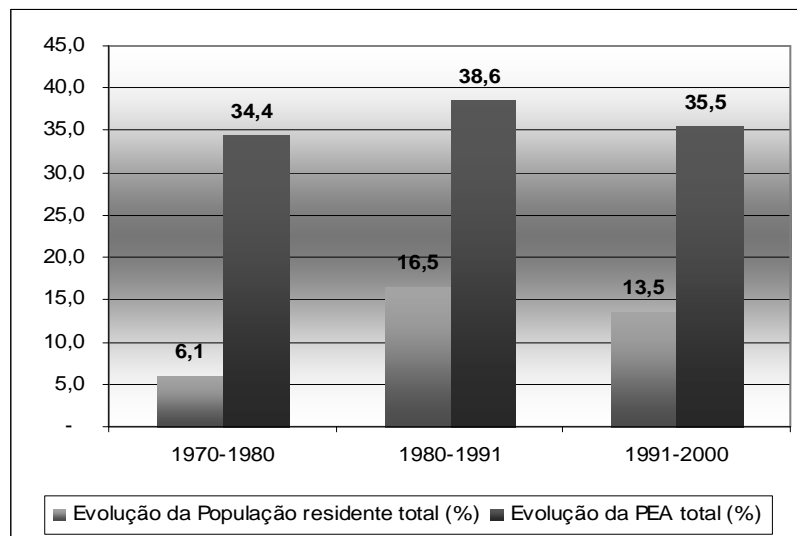
O aumento da PEA nessa microrregião se deu, mais acentuadamente na área urbana. Só de 1970 para 1980, nessa área a PEA evoluiu em 92,7%, conforme é apresentado na tabela 9. Essa elevação superior ao da área rural deve-se, entre outras variáveis, ao aumento da extração do carvão, que incentivou as pessoas em condições de trabalhar para essa área (Alcides Filho, 2002).

**TABELA 9: Evolução da População Economicamente Ativa Total, Rural e Urbana da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%)**

Evolução da PEA Total (1970-1980, 1980-1991, 1991-2000) - %								
1970-1980			1980-1991			1991-2000		
Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana
34,4	-3,2	92,7	38,6	15,2	56,8	35,5	13,6	48,1

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

**Figura 15: Evolução da População Residente Total e da População Economicamente Ativa Total da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Como ocorreu nas microrregiões Campos de Lages e de Joinville, o número da população de meia idade cresceu. Ao fazer uma comparação da evolução da PEA total com a da população residente total, observa-se, conforme a figura 15, que nessa microrregião a PEA veio evoluindo bem acima a da sua população residente total.

### 3.3 Aspectos do Desenvolvimento Econômico

#### 3.3.1 Nível da Atividade Econômica

Na categoria *nível da atividade econômica* é analisado o Produto Interno Bruto *per capita* (PIB *per capita*) deflacionado e o Produto Interno Bruto (PIB) por setor.

Ao comparar o desempenho do PIB *per capita* com as variáveis do desenvolvimento social e sustentável, tem-se uma ampla base da qualidade do crescimento das microrregiões.

### 3.3.1.1 Produto Interno Bruto *per capita*

#### *Microrregião de Campos de Lages*

Ao analisar o PIB *per capita* da microrregião de Campos de Lages, observa-se, através da tabela 10 que, ele esteve abaixo do de Santa Catarina durante todos os períodos analisados. Sendo que, no último período, a microrregião apresentou uma queda. Enquanto em 2003, esse indicador foi de R\$ 9.529,00; em 2004 ele caiu para R\$ 8.901,00.

**TABELA 10: Produto Interno Bruto *per capita* de Santa Catarina e da Microrregião de Campos de Lages 1998-2004 (em R\$)**

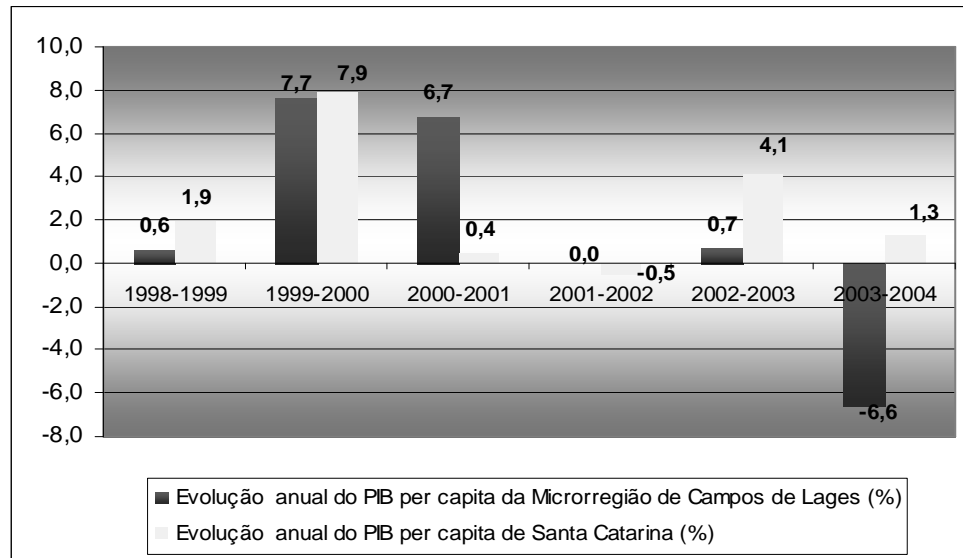
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
<i>Campos de Lages</i>	8.189	8.237	8.868	9.464	9.466	9.529	8.901
<b><i>Santa Catarina</i></b>	10.496	10.697	11.545	11.592	11.529	12.003	12.159

*Fonte:* PIB *per capita* deflacionado pela autora através do PIB a preço de mercado corrente per capita (R\$) fornecido pelo IBGE.

\* O PIB *per capita* microrregional foi feito pela média dos PIB *per capita* municipal.

A evolução desse indicador nos últimos anos apresentou uma desaceleração, conforme é mostrado da figura 16. Entre 1999 e 2000, a microrregião teve o maior crescimento do seu PIB *per capita*, de 7,7%, bem próximo ao do estado. Contudo, entre 2003-2004 ele caiu em 6,6%, enquanto o de Santa Catarina aumentou em 1,3%.

**Figura 16: Evolução anual do PIB *per capita* de Santa Catarina e da Microrregião de Campos de Lages 1998-2004 - (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

### *Microrregião de Joinville*

O PIB *per capita* da microrregião de Joinville entre 1998 e 2004, foi superior ao de Santa Catarina. Conforme se verifica na tabela 11, em 2004 o PIB *per capita* dessa microrregião foi de R\$ 15.768,00, já o do Estado foi de R\$ 12.159,00.

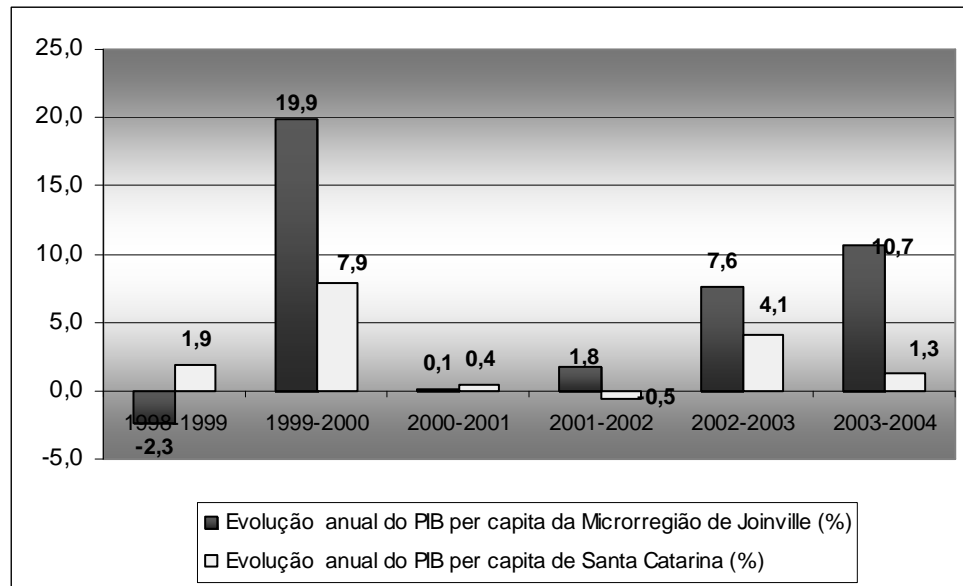
**TABELA 11: Produto Interno Bruto *per capita* de Santa Catarina da Microrregião e de Joinville 1998-2004 ( em R\$)**

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
<i>Joinville</i>	11.087	10.831	12.991	13.006	13.239	14.248	15.768
<b>Santa Catarina</b>	10.496	10.697	11.545	11.592	11.529	12.003	12.159

Fonte: PIB *per capita* Deflacionado pela autora através do PIB a preço de mercado corrente *per capita* (R\$) fornecido pelo IBGE.

- O PIB *per capita* microrregional foi feito pela média dos PIB *per capita* municipal.

**Figura 17: Evolução anual do PIB *per capita* de Santa Catarina e da Microrregião de Joinville 1998-2004 - (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

Da mesma forma, ocorreu com seu crescimento, com exceção entre os períodos de 1998-1999, aonde o PIB *per capita* da microrregião diminuiu em 2,3%, enquanto o do estado cresceu (1,9%); e entre 2000-2001, em que ambos cresceram 0,1% e 0,4%, respectivamente (ver figura 17).

### **Microrregião de Tubarão**

A microrregião de Tubarão, semelhante à microrregião de Campos de Lages, veio apresentando seu PIB *per capita* abaixo ao do estado, com períodos de grande aumento seguidos de quedas, conforme se observa na tabela a seguir.

**TABELA 12: Produto Interno Bruto *per capita* de Santa Catarina da Microrregião de Tubarão 1998-2004 (em R\$)**

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
<i>Tubarão</i>	7.241	7.339	7.996	8.075	7.806	8.401	8.361
<b>Santa Catarina</b>	10.496	10.697	11.545	11.592	11.529	12.003	12.159

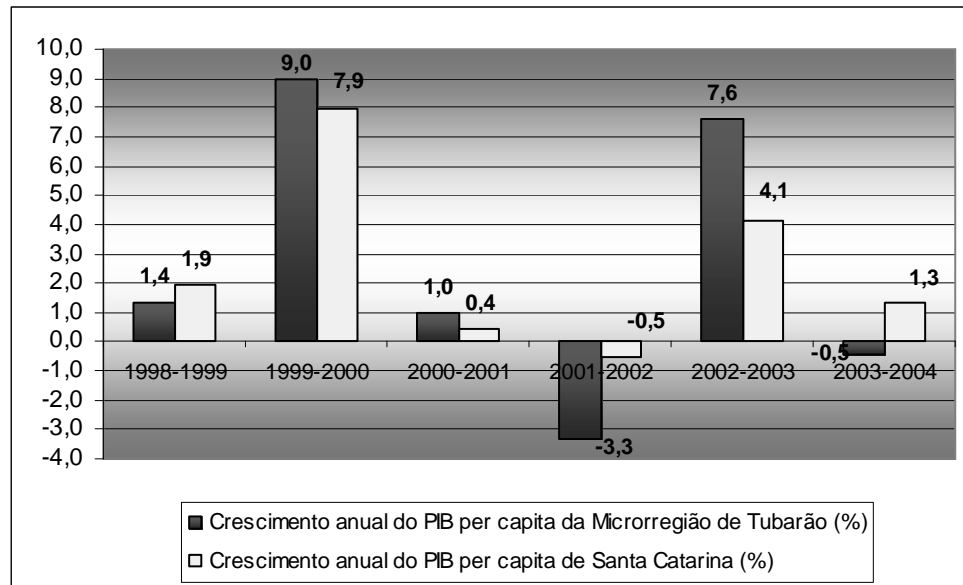
Fonte: PIB per capita Deflacionado pela autora através do PIB a preço de mercado corrente per capita (R\$) fornecido pelo IBGE.

- O PIB per capita microrregional foi feito pela média dos PIB per capita municipal.



A partir da figura 18, observa-se que seu crescimento acelerou até 1999-2000, e logo em seguida caiu, retornando a crescer entre 2002-2003. Contudo, entre 2003-2004, apresentou uma nova queda (0,5%).

**Figura 18: Taxa de Crescimento anual do PIB *per capita* de Santa Catarina e da Microrregião de Tubarão 1998-2004 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

Em 1998, ainda havia o regime de câmbio fixo, não tinha sido implantado o sistema de Metas de Inflação e a economia brasileira sofria uma recessão, apresentando uma inflação com resultados negativos em alguns meses (IBGE, 2006). Porém, em 1999, logo depois da posse do novo presidente do Banco Central, Armínio Fraga Neto, foi implantado o regime de metas para a inflação do Brasil, num contexto de uma grave crise cambial e temores de uma retomada do processo de inflação elevada.

Nesse primeiro ano de regime era que a meta de inflação fosse de 8%, com tolerância de dois pontos percentuais para cima ou para baixo. Portanto, 1999 a meta foi cumprida, com uma inflação medida pelo IPCA situado em 8,9% (IBGE, 2002), mesmo em um período de transição para a economia brasileira. Em janeiro, chegava ao ápice a grave crise cambial iniciada após a eclosão da crise russa (agosto de 1998), junto com a desvalorização do real e o abandono do regime de câmbio fixo (SILVA, 2007).

A elevação da inflação em 1999, contra a de 1998 (1,65%), interferiu no PIB *per capita*. A partir desse ano o PIB *per capita* das microrregiões apresentou sucessivas oscilações de quedas e altas, mostrando que com o início do novo regime para a inflação, que em alguns anos ultrapassou a meta estimada, o poder de compra das pessoas reduziu, o que impediu um maior crescimento do produto. Por exemplo, em 2001 a meta era de 4%, entretanto a inflação nesse ano foi de 7,7%. Desta forma, esta situação pode também ter interferido no avanço do desenvolvimento social a partir de 1998 (SILVA, 2007).

### 3.3.1.2 PIB por setor

#### *Microrregião de Campos de Lages*

Na microrregião de Campos de Lages, como se pode observar na tabela 13, o setor que mais veio contribuindo para o desempenho do PIB, durante os últimos anos, foi o industrial.

Em 1998, o setor serviços participava com 45,4%, a indústria com 36,7% e a agropecuária com 17,8% da composição do PIB da microrregião. A partir de 1999 a indústria começou a aumentar sua contribuição, em 2004, 49,7% do PIB total estava concentrado nessa atividade.

**TABELA 13: Composição do Produto Interno Bruto Deflacionado – Valor Adicionado por Setor na Microrregião de Campos de Lages 1998-2004**

	<i>PIB por setor deflacionado ( em R\$ milhões)</i>													
	1998	%	1999	%	2000	%	2001	%	2002	%	2003	%	2004	%
<b>Agropecuária</b>	403,48	<b>17,8</b>	428,79	<b>20,5</b>	456,95	<b>20,0</b>	531,75	<b>22,0</b>	521,825	<b>21,0</b>	551,89	<b>22,1</b>	401,15	<b>16,1</b>
<b>Indústria</b>	831,20	<b>36,7</b>	830,47	<b>39,8</b>	989,06	<b>43,2</b>	1.040,97	<b>43,0</b>	1.088,17	<b>43,8</b>	1.129,09	<b>45,1</b>	1.236,20	<b>49,7</b>
<b>Serviço</b>	1.028,56	<b>45,5</b>	828,67	<b>39,7</b>	842,78	<b>36,8</b>	848,44	<b>35,0</b>	871,62	<b>35,1</b>	820,09	<b>32,8</b>	851,03	<b>34,2</b>
<b>TOTAL</b>	2263,235	<b>100</b>	2087,929	<b>100</b>	2288,79	<b>100</b>	2421,16	<b>100</b>	2481,62	<b>100</b>	2501,07	<b>100</b>	2488,38	<b>100</b>

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento ( PIB a preço de mercado corrente ( 1.000.000 R\$).

\* PIB deflacionado pela autora. Deflator Implícito do PIB – índice encadeado (acumulado 2004=100) \*IBGE / SCN anual – SCN.

O setor agropecuário, por sua vez, foi o setor que menos veio contribuindo para o valor do PIB, sendo que em 2004 participou com apenas 16,1%. Da mesma forma, o setor de serviços veio perdendo lugar para o setor industrial, porém, ainda sua participação para a

composição do PIB nessa microrregião é relevante. Em 2004 ele aumentou sua participação para 34,2%, contra 32,8% no ano anterior.

### *Microrregião de Joinville*

Na microrregião de Joinville, a maior parte da composição do PIB esteve também concentrada na indústria e, sua participação veio crescendo ao longo dos anos, com exceção em 2002, onde o PIB industrial decaiu em relação a 2001, conforme se verifica na tabela 14.

O setor agropecuário veio apresentando anos de maior participação sucedidos de anos de quedas na composição do PIB, além de sua contribuição ser pequena. Enquanto, em 1998 ele participava com 4,1% do valor total do PIB, em 2004 era de apenas 2,0%.

**TABELA 14: Composição do Produto Interno Bruto Deflacionado – Valor Adicionado por Setor na Microrregião de Joinville 1998-2004**

	<i>PIB por setor deflacionado ( em R\$ milhões)</i>													
	1998	%	1999	%	2000	%	2001	%	2002	%	2003	%	2004	%
<b>Agropecuária</b>	403,48	<b>4,1</b>	222,29	<b>2,4</b>	456,95	<b>4,3</b>	193,92	<b>1,8</b>	225,616	<b>2,1</b>	302,38	<b>2,8</b>	250,81	<b>2,0</b>
<b>Indústria</b>	5.810,58	<b>58,6</b>	5.764,24	<b>62,8</b>	6.780,03	<b>64,0</b>	7.002,06	<b>66,0</b>	6.755,89	<b>64,1</b>	7.404,24	<b>67,4</b>	9.013,37	<b>70,5</b>
<b>Serviço</b>	3.698,71	<b>37,3</b>	3.199,85	<b>34,8</b>	3.348,79	<b>31,6</b>	3.410,12	<b>32,2</b>	3.556,62	<b>33,8</b>	3.272,13	<b>29,8</b>	3.523,64	<b>27,6</b>
<b>TOTAL</b>	9912,77	<b>100</b>	9.186,38	<b>100</b>	10585,8	<b>100</b>	10606,1	<b>100</b>	10538,1	<b>100</b>	10978,8	<b>100</b>	12787,8	<b>100</b>

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento (PIB a preço de mercado corrente ( 1.000.000 R\$)).

\* PIB deflacionado pela autora. Deflator Implícito do PIB – índice encadeado (acumulado 2004=100) \*IBGE / SCN anual – SCN.

O setor serviços também apresentou quedas na sua participação. Em 1998, 37,3% do valor do PIB veio dessa atividade, já em 2004 foi de 27,6%.

### *Microrregião de Tubarão*

Na microrregião de Tubarão de 1998 até 2001 o setor de serviços, conforme se verifica na tabela 30, era a atividade que mais contribuía na composição do PIB total. Contudo, a partir de 2001, sua contribuição veio diminuindo, enquanto, a da agropecuária e da indústria elevaram.

Em 1998, o setor de serviços contribuiu com mais de 50% para o valor do PIB total da microrregião, em 2001 foi de 42%. Já em 2002, ela foi inferior a do setor industrial, este participou com 43,4%, enquanto o de serviços com 40,9%.

**TABELA 15: Composição do Produto Interno Bruto Deflacionado – Valor Adicionado por Setor na Microrregião de Tubarão 1998-2004**

	<i>PIB por setor deflacionado ( em R\$ milhões)</i>													
	1998	%	1999	%	2000	%	2001	%	2002	%	2003	%	2004	%
<b>Agropecuária</b>	372,12	<b>15,3</b>	428,84	<b>18,1</b>	456,64	<b>17,3</b>	467,62	<b>17,1</b>	422,72	<b>15,7</b>	529,78	<b>20,0</b>	487,59	<b>17,3</b>
<b>Indústria</b>	800,66	<b>32,9</b>	856,84	<b>36,3</b>	1.052,23	<b>40,0</b>	1.113,68	<b>40,8</b>	1.166,25	<b>43,4</b>	1.091,71	<b>41,2</b>	1.240,49	<b>43,9</b>
<b>Serviço</b>	1.263,84	<b>51,9</b>	1.077,83	<b>45,6</b>	1.124,12	<b>42,7</b>	1.145,83	<b>42,0</b>	1.100,15	<b>40,9</b>	1.026,23	<b>38,8</b>	1.098,09	<b>38,9</b>
<b>TOTAL</b>	2436,612	<b>100</b>	2363,508	<b>100</b>	2632,98	<b>100</b>	2727,14	<b>100</b>	2689,13	<b>100</b>	2647,73	<b>100</b>	2826,17	<b>100</b>

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento (PIB a preço de mercado corrente ( 1.000.000 R\$)).

\* PIB deflacionado pela autora. Deflator Implícito do PIB – índice encadeado (acumulado 2004=100) \*IBGE / SCN anual – SCN.

A agropecuária é o setor que apresenta a menor porcentagem da composição do PIB total da microrregião de Tubarão. Sua maior contribuição foi em 2003 com 20%, voltando em 2004 a cair, alcançando 17,3% do valor total.

### 3.3.2 Distribuição da Renda

Dentro desse item é analisada a desigualdade da renda das microrregiões de 1991 e 2000. O indicador utilizado é o *Índice de Gini*, que, como já foi mencionado, mede o grau de desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar *per capita*. Seu valor pode variar de zero a um. Quando é igual a zero, significa que não há desigualdade, quando é igual a um, a desigualdade é máxima, apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade (PNUD).

#### *Microrregião de Campos de Lages*

A desigualdade da distribuição de renda, na microrregião de Campos de Lages do ano de 1991 para o ano 2000, apresentou uma queda.

**TABELA 16: Indicador da Distribuição da Renda da Microrregião de Campos de Lages 1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Índice de Gini</i>	<i>0,586</i>	<i>0,563</i>

*Fonte:* IBGE Censo demográfico e Secretaria de Estado do Planejamento

A tabela 16 mostra que o índice de gini em 1991 foi de 0,586, já em 2000 ele foi menor (0,563), ou seja, houve uma queda de 3,92% da concentração da renda.

### *Microrregião de Joinville*

A concentração de renda da microrregião de Joinville de 1991 para o ano 2000, também

**TABELA 17: Indicador da Distribuição da Renda da Microrregião de Joinville 1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Índice de Gini</i>	<i>0,521</i>	<i>0,517</i>

*Fonte:* IBGE Censo demográfico e Secretaria de Estado do Planejamento.

reduziu (- 0,76%). A tabela 17 mostra essa situação. Enquanto, em 1991 o índice de Gini dessa microrregião era 0,521, em 2000 ele passa para 0,517.

### *Microrregião de Tubarão*

**TABELA 18: Indicador da Distribuição da Renda da Microrregião de Tubarão 1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Índice de Gini</i>	<i>0,558</i>	<i>0,520</i>

*Fonte:* IBGE Censo demográfico e Secretaria de Estado do Planejamento.

A Microrregião de Tubarão teve um grande desempenho na queda da desigualdade da renda do ano de 1991 para o ano 2000. Durante esse período, o índice de Gini caiu em 6,8%, bem

superior aos das microrregiões apresentadas anteriormente. Através da tabela 18, observa-se que, em 1991 o índice de Gini dessa microrregião foi de 0,558 e em 2000, reduziu-se para 0,520.

### ***3.4 Aspectos do Desenvolvimento Social***

#### **3.4.1 Trabalho**

Após estudar a População Economicamente Ativa (PEA) das três microrregiões, faz-se, uma análise da situação do trabalho. Busca-se, relacionar o nível de pessoas que estão ocupadas e as desocupadas, dentro do quadro da força de trabalho (PEA), obtendo-se a taxa de desemprego de cada microrregião.

As pessoas ocupadas são aquelas que, num determinado período de referência, tem trabalho, ou seja, os indivíduos que têm um patrão, os que exploram seu próprio negócio e os que trabalham sem remuneração em ajuda a membros de família. As desocupadas, por sua vez, são aquelas que não têm trabalho num determinado período de referência, mas estão dispostas a trabalhar, e que, para isso, tomam alguma providência efetiva (consultando pessoas, jornais, etc.)<sup>8</sup>.

O indicador taxa de desemprego é a relação entre o número de pessoas desocupadas (procurando trabalho) e o número de pessoas economicamente ativas num determinado período de referência.

#### ***Microrregião de Campos de Lages***

A partir da tabela 19, pode-se observar que o nível de pessoas ocupadas na microrregião de Campos de Lages aumentou ao longo das últimas décadas. Entretanto, esse foi inferior à evolução da PEA, ocasionando a situação do desemprego e de sua elevação.

---

<sup>8</sup> <http://ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2shtm>

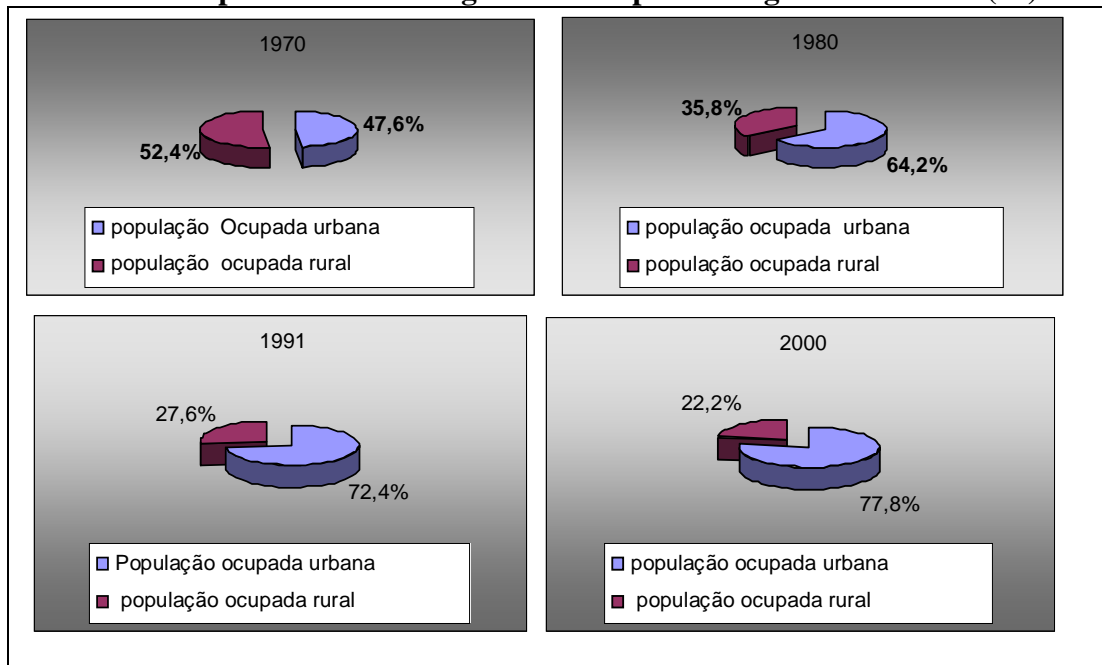
**TABELA 19: Pessoas Ocupadas e População Economicamente Ativa em Relação a População Residente Total na Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**

<b>ANO</b>	<b>Pessoas ocupadas em relação a população total (%)</b>	<b>PEA em relação à população total (%)</b>
<b>1970</b>	26,9	27,4
<b>1980</b>	31,3	32,2
<b>1991</b>	37,3	39,3
<b>2000</b>	38,6	44,6

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Em 1970, a maior parte das pessoas ocupadas se concentrava na área rural (52,4%). Entretanto, a partir de 1980, conforme mostra a figura 19, era na área urbana aonde se encontrava o maior número de ocupados da microrregião. Em 2000, mais de 70% dos trabalhadores estavam nessa área.

**Figura 19: População Ocupada Urbana e Rural em Relação à População Total Ocupada da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Após fazer uma comparação entre o número de pessoas ocupadas e a PEA, chega-se ao número de pessoas desocupadas e, por conseguinte, a taxa de desemprego. A partir da tabela 20,

observa-se que o número desse pessoal veio aumentando durante as últimas décadas. Enquanto, a taxa de desemprego total em 1970 era de 1,84%, em 2000, alcançou 13,42%.

**TABELA 20: Pessoas Desocupadas Total e Taxa de Desemprego da Microrregião de Campos de Lages 1970-2000**

<b>Ano</b>	<i>Nº de pessoas desocupadas</i>			<i>Taxa de desemprego (%)</i>		
	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>
<b>1970</b>	1.156	946	210	1.84	3.12	0.65
<b>1980</b>	2.211	1.466	745	2.77	2.85	2.61
<b>1991</b>	5.344	4.509	835	5.04	5.83	2.92
<b>2000</b>	17.045	15.899	1.146	13.42	15.66	4.48

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

O desemprego foi maior na área urbana do que na rural nessa microrregião. Observando a tabela 20, verifica-se que em 2000 a taxa de desemprego na área urbana foi de 15,66%, enquanto na rural foi de apenas 4,48%. Isso mostra que, mesmo que o maior número de pessoas ocupadas esteve concentrado na área urbana, nesta o nível de pessoas desocupadas é bem maior.

Na área rural predominava a grande propriedade, o que dificultava o pequeno produtor permanecer no campo, ocasionando sua falência. Portanto, os que se deslocaram para a zona urbana, foram o excedente de homens e mulheres expulsos do campo, atraídos pelo crescimento da indústria. Desta forma, ao não conseguir atender uma grande demanda por trabalho, a área urbana apresentou uma aceleração do desemprego expressiva, já que não há na região forças endógenas como, tecnologia e recursos internos suficientes para melhorar essa deficiência do trabalho (FILHO, A., 2002).

Apesar de Lages ter uma pequena indústria metalúrgica um pouco desenvolvida, a cidade é incapaz de engendrar sozinha um movimento de diversificação produtiva; gerando apenas, um pequeno número de empregos. Não há na região uma grande indústria no setor que possa comandar mudanças quantitativas e qualitativas no nível de trabalho (FILHO, A., 2002 p. 259).

### ***Microrregião de Joinville***

O nível de pessoas ocupadas na microrregião de Joinville, como se observa na tabela 21, também aumentou ao longo dos períodos estudados. Entretanto, esse crescimento também, foi inferior ao da PEA. Enquanto em 1970, 30,5% da população que possuía condições



economicamente de trabalhar encontrava-se ocupada, a população economicamente ativa era de 31,3%. Já em 2000, 42,3% contra 49,2%, respectivamente.

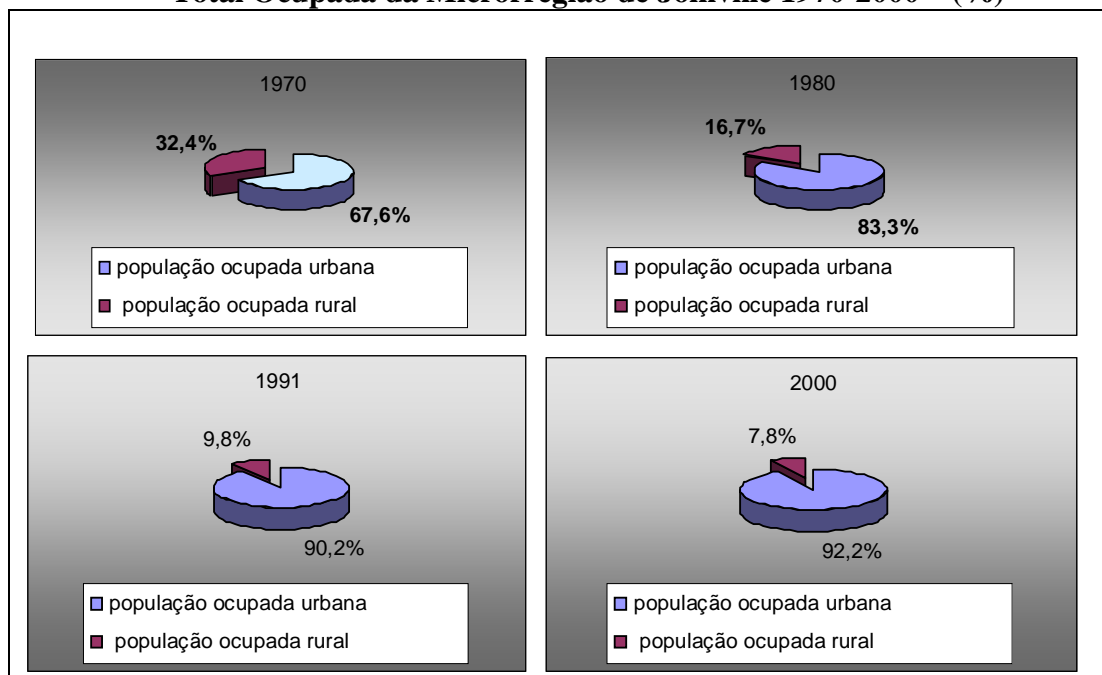
**TABELA 21: Pessoas Ocupadas e População Economicamente Ativa em relação à População Residente Total da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%)**

<b>ANO</b>	<b>Pessoas ocupadas em relação a população total (%)</b>	<b>PEA em relação à população total (%)</b>
<b>1970</b>	30,5	31,3
<b>1980</b>	40,1	41,0
<b>1991</b>	40,6	43,3
<b>2000</b>	42,3	49,2

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

O maior número de empregados se concentrou na área urbana (em 2000, 92,2% do pessoal ocupado dessa microrregião), conforme se observa na figura 20.

**Figura 20: População Ocupada Urbana e Rural em Relação à População Total Ocupada da Microrregião de Joinville 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Durante esses últimos períodos houve um expressivo aumento do número absoluto de pessoas desocupadas na microrregião, ocasionando um rápido aceleramento na taxa de

desemprego. A partir da tabela 22, observa-se que, em 1970, essa taxa era de 2.82%, após três décadas ela alcançou um percentual de 13.85%.

Na microrregião se concentra as indústrias do departamento de bens de produção. Essas indústrias imprimiram um ritmo diferenciado para a situação do trabalho. Primeiro, a inserção nacional das empresas locais nos anos 60 e 70 no Brasil, embalados pelo “milagre econômico” e pelos adventos do II PNB, concentrou esforços na indústria de produção e intermediários na microrregião de Joinville, beneficiando a centralização e o aumento do trabalho na área urbana. Segundo, a internacionalização na década de 80, a abertura econômica e a sobrevalorização cambial na década de 90, inauguraram uma nova fase para os setores metal-mecânico e têxtil e vestuário, a fase da retração, em que a cidade de Joinville foi uma das mais castigadas. Houve uma queda nas exportações e uma estabilidade da produção, ocasionando a aceleração do desemprego (FILHO, A., 2002).

**TABELA 22: Pessoas Desocupadas Total e Taxa de Desemprego da Microrregião de Joinville 1970-2000**

<b>Ano</b>	<i>Nº de pessoas desocupadas</i>			<i>Taxa de desemprego (%)</i>		
	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>
<b>1970</b>	1.989	1.758	231	2.82	3.66	1.03
<b>1980</b>	3.239	2.987	252	2.21	2.44	1.04
<b>1991</b>	14.502	13.606	997	6.34	6.57	4.54
<b>2000</b>	46.252	43.820	2.432	13.85	14.18	9.73

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Em 1970, 1.758 pessoas estavam desempregas na área urbana, em 2000, a taxa de desemprego nessa área alcançou um percentual de 14.18%, ou seja, 43.820 pessoas estavam fora do mercado de trabalho. Sendo que houve um crescimento expressivo após 1980.

### ***Microrregião de Tubarão***

Na Microrregião de Tubarão a situação do desemprego não foi muito diferente a das microrregiões anteriores. Em 1970, 25,4% da população tinha um trabalho, contra os 26,7% da PEA. Em 2000, enquanto 48,0% dos habitantes pertenciam a essa classificação, apenas 43,2% dos trabalhadores estavam ocupados.

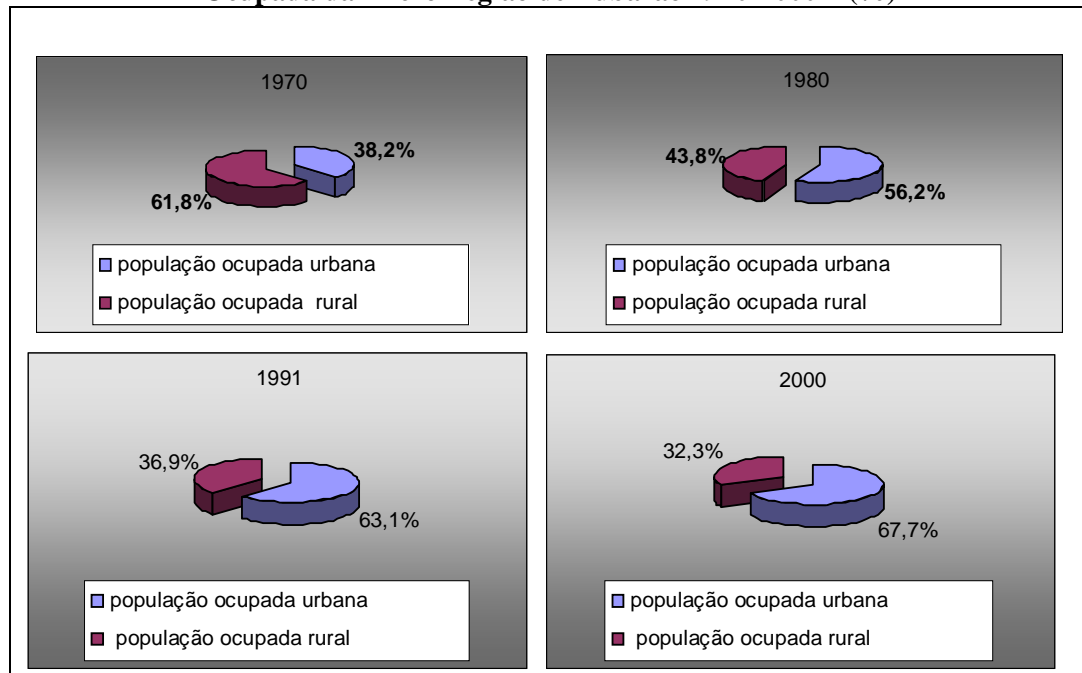
**TABELA 23: Pessoas Ocupadas e População Economicamente Ativa em Relação à População Residente Total da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%)**

<b>ANO</b>	<b>Pessoas ocupadas em relação a população total (%)</b>	<b>PEA em relação à população total</b>
<b>1970</b>	25,4	26,7
<b>1980</b>	33,1	33,8
<b>1991</b>	38,3	40,2
<b>2000</b>	43,2	48,0

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A figura 21 mostra a distribuição da população ocupada entre a área rural e urbana. Em 1970, a maior parte da população ocupada se concentrava na área rural (61,8%), ao longo dos anos, esse quadro se inverteu. Em 2000, 67,7% do pessoal ocupado da microrregião pertencia a área urbana.

**Figura 21: População Ocupada urbana e Rural em Relação a População Total Ocupada da Microrregião de Tubarão 1970-2000 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Até 1973 o governo implementou um sistema de cotas visando substituir o petróleo pelo carvão, o que incentivou à construção da ICC (Indústria Carboquímica Catarinense) no município de Imbituba, aumentando consideravelmente a capacidade produtiva. Esta melhora do setor

carbonífero beneficiou a queda no número de pessoas desocupadas (FILHO, A., 2002). Entre 1970-1980 a taxa de desemprego reduziu-se em 3.01% (tabela 24).

Entretanto, a partir de 1986 ocorre uma crise nesse setor. A importação aumentou e os subsídios e o sistema de cotas foram cancelados, reduzindo as atividades carboníferas do estado e, por conseguinte, ao aumento do desemprego. Em 2000, a taxa de desemprego total na microrregião de Tubarão chegou a 10,01% (tabela 24).

O desemprego foi maior na área urbana do que na área rural, com exceção no ano de 1980. Em 2000, a área urbana alcançou uma taxa de desemprego de 12,23%, enquanto a rural chegou a 4,96%. Ou seja, mesmo que a partir da década de 1980 o maior número de pessoas ocupadas da microrregião estava concentrado na área urbana, nesta a taxa de desemprego aumentou mais rapidamente, mostrando que a crise da indústria, também interferiu no desemprego nessa microrregião.

**TABELA 24: Pessoas Desocupadas Total e Taxa de Desemprego da Microrregião de Tubarão 1970-2000**

<b>Ano</b>	<i>Nº de pessoas desocupadas</i>			<i>Taxa de desemprego (%)</i>		
	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>
<b>1970</b>	3.196	1.838	1.358	4.97	7.30	3.47
<b>1980</b>	1.693	900	793	1.96	1.86	2.10
<b>1991</b>	5.703	4.158	1.546	4.77	5.47	3.55
<b>2000</b>	16.226	13.768	2.458	10.01	12.23	4.96

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A década de 1970 representou um longo período de crescimento econômico e de um projeto de industrialização apoiado e protegido pelo estado, fundamental para a formação de um mercado interno integrado. Porém, nos anos 80 a economia brasileira começou a apresentar taxas negativas de crescimento econômico. O que pode explicar a desaceleração da evolução do trabalho e, conseqüentemente, do aceleramento da taxa de desemprego a partir desse período nessas microrregiões, e em outras regiões nacionais, sobretudo na área urbana.

O aumento da fragilidade fiscal e financeira do estado, proveniente do endividamento externo e seu desdobramento interno, impediram de formular uma política industrial com bases nacionais.

Desta maneira, a década de 80 ficou caracterizada pela crise dos estados. Os estados perderam autonomia em remanejarem seu sistema tributário e; reduziram suas atividades

institucionais e econômicas, levando a sérios prejuízos para a infra-estrutura e às questões sociais, devido a deterioração financeira da época.

Em Santa Catarina, no início dos anos 80 foram inauguradas 101 agências do BESC, atingindo a todos os municípios catarinenses e ainda, houve a expansão da eletrificação rural, aumentando em 96% o consumo de energia, trazendo grandes resultados positivos no setor de transportes. No governo de Pedro Ivo Campos (1987-1990), entretanto, foram reduzidos em 1.706 cargos comissionados na área da educação; desativada frota de veículos e contrata menos de 50% de novos funcionários em relação aos três governos anteriores (Alcides Filho, 2002).

### 3.4.1.1 Pessoal Ocupado por Setor (Agropecuária, Indústria, Serviços/Comércio)

O percentual do pessoal ocupado por setor é uma das variáveis que possibilita verificar qual atividade que mais vem contribuindo para o aumento do trabalho em cada microrregião e, ao mesmo tempo, para o seu desenvolvimento socioeconômico.

#### *Microrregião de Campos de Lages*

O pessoal ocupado da microrregião de Campos de Lages, conforme é apresentado na tabela 25, esteve mais concentrado durante esses períodos de análise, na agropecuária, apesar de nos últimos anos essa participação ter caído um pouco. Em 1970, 75,9% das pessoas ocupadas estavam nesse setor, sendo que em 1995, esse percentual caiu para 67,4%.

**TABELA 25: Pessoal Ocupado por Setor da Microrregião de Campos de Lages  
1970-1995 – (%)**

<b>Setor</b>	<b>Pessoal Ocupado</b>				
	<b>1970</b>	<b>1975</b>	<b>1980</b>	<b>1985</b>	<b>1995</b>
Agropecuária	75,9%	74,6%	71,7%	73,9%	67,4%
Indústria	14,2%	13,3%	15,8%	11,8%	12,3%
Comércio/Serviços	9,9%	12,1%	12,5%	14,3%	20,3%

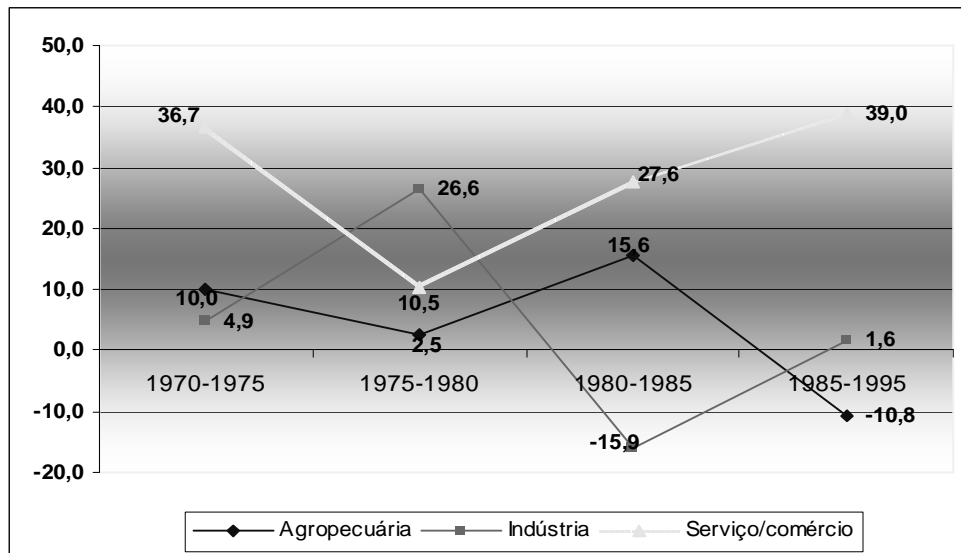
*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

O setor de serviços e comércio veio dando maior contribuição para o aumento do trabalho. Enquanto, em 1970, apenas 9,9% do pessoal ocupado dessa microrregião trabalhava nessa atividade, em 1995, passou para 20,3%.

Ao analisar a evolução do número de pessoas que trabalham em cada setor, através da figura 22, verifica-se que, o setor de serviços e comércio, foi o que mais empregou pessoas na microrregião nos últimos anos.

Na indústria, no período de 1980-1985, o percentual do pessoal ocupado caiu em 15,9%, voltando a se recuperar, lentamente após 1985. E na agropecuária entre 1985-1995, o número de pessoas ocupadas declinou em 10,8%. Uma das problemáticas dessa situação, deu-se através da sobrevalorização cambial e a facilidade de entrada de capital para adquirir ativos nacionais na década de 90, que afetou o complexo agroindustrial em Lages com uma reestruturação patrimonial em favor de multinacionais. Com novas exigências impostas pelos frigoríficos, como ganho de escala, novos sistemas de iluminação e ventilação e salas para as matrizes melhor, além da estratégia de trabalharem apenas com integrados dentro de um raio de abrangência mais próximo da empresa, o número de suinocultores teve uma queda considerável (Alcides Filho, 2002 p.357). Muitos não possuíam recursos financeiros para a modernização da atividade, sendo obrigados a se deslocarem para a cidade em busca de trabalho em outros setores.

**Figura 22: Evolução do Pessoal Ocupado na Agropecuária, Indústria e Serviços/Comércio na Microrregião de Campos de Lages 1970-1995 (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Segundo a Associação Catarinense de Suínos (2007):

A situação de falência que passam os suinocultores de Santa Catarina e os prejuízos até agora acumulados, são incalculáveis, mas o mais importante é o prejuízo social. Inúmeras famílias deixaram suas propriedades e estão procurando emprego nas cidades. Outros tanto que tiveram que entregar suas terras aos bancos, por dívidas que não conseguiram mais pagar os investimentos feitos.

Na região serrana, após o esgotamento das reservas araucária, iniciou-se o reflorestamento somente no início dos anos 70, obtendo resultados positivos só na segunda metade dos anos 90. Entretanto, os novos investimentos feitos na região, no setor madeireiro, além de seu atraso, foram de procedência externa: a Empresa Igaras e a Klabin. Desta maneira, muitos fazendeiros falidos que não dispunham mais de reservas florestais, encontraram no turismo rural a solução individual para a manutenção da renda familiar (FILHO, A., 2002 p. 259). Essa situação explica a grande expansão do pessoal ocupado no setor de serviços e, por conseguinte, ao problema do subemprego.

Nos anos 90, acreditou-se que os investimentos externos poderiam tirar a região da regressão. Nesta época, instalaram-se em Lages empresas como a Brahma, para atender a papelarias, a Perdigão, que comprou a Frigoplam em 1986 para aproveitar o potencial pecuarista, a Parmalat, para beneficiar a maçã e a Karsten para aproveitar a grande reserva de mão-de-obra feminina. Entretanto, foram empresas que vieram de fora para aproveitar um recurso abundante disponível nessa região. Observa-se, dessa maneira, que ainda não há o comando de forças endógenas que engendram um movimento capaz de romper o ciclo vicioso da dependência de investimentos de fora e gerar a diversificação produtiva (FILHO, A., 2002 p. 259). Essa deficiência na microrregião acaba ocasionando o subemprego em muitas áreas.

### ***Microrregião de Joinville***

Na microrregião de Joinville, a participação de cada setor no total do pessoal ocupado variou bastante durante os períodos analisados. A tabela 26 mostra que, em 1970 mais da metade desse pessoal estava concentrado na agropecuária, hoje é na indústria (55,2% em 1995) onde está o maior número. No setor de serviços e comércio (33,3%), o nível de emprego também veio aumentando significativamente.

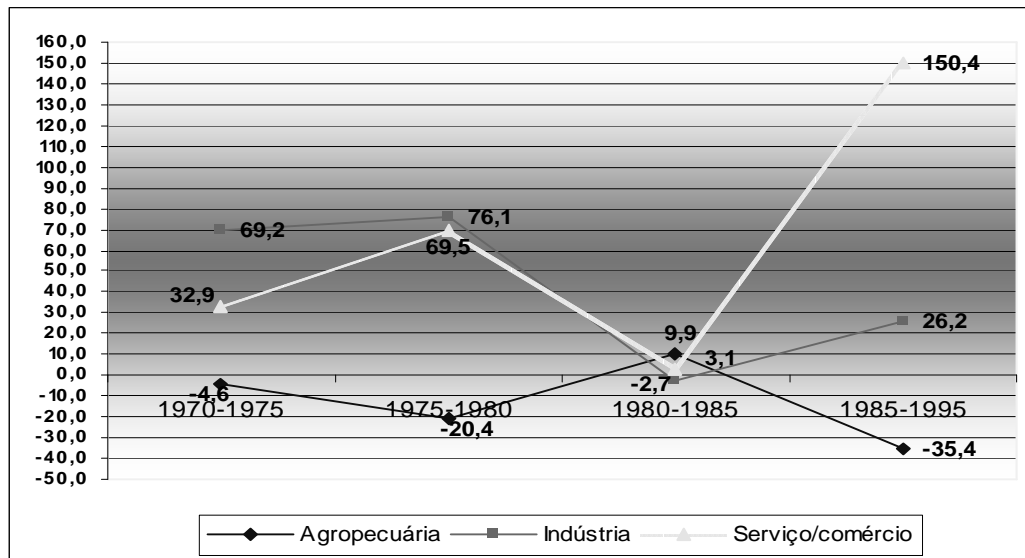
**TABELA 26: Pessoal Ocupado por Setor na Microrregião de Joinville 1970-1995 (%)**

Setor	Pessoal Ocupado				
	1970	1975	1980	1985	1995
Agropecuária	51,7%	39,1%	22,7%	23,9%	11,5%
Indústria	34,5%	46,3%	59,4%	58,4%	55,2%
Comércio/Serviços	13,8%	14,6%	18,0%	17,7%	33,3%

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Ao analisar a figura 23, observa-se que o setor de serviços e comércio, após apresentar uma desaceleração no crescimento do trabalho de 1975-1980, a partir de 1980, foi a atividade que mais veio empregando pessoas, em níveis percentuais. De 1985 para 1995 o número de pessoas ocupadas cresceu em 150,4%.

**Figura 23: Evolução do Pessoal Ocupado na Agropecuária, Indústria e Comércio/Serviços na Microrregião de Joinville 1970-1995 (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

No setor agropecuário, por sua vez, desde 1970 o número de pessoas ocupadas vem caindo, com exceção do período de 1980-1985, onde teve uma recuperação de 9,9%. Já de 1985 para 1995 o número de pessoas ocupadas diminuiu em 35,4%.

O setor industrial, até o período de 1975-1980, era o que mais aumentava o nível de trabalho, após esse período, de 1980-1985 foi o que menos evoluiu (2,7%), retornando a se elevar do ano 1985 para 1995 (26,2%).



### *Microrregião de Tubarão*

Na microrregião de Tubarão, semelhante à de Campos de Lages, o número de pessoas ocupadas foi mais acentuado no setor agropecuário, apesar dessa concentração ter diminuído. Conforme é apresentado na tabela 27, em 1970, 85,2% do pessoal trabalhavam nessa atividade, entretanto, em 1995 eram 53,9%.

**TABELA 27: Pessoal Ocupado por Setor na Microrregião de Tubarão 1970-1995**  
(%)

<b>Setor</b>	<b>Pessoal Ocupado</b>				
	<b>1970</b>	<b>1975</b>	<b>1980</b>	<b>1985</b>	<b>1995</b>
Agropecuária	85,2%	83,9%	72,5%	72,5%	53,9%
Indústria	5,7%	6,8%	13,9%	12,8%	18,6%
Comércio/Serviços	9,1%	9,3%	13,7%	14,7%	27,4%

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

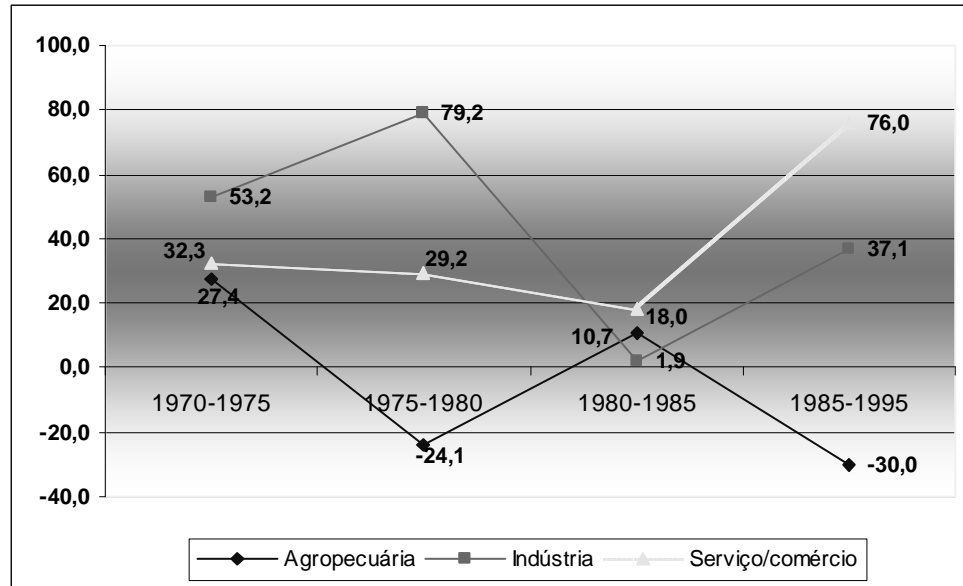
Por outro lado, o setor industrial e de serviços e comércio, aumentaram sua participação. Enquanto em 1970, apenas 5,7% e 9,1% do pessoal ocupado nessa microrregião estava na indústria e no comércio/serviços, respectivamente; em 1995, era 18,6% e 27,4%.

Ao analisar a evolução do pessoal ocupado em cada setor, observa-se pela figura 24 que, nos últimos anos (1985-1995) o nível de pessoas que trabalhava no setor agropecuário reduziu em 30%.

Na indústria até 1980 era aonde mais aumentava o nível de trabalho. A partir desse ano começou a desacelerar, recuperando entre 1985-1995, quando o nível de pessoas ocupadas aumentou em 37,1%.

O setor serviços, por sua vez, é a atividade que mais vem evoluindo no nível de trabalho. Após, ter apresentado pequenas desacelerações, até 1980-1985; de 1985-1995, o percentual de pessoas ocupadas nesse setor, aumentou em 76,0%.

**Figura 24: Evolução do Pessoal Ocupado na Agropecuária, Indústria e Comércio/Serviços na Microrregião de Tubarão 1970-1995 (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Observa-se que nas três microrregiões, tanto a indústria como o setor de serviços e comércio, são as atividades que mais vêm empregando pessoas, o que explica o grande deslocamento da população para a área urbana, sobretudo, na microrregião de Joinville e de Tubarão.

### 3.4.2 Educação

A educação, como já foi mencionada, é uma das chaves do desenvolvimento. Uma formação bem adequada das pessoas é essencial para garantir o seu bem estar e reduzir a pobreza.

Nesse item são apresentados alguns indicadores que fazem parte dessa categoria dos anos de 1991 e 2000, que são: o *analfabetismo* (percentual de pessoas entre 7 a 14 anos e com 15 ou mais anos de idade, que não sabem ler nem escrever um bilhete simples), a *defasagem escolar* (percentual de pessoas entre 7 a 14 anos que possuem mais de um ano de atraso escolar) e a *evasão escolar* (percentual de pessoas entre 7 a 14 anos de idade fora da escola, e daquelas entre 10 a 14 anos trabalhando).

### *Microrregião de Campos de Lages*

A educação na microrregião de Campos de Lages, como se pode observar na tabela 28, melhorou, quantitativamente, dando destaque ao indicador *evasão escolar* – pessoas fora da escola.

Enquanto, em 1991 o percentual de crianças e adolescentes entre 7 a 14 anos de idade que estavam fora da escola era de 16,82; em 2000 era de apenas 4,73.

Tendo mais pessoas na escola, a tendência é de que o número de analfabetos diminua. Foi o que ocorreu nessa microrregião, entretanto, em uma proporção inferior. O analfabetismo de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos, nesse período, reduziu-se em apenas 7,50%, já a redução da evasão escolar foi de 12,09%.

O número de pessoas com mais de um ano de atraso escolar nessa faixa etária, ainda continua elevado, significando que, a qualidade da educação dessa microrregião ainda pode ser baixa. Mesmo a defasagem escolar ter caído em 11,00%, esta diminuição, da mesma forma que ocorreu com o analfabetismo, não alcançou à queda da evasão escolar.

O número de crianças e adolescentes entre 10 a 14 anos de idade que estão trabalhando, também é uma variável de grande importância. Nessa categoria, pode-se enquadrar o trabalho remunerado ou não (ajuda a membros da família, aprendiz, estagiário) e também o trabalho na produção para consumo próprio. Na microrregião de Campos de Lages esta situação ainda está presente, um problema que dificulta o aprendizado da criança ou adolescente na escola, interferindo na defasagem escolar.

**TABELA 28: Indicadores da Educação na Microrregião de Campos de Lages - 1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Analfabetismo (% pessoas de 7 a 14anos)</i>	<i>13,6</i>	<i>6,1</i>
<i>Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)</i>	<i>16,9</i>	<i>11,1</i>
<i>Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14anos)</i>	<i>29,5</i>	<i>18,5</i>
<i>Evasão escolar (% pessoas de 7 a 14 anos)</i>	<i>16,82</i>	<i>4,73</i>
<i>Fora da escola</i>		
<i>Evasão escolar (% pessoas 10 a 14anos</i>	<i>9,54</i>	<i>6,43</i>
<i>Trabalhando)</i>		

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Uma outra variável relevante que pode medir a educação da microrregião é o grau de escolaridade da população com 25 anos ou mais de idade. Apenas 7,6% (IPEA, 2007) dessas pessoas, em 2000, tinham pelo menos um ano de curso universitário e, 66,1% (IPEA, 2007) da população nessa faixa etária não tinham completado ainda a oitava série do ensino fundamental. Ou seja, o número de adultos e idosos que não possuem o ensino fundamental completo, ainda é elevado, e é escasso o número da população que tem acesso ao ensino superior.

### ***Microrregião de Joinville***

Os indicadores da educação da microrregião de Joinville de 1991 para 2000, também tiveram uma melhora. O indicador que mais veio se destacando foi o da *defasagem escolar*. Em 1991 o percentual de crianças e adolescentes entre 7 a 14 anos em atraso escolar era de 21,8; já em 2000, era de apenas 11,3%, conforme apresenta a tabela 29.

O número de analfabetos da faixa etária entre 7 a 14 anos, apesar de ser baixo nessa microrregião, da mesma forma que veio ocorrendo na microrregião de Campos de Lages, reduziu menos do que o aumento da frequência escolar de pessoas dessa mesma faixa etária. Enquanto, o analfabetismo reduziu em apenas 2,9% em 2000, o percentual de crianças e adolescentes fora da escola caiu em 7,75%.

**TABELA 29: Indicadores da Educação na Microrregião de Joinville  
1991 e 2000**

<b><i>INDICADOR</i></b>	<b><i>1991</i></b>	<b><i>2000</i></b>
<b><i>Analfabetismo ( % pessoas de 7 a 14anos)</i></b>	<b><i>5,9</i></b>	<b><i>3,0</i></b>
<b><i>Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)</i></b>	<b><i>6,1</i></b>	<b><i>3,8</i></b>
<b><i>Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14anos)</i></b>	<b><i>21,8</i></b>	<b><i>11,3</i></b>
<b><i>Evasão escolar (% pessoas de 7 a 14 anos) Fora da escola</i></b>	<b><i>10,22</i></b>	<b><i>2,47</i></b>
<b><i>Evasão escolar (% pessoas 10 a 14 anos Trabalhando)</i></b>	<b><i>4,54</i></b>	<b><i>3,0</i></b>

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

O indicador que menos progrediu nesse período foi o que expressa o número de crianças e adolescentes entre 10 a 14 anos que trabalham (evasão escolar), que reduziu em apenas 1,34%.

Um grande problema para o avanço da educação dos habitantes na microrregião. Apesar de ser proibido pessoas menores de idade de trabalhar, ainda se percebe que esta situação está presente.

Em 2000, apenas 9,5% (IPEA, 2007) das pessoas com 25 anos ou mais de idade possuíam pelo menos um ano completo de curso universitário; e mais da metade (55,2%, IPEA, 2007) da população dessa faixa etária não chegaram a completar a oitava série do ensino fundamental.

Ou seja, apesar desses indicadores terem melhorado quantitativamente, percebe-se ainda, algumas deficiências no nível da educação na microrregião de Joinville.

### ***Microrregião de Tubarão***

A microrregião de Tubarão reduziu em 5,3% o número de analfabetos entre 7 a 14 anos de idade, de 1991 para 2000. Em 1991, o analfabetismo de crianças e adolescentes era de 8,3%, em 2000 ele caiu para 3%, conforme mostra a tabela 30. O que possibilitou essa redução foi o aumento da frequência escolar dessa faixa etária. Enquanto em 1991, 88,1% das crianças e adolescentes estavam freqüentando a escola, em 2000, era 97,3%.

Por outro lado, a defasagem escolar ainda é expressiva. Apesar de ter reduzido em 9,75% o número de pessoas entre 7 e 14 anos de idade com atraso escolar, em 2000, ainda 12,1% das pessoas dessa faixa etária não estavam na série escolar correta.

**TABELA 30: Indicadores da Educação na Microrregião de Tubarão  
1991 e 2000**

<b><i>INDICADOR</i></b>	<b><i>1991</i></b>	<b><i>2000</i></b>
<b><i>Analfabetismo (% pessoas de 7 a 14anos)</i></b>	<b><i>8,3</i></b>	<b><i>3,0</i></b>
<b><i>Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)</i></b>	<b><i>12,3</i></b>	<b><i>7,7</i></b>
<b><i>Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14anos)</i></b>	<b><i>21,8</i></b>	<b><i>12,1</i></b>
<b><i>Evasão escolar (% pessoas de 7 a 14 anos) Fora da escola</i></b>	<b><i>11,92</i></b>	<b><i>2,71</i></b>
<b><i>Evasão escolar (% pessoas 10 a 14anos Trabalhando)</i></b>	<b><i>9.72</i></b>	<b><i>8,57</i></b>

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Um dos maiores problemas na microrregião de Tubarão é o trabalho de crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos de idade. Esse número reduziu em apenas 1,15% (em 1991 era

de 9,72% e em 2000 passa para 8,57%), o que acaba afetando o indicador *defasagem escolar* também nessa microrregião.

Isso mostra que, ainda há muitas crianças e adolescentes que necessitam trabalhar para ajudar suas famílias em casa nas microrregiões estudadas, o que acaba afetando sua aprendizagem escolar e, interferindo na oportunidade de alcançar uma melhor qualidade de vida, tanto nos aspectos sociais como econômicos. .

Em 2000, 6,9% (IPEA, 2007) da população com 25 anos ou mais de idade tinha completado pelo menos um ano de curso universitário na microrregião de Tubarão, e as pessoas dessa faixa etária que não tinham a oitava série do ensino fundamental completa era 65,5% (IPEA, 2007), mostrando que o nível da educação ainda é um pouco baixo também, nessa microrregião.

### **3.4.3 Saúde**

A saúde é uma das variáveis para se alcançar o bem estar do ser humano. Mais saúde significa, mais anos de vida e, ao mesmo tempo, melhora a educação da população. Uma criança bem alimentada e possuindo uma boa higiene, pode aprender mais e a viver saudavelmente.

Os indicadores estudados são: o índice de esperança de vida, a mortalidade infantil e o número de médicos residentes; que possibilitam ter uma visão da saúde das microrregiões.

#### ***Microrregião de Campos de Lages***

Na microrregião de Campos de Lages, em 2000 as pessoas passaram a viver quatro anos a mais, em relação a 1991, conforme mostra a tabela abaixo. Da mesma forma, a mortalidade infantil diminuiu. Em 1991, para cada mil crianças nascidas vivas, 33 não sobreviviam ao primeiro ano de vida, já em 2000, esse número reduziu-se para 23 crianças, ou seja, uma queda em 30,6%.

**TABELA 31: Indicadores da Saúde na Microrregião de Campos de Lages  
1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Índice de Esperança de Vida</i>	67,5	71,4
<i>Mortalidade Infantil</i>	32,7	22,7
<i>Médicos Residentes (mil habitantes)</i>	2,53	5,05

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento (SPG) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

No ano de 2000 a microrregião de Campos de Lages possuía cinco médicos, em média, para cada mil habitantes, contra 2,5 no ano de 1991. Esse aumento do número de médicos é uma das variáveis que pode ter beneficiado na melhora do índice de esperança de vida e da queda da mortalidade infantil.

#### ***Microrregião de Joinville***

Na microrregião de Joinville, as mudanças nos indicadores da saúde, não foram muito diferentes da de Campos de Lages. Enquanto, no ano de 1991 a população vivia em média 70 anos, em 2000 ela passou a viver 74,5, conforme mostra a tabela 32.

O número de crianças que não sobreviviam ao primeiro ano de vida, reduziu-se em 40,7%. Em 1991, a mortalidade infantil nessa microrregião era de 25,3 crianças, já em 2000 foi de 15 para cada mil crianças nascidas vivas.

**TABELA 32: Indicadores da Saúde na Microrregião de Joinville  
1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Índice de Esperança de Vida</i>	70,0	74,5
<i>Mortalidade Infantil</i>	25,3	15,0
<i>Médicos Residentes (mil habitantes)</i>	2,59	5,2

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento (SPG) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Uma variável que teve importante participação para essa melhora da saúde, foi o aumento de médicos. O número desses profissionais, do período de 1991 para 2000 duplicou. Em 2000 essa microrregião possuía 5,2 em média para cada mil pessoas que residiam na microrregião.

### ***Microrregião de Tubarão***

A saúde na microrregião de Tubarão também melhorou durante a última década. O número de médicos é superior das de Campos de Lages e de Joinville, apesar de seu crescimento ter sido extremamente pequeno em relação as duas anteriores.

De 1991 para 2000, o número de médicos cresceu em apenas um para cada mil habitantes. Pela tabela 33, pode-se observar melhor essa situação, enquanto, em 1991 havia 6,19 médicos para cada mil habitantes, em 2000 aumentou para 7,26.

Entretanto, mesmo não tendo um crescimento mais acentuado desses profissionais, na microrregião de Tubarão o índice de esperança de vida e o indicador mortalidade infantil melhoraram. Em 2000, as pessoas estavam vivendo três anos a mais que em 1991, e o número de crianças com menos de um ano de idade mortas para cada mil nascidas vivas, apresentou uma queda em 31% do período de 1991 para o período de 2000.

**TABELA 33: Indicadores da Saúde na Microrregião de Tubarão  
1991 e 2000**

<b><i>INDICADOR</i></b>	<b><i>1991</i></b>	<b><i>2000</i></b>
<b><i>Índice de Esperança de Vida</i></b>	<b><i>67,7</i></b>	<b><i>70,7</i></b>
<b><i>Mortalidade Infantil</i></b>	<b><i>19,9</i></b>	<b><i>13,7</i></b>
<b><i>Médicos Residentes (mil habitantes)</i></b>	<b><i>6,19</i></b>	<b><i>7,26</i></b>

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento (SPG) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

O número de médicos apesar de ter aumentado um pouco, ainda é muito escasso nas microrregiões estudadas. Cinco profissionais dessa área para atender mil pessoas é muito pequeno para uma vasta quantidade de doenças que são conhecidas, são enormes as filas de espera por um atendimento, principalmente, nas áreas onde a pobreza é maior, e muitos doentes nem chegam ser atendidos. Tal situação interfere num maior avanço dos indicadores da saúde, ou seja, a situação da mortalidade infantil poderia estar melhor e, a população poderia ter uma maior esperança de vida.

Entretanto, percebe-se que houve uma melhora na saúde nas microrregiões. A esperança de vida tem aumentado, principalmente, devido ao avanço tecnológico da medicina, por outro lado, a taxa de mortalidade diminuiu na última década segundo a demógrafa e socióloga Ana



Amélia Camarano (*in: Revista IdadeAtiva*, 2007), apesar dos processos responsáveis pelo aumento da longevidade terem sido resultado de políticas e incentivos promovidos pela sociedade e pelo Estado e do progresso tecnológico, as suas conseqüências têm sido vistas, em geral, com preocupações. Isto porque acarretam pressões para transferências de recursos na sociedade, colocando desafios para o Estado, os setores produtivos e as famílias, como as políticas na saúde de promoção e prevenção.

A melhora da saúde nessas três microrregiões, beneficiou ao aumento da população de meia idade. A maior porcentagem dos habitantes, concentra-se na faixa etária adulta, como foi analisado nos aspectos populacionais. Esta situação afirma que o aumento da expectativa de vida ao nascer e o declínio da fecundidade, não só nessas microrregiões, como também no Brasil, estão provocando a chamada “crise da velhice” (Ana Amélia, *in: Revista Idade Ativa*, 2007).

#### **3.4.4 Pobreza**

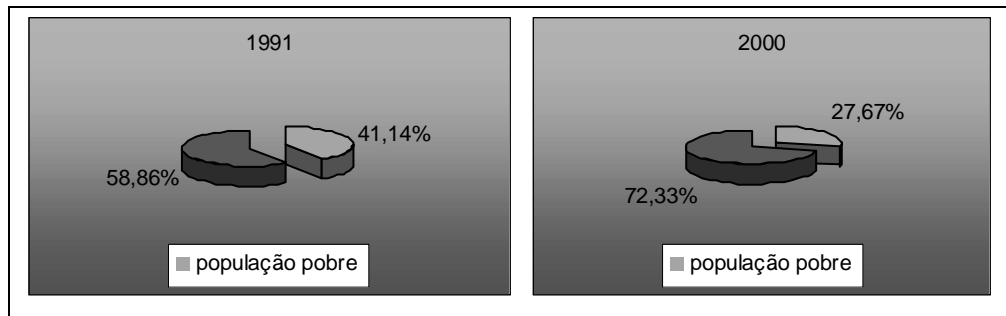
A pobreza ainda é muito expressiva em nossa realidade e, é uma das variáveis que impactam sobre a saúde e a educação da população. Ao realizarem uma análise do impacto da pobreza sobre a saúde das pessoas residentes da Cidade do Rio de Janeiro, Szwarcwald *et al.* (1999) concluíram que, existe uma correlação estatisticamente significativa dessa variável com as taxas de mortalidade infantil e com a expectativa de vida da população residente.

A população pobre tem menos acesso a escola e muitas não alcançam o segundo grau, devido suas precárias condições de vida, afetando a sua educação.

##### ***Microrregião de Campos de Lages***

Na microrregião de Campos de Lages, o percentual de pessoas pobres em 1991 (pessoas que viviam com renda domiciliar *per capita* inferior a 75,50 reais<sup>9</sup>), era de 41,14% da população residente total, sendo que dentro desse número 18,56% (IPEA, 2007) dos habitantes se classificavam como indigentes (que viviam com menos de 37,75 reais por mês<sup>10</sup>).

**Figura 25: Percentual de População Pobre da Microrregião de Campos de Lages - 1991 e 2000.**



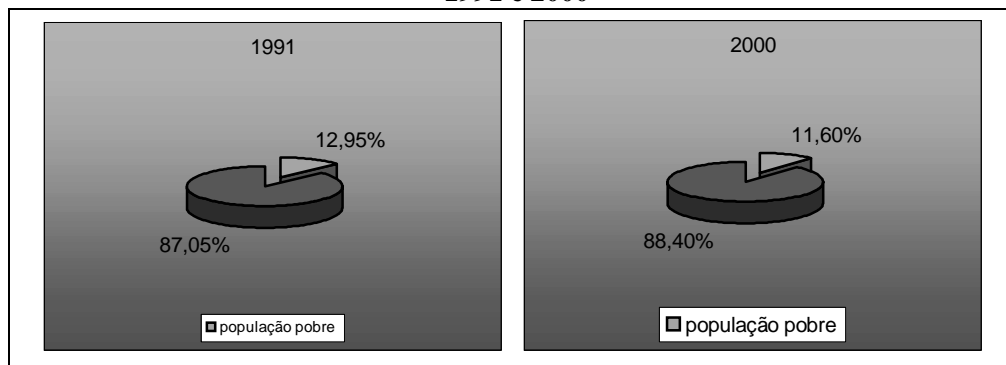
Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Em 2000, os pobres representavam 27,67% da população total da microrregião (ver figura 22) e, 10,72% (IPEA, 2007) eram pessoas indigentes.

### *Microrregião de Joinville*

A microrregião de Joinville, ao contrário de Campos de Lages, apresentou uma pobreza bem inferior. Conforme mostra a figura 26, em 1991 12,95% da população eram consideradas pobres, sendo que 3,31% eram pessoas indigentes.

**Figura 26: Percentual de População Pobre da Microrregião de Joinville 1991 e 2000**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

<sup>9</sup>Equivalentes a  $\frac{1}{2}$  do salário mínimo vigente em agosto de 2000, IPEADATA.

<sup>10</sup>Equivalentes a  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo vigente em agosto de 2000, IPEADATA.

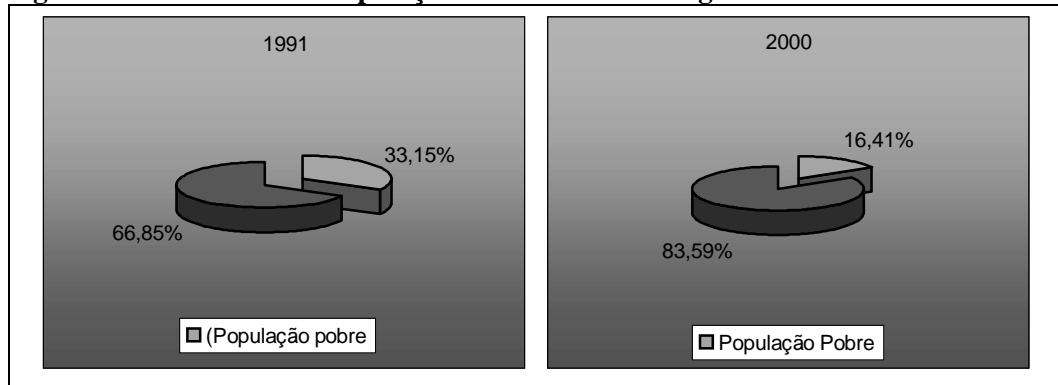
Em 2000, o número de pobres reduziu em 1.35 pontos percentuais em relação a 1991. Por outro lado, o número de pessoas indigentes nessa microrregião, aumentou em 0.83%. Em 2000, esse pessoal representou 4,14% (IPEA, 2007) da população total.

### ***Microrregião de Tubarão***

Na microrregião de Tubarão houve uma melhora no padrão de vida da população. O número de pessoas pobres reduziu, significativamente, no período 1991-2000. Através da figura 27, observa-se que, enquanto em 1991 33,15% da população era considerada pobre, em 2000 passa para 16,41%.

Sendo que, dentro desse quadro, em 1991, 11,74% (IPEADATA) da população eram pessoas indigentes e em 2000, esse pessoal reduziu para 5,59% (IPEADATA) da população.

**Figura 27: Percentual de População Pobre da Microrregião de Tubarão -1991 e 2000**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A presente situação da pobreza nas microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão, foi uma das variáveis que impediu que a saúde e a educação evoluíssem num nível maior e melhor. Por exemplo, nas microrregiões onde a pobreza é maior (Campos de Lages e Tubarão) a mortalidade infantil é mais elevada e a esperança de vida é menor, conforme já foi apresentado no item anterior.

### 3.5 Aspectos do Desenvolvimento Sustentável

#### 3.5.1 Condições de Moradia

Os indicadores de condições de moradia podem ser um meio de verificar se o desenvolvimento das microrregiões é sustentável.

A partir dos indicadores: domicílios com instalações adequadas de esgoto; com água encanada e com serviços de coleta de lixo, é possível verificar se o desenvolvimento das microrregiões tende a ser sustentável, já que, questões ambientais, abastecimento de água e sistemas de esgotos estão interligados com as condições de saúde e de vida da população (GERALOMO, PENNA, 2000). Até mesmo, as precárias condições de coleta de lixo e de instalações inadequadas de esgoto ocasionam a degradação ambiental e a poluição.

#### *Microrregião de Campos de Lages*

A partir da tabela 34, observa-se que esses indicadores na microrregião de Campos de Lages vieram apresentando uma melhora expressiva. Mais de 90% da população com domicílios, em 2000, possuía água encanada e serviços de coleta de lixo; com exceção as redes de esgoto. Nesse ano, apenas 53,79% dos habitantes possuíam adequadas instalações de esgoto em seus domicílios.

**TABELA 34: Indicadores de Moradia na Microrregião de Campos de Lages  
1991 e 2000**

<i>INDICADOR (%)</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Domicílios c/ instalações adequadas de esgoto (%)</i>	<i>61,25</i>	<i>53,79</i>
<i>Domicílios c/ água encanada (%)</i>	<i>86,51</i>	<i>94,46</i>
<i>Domicílios c/ serviços de coleta de lixo (%)</i>	<i>67,22</i>	<i>94,51</i>

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Desta maneira, mesmo aumentando o percentual da população que possui água encanada, não se sabe, realmente, se a água que é fornecida aos domicílios é de ótima qualidade, pois inadequadas instalações de esgoto (como valas, rios, lagos, fossas rudimentares) afetam-a, drasticamente.

Em 2000, mais de 25% da população possuía péssimas instalações de esgoto nos domicílios, e 13,92% não possuíam banheiro nem sanitários (Confederação Nacional dos Municípios, 2000).

### ***Microrregião de Joinville***

Na microrregião de Joinville em 2000, mais de 90% da população já possuía condições adequadas de moradia, conforme se verifica na tabela 35. Ou seja, observa-se nesta microrregião uma tendência de desenvolvimento sustentável, já que, condições acessíveis de esgoto e de serviços de coleta de lixo, são uns dos indicadores que beneficiam as condições adequadas de abastecimento da água e do ar.

**TABELA 35: Indicadores de Moradia na Microrregião de Joinville  
1991 e 2000**

<b><i>INDICADOR (%)</i></b>	<b><i>1991</i></b>	<b><i>2000</i></b>
<b><i>Domicílios c/ instalações adequadas de esgoto (%)</i></b>	<b><i>83,14</i></b>	<b><i>90,67</i></b>
<b><i>Domicílios c/ água encanada (%)</i></b>	<b><i>95,12</i></b>	<b><i>98,04</i></b>
<b><i>Domicílios c/ serviços de coleta de lixo (%)</i></b>	<b><i>86,69</i></b>	<b><i>98,72</i></b>

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Entretanto, observa-se ainda pela tabela acima que, quase 10% dos habitantes não possui instalações adequadas de esgoto, resultando em más condições de vida e saúde a esse percentual da população.

### ***Microrregião de Tubarão***

Na microrregião de Tubarão, enquanto o número de habitantes veio aumentando nos últimos anos, percebe-se através da tabela 36 que, o percentual da população com adequadas instalações de esgoto em seus domicílios não evoluiu. De 1991 para 2000, o número de pessoas que as possuíam reduziu-se em 17,08%, o que causa uma grande preocupação para a saúde da população, bem como para o desenvolvimento sustentável dessa microrregião.

**TABELA 36: Indicadores de Moradia na Microrregião de Tubarão  
1991 e 2000**

<i>INDICADOR</i>	<i>1991</i>	<i>2000</i>
<i>Domicílios c/ instalações adequadas de esgoto (%)</i>	<i>77,61</i>	<i>60,53</i>
<i>Domicílios c/ água encanada (%)</i>	<i>96,31</i>	<i>98,27</i>
<i>Domicílios c/ serviços de coleta de lixo (%)</i>	<i>73,49</i>	<i>93,49</i>

*Fonte:* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Por outro lado, o percentual da população com domicílios que possuem água encanada e coleta de lixo evoluiu positivamente. Em 2000, mais de 90% da população já tinha disponibilidade de serviços de coleta de lixo e acesso à água encanada. Porém, semelhante a situação na microrregião de Campos de Lages, não se sabe quais as condições exatas da água encanada nessa microrregião, já que, as condições inadequadas de esgoto interferem, negativamente, na sua qualidade. Quase 40% da população com domicílios, em 2000, possuía péssimas instalações de esgoto e, 2,02% da população não tinha banheiro nem sanitário (Confederação Nacional dos Municípios, 2000).

### ***3.6 Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)***

O IDH é um grande avanço para medir o desenvolvimento de uma região. Ele varia de zero até um. Seu valor é zero quando não há desenvolvimento humano, e quando é um, o desenvolvimento é total. Sendo que as regiões podem ser classificadas da seguinte maneira:

- quando o IDH está entre 0 e 0,499, é considerado baixo;
- quando está entre 0,500 e 0,799, é considerado médio e;
- quando está entre 0,800 e 1 é considerado alto.

Neste item será analisado o IDH das microrregiões, segundo essa classificação.

A evolução do IDH tem como objetivo neste estudo, confirmar o avanço dos indicadores da educação e da saúde, já analisados, pois seu resultado é reflexo dessa melhora.

### *Microrregião de Campos de Lages*

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da microrregião de Campos de Lages é considerado médio. Como é apresentado na tabela 37, em 1991 seu IDH foi igual a 0,667, e em 2000 igual a 0,752, apresentando um aumento de 12,74%.

A maior contribuição para alcançar a evolução desse índice durante os últimos anos veio das categorias renda e educação (tabela 37 e quadro 2). Como já foram mostrados na tabela 19, os indicadores *analfabetismo* e *evasão escolar* (pessoas de 7 a 14 anos de idade fora da escola) melhoraram significativamente entre 1991-2000. Em 2000, quase 90% dos habitantes com 15 ou mais anos de idade eram alfabetizados, e 95,3% das crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos estavam freqüentando a escola.

**TABELA 37: IDH - Municipal, Composição do IDH, e IDH da Microrregião de Campos de Lages - 1991 e 2000**

<b>Município</b>	<b>IDH - Municipal, Subíndices do IDH (Educação, Longevidade e Renda), e IDH- Microrregional</b>							
	<i>IDH-M</i>		<i>IDH-Educação</i>		<i>IDH-Longevidade</i>		<i>IDH-Renda</i>	
	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Anita Garibaldi	0,633	0,75	0,671	0,825	0,724	0,806	0,505	0,618
Bocaina do Sul	0,648	0,716	0,715	0,793	0,707	0,733	0,522	0,621
Bom Jardim da Serra	0,669	0,758	0,723	0,843	0,694	0,759	0,590	0,671
Bom Retiro	0,662	0,732	0,72	0,811	0,677	0,717	0,590	0,668
Campo Belo do Sul	0,617	0,694	0,656	0,769	0,675	0,700	0,520	0,614
Capão Alto	0,607	0,725	0,662	0,838	0,642	0,700	0,516	0,638
Celso Ramos	0,677	0,762	0,755	0,850	0,739	0,821	0,536	0,614
Cerro Negro	0,598	0,686	0,625	0,740	0,69	0,759	0,479	0,56
Correia Pinto	0,712	0,772	0,777	0,871	0,75	0,782	0,609	0,663
Lages	0,731	0,813	0,822	0,914	0,699	0,782	0,671	0,744
Otacílio Costa	0,725	0,804	0,781	0,882	0,739	0,826	0,656	0,703
Painel	0,666	0,753	0,718	0,819	0,709	0,782	0,572	0,659
Palmeira	0,659	0,755	0,707	0,813	0,709	0,799	0,562	0,653
Rio Rufino	0,666	0,736	0,741	0,805	0,699	0,759	0,539	0,644
São Joaquim	0,693	0,784	0,761	0,86	0,707	0,756	0,609	0,681
São José do Cerrito	0,633	0,731	0,671	0,802	0,695	0,777	0,532	0,615
Urubici	0,708	0,785	0,758	0,856	0,742	0,827	0,624	0,673
Urupema	0,693	0,784	0,756	0,849	0,742	0,822	0,581	0,681
<b>Microrregião de Campos de Lages</b>	<b>0,667</b>	<b>0,752</b>	<b>0,723</b>	<b>0,830</b>	<b>0,708</b>	<b>0,773</b>	<b>0,567</b>	<b>0,651</b>

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD, IPEA, Fund. João Pinheiro)

A saúde também teve uma grande importância para a melhora do desenvolvimento humano. Em 2000, a mortalidade infantil diminuiu em relação ao ano de 1991 (tabela 31). Dez crianças a mais sobreviveram ao primeiro ano de vida entre mil crianças nascidas vivas.

**QUADRO 2: Evolução da Composição do IDH na Microrregião de Campos de Lages 1991-2000 - (%)**

Subíndices do IDH (1991-2000)			
	<i>Educação</i>	<i>Longevidade</i>	<i>Renda</i>
Microrregião de Campos de Lages	14,8	9,2	14,8

*Fonte:* Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos pela Secretaria de Estado do Planejamento (SPG).

Essa diminuição da mortalidade infantil beneficiou o aumento da esperança de vida ao nascer nessa microrregião em 3,9 anos nesse mesmo período.

### *Microrregião de Joinville*

O IDH da microrregião de Joinville após apresentar um aumento de 9,9%, no ano de 2000 em relação a 1991, passou a ser considerado alto, conforme mostra a tabela 38.

**TABELA 38: IDH - Municipal, Composição do IDH, e IDH da Microrregião de Joinville 1991-2000**

<b>Município</b>	<b>IDH - Municipal, Subíndices do IDH (Educação, Longevidade e Renda), e IDH - Microrregional</b>							
	<i>IDH-M</i>		<i>IDH-Educação</i>		<i>IDH-Longevidade</i>		<i>IDH-Renda</i>	
	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Araquari	0,707	0,767	0,768	0,874	0,717	0,784	0,637	0,644
Balneário Barra do Sul	0,711	0,807	0,785	0,900	0,725	0,824	0,624	0,698
Corupá	0,748	0,818	0,796	0,898	0,757	0,838	0,691	0,719
Garuva	0,715	0,787	0,770	0,860	0,717	0,813	0,659	0,687
Guaramirim	0,76	0,822	0,800	0,906	0,800	0,838	0,681	0,722
Itapoá	0,701	0,793	0,788	0,887	0,683	0,765	0,631	0,728
Jaraguá do Sul	0,79	0,85	0,860	0,952	0,761	0,819	0,750	0,779
Joinville	0,779	0,857	0,846	0,936	0,761	0,859	0,729	0,776
Massaranduba	0,769	0,835	0,795	0,890	0,803	0,880	0,708	0,735
São Francisco do Sul	0,752	0,82	0,836	0,907	0,762	0,811	0,658	0,743
Schoroeder	0,752	0,838	0,817	0,919	0,761	0,838	0,678	0,757
<b>Microrregião de Joinville</b>	<b>0,744</b>	<b>0,818</b>	<b>0,806</b>	<b>0,903</b>	<b>0,750</b>	<b>0,824</b>	<b>0,677</b>	<b>0,726</b>

*Fonte:* Secretaria de Estado do Planejamento (SPG).

A educação foi a categoria que mais beneficiou a melhora do IDH dessa microrregião. O subíndice *Educação* elevou-se em 12%, conforme é mostrado no quadro 3. Esse resultado se deu,



sobretudo, devido ao aumento da frequência escolar de pessoas de 7 a 14 anos de idade e, ao da alfabetização ( tabela 29). Em 2000, 97% das pessoas de 15 ou mais anos de idade eram alfabetizadas e, 97,5% das crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos frequentavam a escola.

**QUADRO 3: Evolução da Composição do IDH na Microrregião de Joinville 1991-2000 – (%)**

Subíndices do IDH (1991-2000)			
	<i>Educação</i>	<i>Longevidade</i>	<i>Renda</i>
Microrregião de. Joinville	12,0	9,9	7,2

*Fonte:* Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos pela Secretaria de Estado do Planejamento.

A melhora do desenvolvimento humano foi resultado também, da evolução da dimensão *Longevidade*. Nessa microrregião a esperança de vida da população aumentou em 4,5 anos em 2000 em relação a 1991.

#### ***Microrregião de Tubarão***

O IDH da microrregião de Tubarão em 1991 foi igual a 0,722; classificando-se em nível médio, em 2000, passa a ser considerado alto, alcançando um valor igual a 0,805 (tabela 39).

Conforme se verifica no quadro 4, o subíndice que mais avançou durante esse período foi o *Renda*, entretanto, a *Educação* é a maior dimensão entre as três categorias, apresentando uma importante participação.

Em 2000, apenas 7,7% das pessoas com 15 ou mais anos de idade eram analfabetas e, 97,3% das crianças e adolescentes entre 7 a 14 anos de idade frequentavam a escola.

A dimensão longevidade evolui bem menos em relação à categoria renda e à educação. A esperança de vida das pessoas durante esse período aumentou apenas em três anos (tabela 33).

**TABELA 39: IDH - Municipal Composição do IDH, e IDH da Microrregião de Tubarão  
1991 e 2000**

<i>IDH-Municipal, Subíndices do IDH ( Educação, Longevidade e Renda), e IDH-Microrregional</i>								
<b>Município</b>	<i>IDH-M</i>		<i>IDH-Educação</i>		<i>IDH-Longevidade</i>		<i>IDH-Renda</i>	
	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Armazém	0,714	0,795	0,755	0,852	0,768	0,833	0,620	0,700
Braço do Norte	0,739	0,846	0,786	0,919	0,800	0,833	0,632	0,786
Capivari de Baixo	0,735	0,812	0,822	0,911	0,766	0,845	0,616	0,680
Garopaba	0,682	0,785	0,689	0,839	0,784	0,834	0,572	0,683
Grão Pará	0,739	0,826	0,773	0,890	0,768	0,833	0,675	0,754
Gravatal	0,722	0,798	0,773	0,877	0,781	0,834	0,611	0,684
Imaruí	0,678	0,742	0,700	0,806	0,742	0,773	0,593	0,647
imbituba	0,739	0,805	0,800	0,894	0,781	0,827	0,635	0,693
Jaguaruna	0,702	0,793	0,726	0,868	0,757	0,804	0,624	0,706
Laguna	0,72	0,793	0,797	0,882	0,757	0,804	0,605	0,693
Orleans	0,736	0,814	0,774	0,888	0,795	0,836	0,638	0,717
Pedras Grandes	0,721	0,799	0,777	0,873	0,79	0,834	0,595	0,689
Rio Fortuna	0,733	0,822	0,812	0,918	0,795	0,836	0,592	0,713
Sangão	0,702	0,794	0,729	0,826	0,769	0,836	0,608	0,721
Santa Rosa de Lima	0,712	0,795	0,773	0,885	0,790	0,834	0,574	0,666
São Ludgero	0,757	0,825	0,816	0,898	0,775	0,836	0,679	0,741
São Martinho	0,719	0,816	0,786	0,879	0,790	0,834	0,581	0,736
Treze de Maio	0,698	0,796	0,75	0,855	0,742	0,818	0,601	0,714
Tubarão	0,775	0,842	0,858	0,924	0,775	0,836	0,691	0,766
<b>Microrregião de Tubarão</b>	<b>0,722</b>	<b>0,805</b>	<b>0,734</b>	<b>0,833</b>	<b>0,735</b>	<b>0,784</b>	<b>0,585</b>	<b>0,673</b>

Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento (SPG).

**QUADRO 4: Evolução da Composição do IDH na Microrregião de Tubarão 1991-2000 – (%)**

Subíndices do IDH (1991-2000)			
	<b>Educação</b>	<b>Longevidade</b>	<b>Renda</b>
Microrregião de Tubarão	13,5	6,7	15,0

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos pela Secretaria de Estado do Planejamento.

Uma das variáveis que beneficiou esse aumento foi a mortalidade infantil. Em 2000, 6 crianças a mais sobreviveram ao seu primeiro ano de vida entre mil crianças nascidas vivas, em relação a 1991.

### 3.7 Estrutura Produtiva

#### 3.7.1 Número de Estabelecimentos ou Unidades Produtivas Locais

Após estudar o nível do pessoal ocupado por setor, é de extrema importância analisar o número de estabelecimentos ou unidades locais de produção, e sua evolução, verificando a relação entre as duas variáveis.

#### *Microrregião de Campos de Lages*

Na microrregião de Campos de Lages o maior número de estabelecimentos ou unidades locais produtivas esteve concentrado no setor agropecuário entre 1970-1995 (tabela 40). Contudo, entre 1985-1995 obteve uma queda em 1% dessas unidades, (tabela 41), ocasionando uma diminuição no nível de trabalho de 10,8% (figura 22, p.78) nessa atividade. Pois, como foi analisado no item 3.4.1.1 (p.78), a sobrevalorização cambial e facilidade de entrada de capital afetou o complexo agroindustrial em Lages com uma reestruturação patrimonial em favor de multinacionais. Com novas exigências impostas pelos frigoríficos, como ganho de escala, novos sistemas de iluminação e ventilação e salas para as matrizes melhor, além da estratégia de trabalharem apenas com integrados dentro de um raio de abrangência mais próximo da empresa, o número de redes integradas de suínos diminuiu. E muitos suinocultores não possuindo recursos financeiros para a modernização da atividade, ficaram sem trabalho.

**TABELA 40: Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Campos de Lages 1970-1995**

Ano	Setor			Total
	Agropecuária	Indústria	Serviços/comércio	
1970	12.593	440	2.371	15.404
1975	12.847	440	2.725	16.012
1980	14.129	531	2.172	16.832
1985	16.249	504	2.575	19.328
1995	16.130	1.005	1.789	18.924

Fonte: IPEA.

A indústria apresentou o menor número de estabelecimentos nesse período. Porém, depois de ter caído em 5% no período de sua crise (1980-1985), onde a redução no nível de trabalho foi de 15,9% (figura 22, p.66), a partir de 1985 foi o setor que mais evoluiu (tabela 41).

**TABELA 41: Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades locais por Setor na Microrregião de Campos de Lages 1970-1995 - (%)**

Período	SETOR		
	<i>Agropecuária</i>	<i>Indústria</i>	<i>Serviços/comércio</i>
1970-75	2	0	15
1975-80	10	21	-20
1980-85	15	-5	19
1985-95	-1	99	-31

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

O setor de serviços e comércio mostrou, sucessivamente, períodos de elevações e quedas no número de estabelecimentos. Porém, entre 1975-1980 e 1985-1995, apesar desse setor ter apresentado uma queda em 20% e 31% , respectivamente, o número de pessoas ocupadas não reduziu. Quando esse setor obteve a maior declínio no número de unidades produtivas (1985-1995), o nível de trabalho evoluiu em 39% (figura 22, p.78).

### *Microrregião de Joinville*

Até 1985, o setor agropecuário da microrregião de Joinville, concentrava o maior número de estabelecimentos. Em 1995, foi no setor de serviços a maior concentração, conforme mostra a tabela 42. E também, este foi o que mais evoluiu entre 1970 a 1995 (tabela 43).

**TABELA 42: Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Joinville 1970-1995**

Ano	Setor			Total
	<i>Agropecuária</i>	<i>Indústria</i>	<i>Serviços/comércio</i>	
1970	8.982	795	2.866	12.643
1975	8.341	858	2.906	12.105
1980	8.303	1.364	3.984	13.651
1985	8.619	1.183	4.197	13.999
1995	6.071	3.648	13.661	23.380

Fonte : IPEA.

Através da tabela 43, observa-se que de 1985 para 1995, a indústria aumentou em 208% o número de unidades produtivas, possibilitando a um aumento de 26,2% no nível do pessoal ocupado nesse setor, após ter apresentado uma queda de 13% entre 1980-1985, onde nesse período o nível de trabalho reduziu em 2,7%.

**TABELA 43: Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Joinville 1970-1995 – (%)**

Período	SETOR		
	<b>Agropecuária</b>	<b>Indústria</b>	<b>Serviços/comércio</b>
1970-75	-7	8	1
1975-80	-0,5	59	37
1980-85	4	-13	5
1985-95	-30	208	225

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

No mesmo período, o setor de serviços e comércio também teve uma grande evolução (225%), ocasionando um aumento de 150,4% (figura 23, p.80) no nível de trabalho dentro desse setor.

### **Microrregião de Tubarão**

A maior concentração do número de estabelecimentos na microrregião de Tubarão esteve na agropecuária, porém esse setor apresentou quedas em alguns períodos (tabela 44 e 45). Em 1970, o número unidades locais de produção era de 15.098, em 1995 caiu para 12.723.

Entre 1985-1995 esse setor obteve uma queda em 21% dessas unidades, onde o nível do pessoal ocupado reduziu em 30% (figura 24, p 69).

**TABELA 44: Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais por Setor na Microrregião de Tubarão 1970-1995**

Ano	Setor			Total
	<b>Agropecuária</b>	<b>Indústria</b>	<b>Serviços/comércio</b>	
1970	15.098	586	2.713	18.397
1975	14.947	609	2.704	18.260
1980	14.424	687	2.546	17.657
1985	16.103	673	2.856	19.632
1995	12.723	1.824	6.401	20.948

Fonte : IPEA.

O setor industrial foi a atividade que mais evoluiu nos últimos anos, com relação ao número de estabelecimentos. Em 1970, possuía um total de 586, já em 1995, 1.824 unidades produtivas. A maior evolução ocorreu entre 1985-1995, elevando-se em 171%. Porém, o período em que a indústria mais empregou pessoas foi de 1975 para 1980, elevando em 79,2%, contra 37,1% entre 1985-1995.

**TABELA 45: Evolução do Número de estabelecimentos ou Unidades locais por Setor na Microrregião de Tubarão 1970-1995 – (%)**

Período	SETOR		
	<i>Agropecuária</i>	<i>Indústria</i>	<i>Serviços/comércio</i>
1970-75	-1	4	-0,3
1975-80	-3	13	-6
1980-85	12	-2	12
1985-95	-21	171	124

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

De 1970 até 1980, o número de estabelecimentos no setor de serviços e comércio caiu. Entretanto, a partir de 1980, foi o setor a obter a segunda maior evolução, favorecendo um aumento em 76% (figura 24, p. 82) no nível de trabalho nessa atividade.

## CAPÍTULO 4 - ANÁLISE COMPARATIVA DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DAS MICRORREGIÕES DE CAMPOS DE LAGES, JOINVILLE E TUBARÃO.

Enfim, após apresentadas, as características gerais e socioeconômicas de cada Microrregião em estudo, chega-se ao objetivo central do trabalho, que é elaborar um paralelo do desenvolvimento sócio-econômico dessas Microrregiões.

Neste capítulo é apresentado o “melhor”, o “intermediário” e o “pior” indicador entre as microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão. Esta didática se dá da seguinte forma, o melhor indicador entre as três microrregiões será expresso pelo indicador  $I_M^{Cat}$ , onde, (I) é o indicador da Microrregião ( $M$ ) que apresenta o melhor indicador(M) de uma determinada categoria ( $^{Cat}$ ); o indicador  $I_I^{cat}$  expressa o indicador (I) da Microrregião ( $M$ ) que apresenta o indicador intermediário ( $I$ ) entre as três microrregiões em estudo da respectiva categoria ( $^{Cat}$ ) e; por último, o indicador  $I_p^{Cat}$  que mostra o indicador (I) da Microrregião( $M$ ) que apresenta o pior indicador ( $p$ ) da respectiva categoria ( $^{Cat}$ ). Porém, esta didática se limita mais a uma análise quantitativa do que qualitativa dos indicadores.

Após, é feita uma análise da evolução ou da variação dos indicadores entre as microrregiões, possibilitando verificar qual a microrregião que melhor vem se desenvolvendo, através da variação dos indicadores das categorias: educação, saúde, pobreza, moradia, do ano de 1991 para o ano de 2000; e da evolução: do pessoal ocupado por setor dos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e; do PIB *per capita* do ano de 1998 a 2004; da participação de cada setor na composição do PIB durante esse período; e do índice de Gini 1991-2000.

Por fim, é realizado um estudo comparativo em nível nacional e estadual dos mesmos indicadores do desenvolvimento, verificando se o desenvolvimento dessas microrregiões está acompanhando, ou se está adiantado ou atrasado, em relação aos do país e/ou do estado.

### **4.1 Trabalho**

As microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão enfrentaram alguns problemas econômico-sociais externos e internos, interferindo, por parte, no grande aumento do desemprego. Elas não possuem forças endógenas suficientes para suprir algumas deficiências no

mercado de trabalho, conforme já foi analisado no item 3.7, levando à acelerada evolução do número de pessoas desocupadas.

A microrregião que obteve o “melhor” indicador trabalho, medido pela taxa de desemprego, no ano de 1970, foi a de Campos de Lages, conforme se observa no quadro 5. Por outro lado, a de Tubarão, apresentou o “pior”. A partir de 1980, porém, a microrregião de Tubarão passou a apresentar a menor taxa de desemprego (1,96%). O setor carbonífero na região no início da década de 1980, não sentiu muito com a recessão econômica brasileira (Alcides Filho, 2002), o que beneficiou a um retardamento do desemprego (quadro 5).

A microrregião de Joinville ficou no nível “intermediário” até 1980, já, a partir de 1991, apresenta o “pior” indicador trabalho, com uma taxa de desemprego de 13,85%.

**QUADRO 5: Comparação do indicador trabalho entre as Microrregiões de Campos de Lages, Tubarão e Joinville 1970 - 2000**

<i>Trabalho</i>	1970			1980		
	$I_M^{\text{trabalho}}$ C.deLages	$I_I^{\text{trabalho}}$ Joinville	$I_P^{\text{trabalho}}$ Tubarão	$I_M^{\text{trabalho}}$ Tubarão.	$I_I^{\text{trabalho}}$ Joinville	$I_P^{\text{trabalho}}$ C.deLages
Taxa de desemprego(%)	1,84	2,82	4,97	1,96	2,21	2,77
	1991			2000		
Taxa de desemprego(%)	$I_M^{\text{trabalho}}$ Tubarão	$I_I^{\text{trabalho}}$ C.deLages	$I_P^{\text{trabalho}}$ Joinville	$I_M^{\text{trabalho}}$ Tubarão.	$I_I^{\text{trabalho}}$ C.deLages	$I_P^{\text{trabalho}}$ Joinville
	4,77	5,04	6,34	10,01	13,42	13,85

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Na área urbana, concentrou-se o maior número das desocupações nessas microrregiões, com exceção da microrregião de Tubarão na última década, onde na área rural o número do pessoal desocupado evoluiu em 58,99% , enquanto na urbana foi de 31,12% (quadro 6).

A melhora do setor carbonífero na década de 70, beneficiou a queda do número de pessoas desocupadas na microrregião de Tubarão, sobretudo, na área urbana (Alcides Filho, 2002). De 1970 para 1980, a microrregião apresentou uma queda no número do pessoal desocupado total em 47,03%; por outro lado, tanto a microrregião de Joinville como de Campos de Lages, já vinham desde esse período, elevando o número de pessoas desocupadas, sobretudo, na área urbana. Entretanto, a partir de 1986 ocorre uma crise no setor carbonífero. A importação aumentou e os subsídios e o sistema de cotas foram cancelados, reduzindo as atividades carboníferas do estado e, por conseguinte, ocasionando um novo aumento do desemprego na



microrregião de Tubarão. Em 2000, a taxa de desemprego total na microrregião chegou a 10,01% (tabela 24).

**QUADRO 6: Evolução do pessoal desocupado das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1970-2000 – (%)**

<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>1970-1980</b>		<b>1980-1991</b>		<b>1991-2000</b>	
<b>Campos de Lages</b>	rural	urbana	rural	urbana	rural	urbana
	254,77%	54,97%	12,08%	207,57%	37,24%	252,61%
total	91,26%		141,70%		218,96%	
<b>Joinville</b>	9,09%	69,91%	295,63%	355,51%	143,93%	222,06%
Total	62,85%		347,73%		218,94%	
<b>Tubarão</b>	-41,61%	-51,03%	94,96%	362%	58,99%	31,12%
Total	-47,03%		236,86%		184,52%	

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A microrregião de Campos de Lages é incapaz de engendrar sozinha um movimento de diversificação produtiva, gerando apenas, um pequeno número de empregos. Por exemplo, na cidade de Lages, não há forças endógenas como, tecnologia e recursos internos suficientes para melhorar o problema do desemprego (FILHO, A., 2002 p. 259).

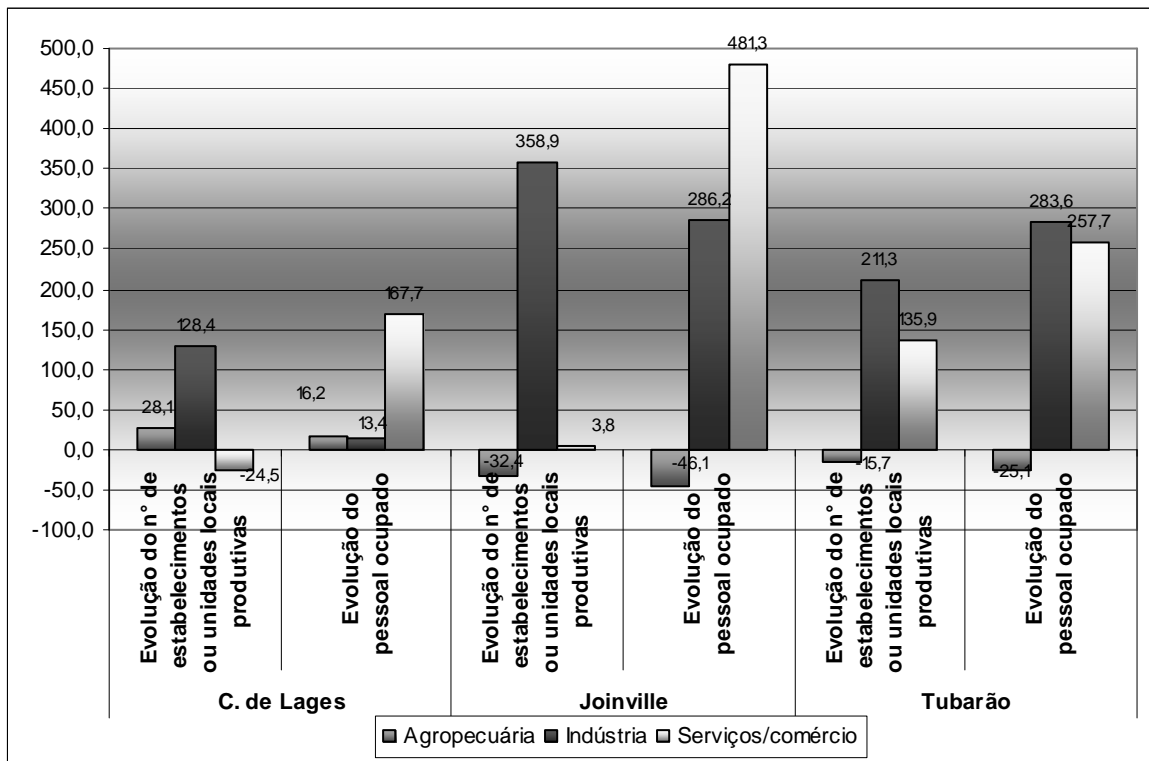
Nos anos 90, acreditou-se que a instalação de várias empresas em Lages e os investimentos externos poderia tirar a região da regressão. Entretanto, foram empresas que vieram de fora apenas para aproveitar um recurso abundante disponível nessa região. Não há o comando de forças internas que engendram um movimento capaz de romper o ciclo vicioso da dependência de investimentos de fora e gerar a diversificação produtiva (FILHO, A., 2002 p. 259). Essa deficiência na microrregião acaba ocasionando o subemprego em muitas áreas, conforme é verificado pelo aumento do número de pessoas ocupadas no setor de serviços na figura 28.

Na microrregião de Joinville a inserção das indústrias do departamento de bens de produção nos anos 60 e 70, embalada pelo “milagre econômico” e pelos adventos do II PNB, como já foi visto, beneficiou a centralização e o aumento da oportunidade de trabalho na microrregião que, por conseqüência, influenciou a grande imigração nessa área. Porém, a internacionalização na década de 80, a abertura econômica e a sobrevalorização cambial na década de 90, inauguraram uma nova fase para os setores metal-mecânico e têxtil e vestuário, a

fase da retração. Houve uma queda nas exportações e uma estabilidade da produção, ocasionando a aceleração do desemprego (Alcides Filho, 2002).

Dessa maneira, percebe-se que o desemprego expressivo na área urbana nas microrregiões, entre 1970-1995, deu-se, pelo fato do avanço no setor industrial na década de 70, período do “Milagre Econômico”, não ter sido capaz de suprir a grande demanda de mão-de-obra. A crise na década de 80 nesse setor e, a entrada das multinacionais, do capital externo na década de 90, agravou a situação dos trabalhadores. Esses perderam lugar no mercado do trabalho para as máquinas industriais (Alcides Filho, 2002).

**Figura 28: Comparação da Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades Locais Produtivas e do Pessoal Ocupado por Setor entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1970-1995 – (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Mesmo que na microrregião de Campos de Lages, a pecuária predomine como atividade principal, e depois destacando a indústria de papel e celulose; a microrregião de Joinville, destacando-se como uma zona industrial e; a de Tubarão predominando a agricultura e, o setor carbonífero tendo também, uma considerável participação; observa-se que o comércio e serviços são atividades que também vêm predominando nessas microrregiões, e proporcionando maior

oportunidade de trabalho à população. Pois, como foi analisado, essas microrregiões ainda não possuem variáveis endógenas suficientes para suprir alguns choques ocasionados por problemas externos, ocasionando o subemprego a um grande percentual de trabalhadores.

## 4.2 Educação

A educação em todas as microrregiões estudadas aumentou, entretanto, quanto à qualidade da aprendizagem, pode-se perceber que ela é ainda deficiente. O analfabetismo de pessoas de 7 a 14 anos reduziu abaixo do aumento da frequência escolar.

Joinville é a microrregião que apresenta os “melhores” indicadores da educação, conforme se observa no quadro 7. A microrregião de Tubarão está no nível “intermediário” em quase todos os indicadores, com exceção da *evasão escolar* (número de crianças e adolescentes entre 10 a 14 anos trabalhando), destacando-se como o “pior” indicador dentre as três.

A microrregião de Campos de Lages é a que apresenta, na maioria, os “piores”, indicadores da educação, com exceção, porém, da *evasão escolar* (pessoas de 10 a 14 anos trabalhando), no qual ficou à frente da microrregião de Tubarão.

**QUADRO 7: Comparação dos Indicadores da Educação entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000**

<i>Educação</i>	1991			2000		
	I <sub>M</sub> educação Joinville	I <sub>I</sub> educação Tubarão	I <sub>p</sub> educação C.de Lages	I <sub>M</sub> educação Joinville	I <sub>I</sub> educação Tubarão	I <sub>p</sub> educação C.de Lages
Analfabetismo (% pessoas de 7a 14 anos)	5,90%	8,30%	13,60%	3,00%	3,00%	6,10%
Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)	6,10%	12,30%	16,90%	3,80%	7,70%	11,10%
Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14anos)	21,80%	21,80%	29,50%	11,30%	12,10%	18,50%
Evasão escolar ( % pessoas de 7 a 14 anos fora da escola)	10,22%	11,92%	16,82%	2,47%	2,71%	4,73%
	I <sub>M</sub> educação Joinv.	I <sub>I</sub> educação C.Lages	I <sub>p</sub> educação Tub.	I <sub>M</sub> educação Joinv.	I <sub>I</sub> educação C.de Lages	I <sub>p</sub> educação Tub.
Evasão Escolar ( % pes. de 10 a 14 anos trabalhando)	4,54%	9,54%	9,72%	3,00%	6,43%	8,57%

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

Apesar da microrregião de Joinville obter maior educação, ao analisar o quadro 8, observa-se que na microrregião de Campos de Lages e de Tubarão a educação vem avançando bastante.

**QUADRO 8: Variação dos Indicadores da Educação nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000**

<i>Educação</i>	MICRORREGIÃO		
	<b>C. de Lages</b>	<b>Joinville</b>	<b>Tubarão</b>
Analfabetismo (% pessoas de 7 a 14 anos)	-7,50	-2,90	-5,30
Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)	-5,80	-2,30	-4,60
Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14anos)	-11,00	-10,50	-9,70
Evasão escolar ( % pessoas de 7 a 14 anos fora da escola)	-12,09	-7,75	-9,21
Evasão Escolar ( % pessoas de 10 a 14 anos trabalhando)	-3,11	-1,54	-1,15
<b>TOTAL</b>	<b>-39,5</b>	<b>-24,99</b>	<b>-29,96</b>

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

O número de pessoas entre 7 e 14 anos de idade que não frequentam a escola tem diminuído significativamente, nas três microrregiões entre 1991-2000, entretanto, observa-se que a queda do analfabetismo foi inferior. Apesar de ter aumentado a frequência escolar de crianças e adolescentes, a qualidade da aprendizagem ainda é baixa, apontando, como por exemplo, falta de professores mais qualificados, decadência de materiais (livros) e adequabilidade dos mesmos, etc.

Conclui-se com base nesses dados que há um avanço nas reformas da educação nessas microrregiões, porém, ainda falta um esforço maior para que a qualidade do ensino escolar esteja presente.

### **4.3 Saúde**

A saúde é uma das variáveis do desenvolvimento humano que vem evoluindo nas microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão. A esperança de vida tem aumentado nessas microrregiões, por outro lado, a taxa de mortalidade vem diminuindo. Joinville é a que possui o maior nível de saúde.

O quadro 9 mostra que, Joinville é a microrregião onde os habitantes estão vivendo mais. Em 1991 seu índice de esperança de vida foi de 70 anos, já em 2000 passa para 74,5 anos. Entretanto, a mortalidade infantil nessa microrregião é maior do que na microrregião de Tubarão. Em 1991, nesta, 19,9 crianças morriam até um ano de idade para cada mil nascidas vivas, passando esse número para 13,7 em 2000. Já em Joinville em 1991 e 2000 foi de 25,3 e 22,7 crianças, respectivamente.

Um dos prováveis fatores que pode explicar essa diferença da mortalidade infantil entre essas duas microrregiões, é o número de médicos residentes. A microrregião de Tubarão possuía sete médicos para cada mil habitantes em 1991, enquanto a de Joinville possuía apenas cinco.

Na microrregião de Campos de Lages as pessoas vivem menos, a mortalidade infantil é maior e há um pequeno número de médicos residentes, em comparação as microrregiões de Tubarão e Joinville. Pois até a década de 70, a maior parte da população era rural, dessa maneira os habitantes não possuíam muitos recursos para uma boa saúde, atrasando o avanço da esperança de vida e a redução da mortalidade infantil (Ana Amélia Camarano, 2007).

**QUADRO 9: Comparação dos indicadores da Saúde entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão – 1991 e 2000**

<i>Saúde</i>	1991			2000		
	$I_M^{\text{saúde}}$ Joinville	$I_I^{\text{saúde}}$ Tubarão	$I_P^{\text{saúde}}$ C.de Lages	$I_M^{\text{saúde}}$ Joinville	$I_I^{\text{saúde}}$ C.de Lages	$I_P^{\text{saúde}}$ Tubarão
Índice de Esperança de vida	70,0	67,7	67,5	74,5	71,4	70,7
	$I_M^{\text{saúde}}$ Tubarão	$I_I^{\text{saúde}}$ Joinville	$I_P^{\text{saúde}}$ C. de Lages	$I_M^{\text{saúde}}$ Tubarão	$I_I^{\text{saúde}}$ Joinville	$I_P^{\text{saúde}}$ C.de Lages
Mortalidade Infantil	19,9	25,3	32,7	13,7	15,0	22,7
Médicos Residentes (por Mil hab.)	6,19	2,59	2,53	7,26	5,2	5,05

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

A maior redução da mortalidade infantil foi na microrregião de Tubarão. Obteve uma queda de 40,7% do ano de 1991 para o ano 2000, apesar de o número de médicos ter aumentado em apenas um para cada mil habitantes.

**QUADRO 10: Variação dos Indicadores da Saúde nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000**

<i>Saúde</i>	MICRORREGIÃO		
	<b>C. de Lages</b>	<b>Joinville</b>	<b>Tubarão</b>
Índice de Esperança de vida	4 anos +	4,5 anos +	3 anos +
Mortalidade Infantil	-30,60%	-10,28%	-31,15%
Médicos Residentes (por Mil hab.)	+ 2,5 médicos	+2,6 médicos	+1,07 médicos

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

A microrregião que obteve a menor queda da mortalidade infantil, por sua vez, foi a de Joinville, em 10,26%, entretanto, foi a que mais elevou a quantidade de médicos, em quase três para cada mil habitantes.

Os dados apontam que, da mesma forma que houve uma melhora da educação nas microrregiões, também houve nos aspectos da saúde. Observa-se que nas microrregiões que são mais urbanas (Joinville e Tubarão) há mais saúde, pois, os recursos para alcançá-la são maiores e melhores. Os processos responsáveis pelo aumento da longevidade são resultados, em parte, de políticas e incentivos promovidos pela sociedade e pelo Estado e do progresso tecnológico (Ana Amélia Camarano, 2007), e a população urbana é a que recebe com maior intensidade esses benefícios.

#### **4.4 IDH**

Ao analisar os aspectos da educação e da saúde, percebe-se que a melhora dessas variáveis interferiu de forma significativa no desenvolvimento humano nas três microrregiões, medido pelo IDH (Índice do Desenvolvimento Humano).

**QUADRO 11: Evolução da Composição do IDH as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%)**

<i>Indicador</i>	MICRORREGIÃO		
	<b>C. de Lages</b>	<b>Joinville</b>	<b>Tubarão</b>
IDH -M	12,7	9,9	11,5
IDH-Educação	14,8	12,0	13,5
IDH-Longevidade	9,2	9,9	6,7
IDH-Renda	14,8	7,2	15,0

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

O quadro 11 mostra que a variação positiva do IDH nas microrregiões de Campos de Lages e de Tubarão, foi beneficiada, sobretudo, com o aumento do número de alfabetizados e da frequência escolar e, com a renda. Na de Joinville, tanto as variáveis da educação como da saúde, tiveram um papel importante para o avanço do IDH.

A partir desses dados, verifica-se que na microrregião de Joinville como a saúde e a educação são maiores, aponta-se para uma maior tendência do desenvolvimento humano nessa microrregião do que na de Campos de Lages e de Tubarão.

#### 4.5 Pobreza

Esse item mostra a comparação do percentual da população pobre entre as microrregiões estudadas. A pobreza influencia tanto na educação como na saúde das pessoas. Na microrregião de Joinville, onde a educação e a saúde são maiores, como já foi analisado, o percentual de pobres é menor. Por outro lado, apesar de nas microrregiões de Campos de Lages e de Tubarão esse percentual ser maior, o número de pobres vem reduzindo bastante.

Entre as três microrregiões, a que possuía o maior número de pessoas pobres, em 1991 e 2000, era a de Campos de Lages. Em 1991, 41,14% de sua população estava numa situação de pobreza, sendo que 18,56% eram pessoas indigentes. Em 2000, a população pobre caiu para 27,67% do total de habitantes.

**QUADRO 12: Comparação dos Indicadores de Pobreza entre as Microrregiões de Campo de Campos de Lages, Joinville e Tubarão - 1991 e 2000**

<i>Pobreza</i>	1991			2000		
	$I_M^{\text{pobreza}}$ Joinville	$I_I^{\text{pobreza}}$ Tubarão	$I_p^{\text{pobreza}}$ C.de Lages	$I_M^{\text{pobreza}}$ Joinville	$I_I^{\text{pobreza}}$ Tubarão	$I_p^{\text{pobreza}}$ C.de Lages
Pessoas pobres	12,95	33,15%	41,14%	11,60%	16,41%	27,67%
Pessoas indigentes	3,31%	11,74%	18,56%	4,14%	5,59%	10,72%

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

A Microrregião de Joinville, por sua vez, apresenta o menor percentual de pobres, 12,95% de sua população total em 1991, e 11,6% em 2000. Entretanto foi onde o número desses habitantes menos diminuiu e, ao mesmo tempo, o percentual de indigentes elevou em 0,8%, conforme se observa no quadro 13.

**QUADRO 13: Variação dos Indicadores de Pobreza nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%)**

<i>Indicador Pobreza</i>	MICRORREGIÃO		
	<b>C. de Lages</b>	<b>Joinville</b>	<b>Tubarão</b>
Pobreza ( % pop. Pobre )	-13,5	-1,4	-16,7
Pobreza (% pop. Indigente)	-7,8	0,8	-6,2

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IPEA.

Enquanto isso, na microrregião de Campos de Lages o número de pobres diminuiu em 13,5%, já em Tubarão essa queda foi de 16,7%. Da mesma forma, Campos de Lages é a microrregião que mais vem apresentando uma redução no número de pessoas indigentes. Entre 1991-2000 o percentual de indigentes teve uma queda de 7,8%.

A redução da pobreza apontou para o avanço da educação e da saúde nas microrregiões. Aonde ela é menos expressiva (microrregião de Joinville e de Tubarão), verifica-se um desenvolvimento humano maior.

#### **4.6 Moradia**

As condições de moradia nas microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão, medida pelo percentual de domicílios com adequadas instalações de esgoto, com água encanada, e com acesso aos serviços de coleta de lixo, melhoraram significativamente. A microrregião de Joinville é a que apresenta o maior percentual de domicílios com condições adequadas de moradia.

Em 2000, mais de 90% da população da microrregião de Joinville possuía em seus domicílios, adequadas instalações de esgoto, água encanada, e acesso aos serviços de coleta de lixo (quadro 14).

Campos de Lages é a microrregião que possui os “piores” indicadores de moradia. Porém, pelo quadro 14, percebe-se que, nessa microrregião o percentual de pessoas que possuíam domicílios com acesso aos serviços de coleta de lixo em 2000, foi maior do que na microrregião de Tubarão.



**QUADRO 14: Comparação dos Indicadores da Moradia entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000**

<i>Moradia</i>	1991			2000		
	$I_M^{\text{moradia}}$ Joinville	$I_I^{\text{moradia}}$ Tubarão	$I_P^{\text{moradia}}$ C.de Lages	$I_M^{\text{moradia}}$ Joinville	$I_I^{\text{moradia}}$ Tubarão	$I_P^{\text{moradia}}$ C.de Lages
% da Pop. c/ domicílios c/ instalações adequadas de esgoto	83,14	77,61	61,25	90,67	60,53	53,79
% da população c/domicílios c/ água encanada	$I_M^{\text{moradia}}$ Joinville	$I_I^{\text{moradia}}$ Tubarão	$I_P^{\text{moradia}}$ C.de Lages	$I_M^{\text{moradia}}$ Tubarão	$I_I^{\text{moradia}}$ Joinville	$I_P^{\text{moradia}}$ C.de Lages
	95,12	96,31	86,51	98,27	98,04	94,46
% da população c/ domicílios c/ serviço de coleta de lixo	$I_M^{\text{moradia}}$ Joinville	$I_I^{\text{moradia}}$ Tubarão	$I_P^{\text{moradia}}$ C.de Lages	$I_M^{\text{moradia}}$ Joinville	$I_I^{\text{moradia}}$ C.de Lages	$I_P^{\text{moradia}}$ Tubarão
	86,69	73,49	67,22	98,72	94,51	93,49

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte primária: IPEA e, para o % de população com domicílios com instalações adequadas de esgoto de 2000, dados obtidos pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM).

Na microrregião de Tubarão de 1991 para 2000, o percentual da população que possuía em seus domicílios coleta de lixo aumentou em 20%, por outro lado, os com adequadas instalações de esgoto diminuiu em 17,08%, em relação ao ano de 1991.

**QUADRO 15: Variação dos Indicadores da Moradia nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%)**

<i>Moradia (% população)</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
% da pop. c/ domicílios c/ instalações adequadas de esgoto	-7,46	7,53	-17,08
% da pop. c/domicílios c/ água encanada	7,95	2,92	1,96
% da pop. c/ domicílios c/ serviço de coleta de lixo	27,29	12,03	20,00

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte primária: IPEA e, para o % de população com domicílios com instalações adequadas de esgoto de 2000, dados obtidos pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM).

Da mesma forma, na de Campos de Lages o percentual da população que vive em domicílios com adequadas instalações de esgoto, reduziu-se em 7,46 no ano de 2000, em relação a 1991. Mas, foi a microrregião que mais aumentou nesses anos o número de pessoas que tem acesso aos serviços de coleta de lixo (quadro 15).

Portanto, com base nos aspectos da moradia, pode-se afirmar que a microrregião de Joinville é a que apresenta um desenvolvimento mais sustentável. Entretanto, a Campos de Lages e de Tubarão também vêm apresentando uma melhora nas condições de moradia da população, caracterizando um avanço do bem estar da população, junto com a melhora da educação e da saúde. O que impede uma melhora, mais significativa, é a situação da pobreza presente nessas microrregiões. Pois, as pessoas que não possuem acesso aos serviços básicos prestado pelo estado, são aquelas mais carentes (HART, 1971, in: GESSER, p.20).

#### 4.7 Distribuição de Renda

Nesse item é apresentado o índice de Gini das três microrregiões em análise. Ele mostra que a região de Campos de Lages é a que possui a maior concentração de renda, entretanto, ela já vem apresentando uma grande queda da desigualdade da renda.

O quadro abaixo mostra que em 1991 e 2000 a microrregião de Joinville apresentou a menor concentração de renda (0,521 e 517, respectivamente).

**QUADRO 16: Comparação do Indicador da Distribuição de Renda entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000**

<i>Distribuição de Renda</i>	1991			2000		
	$I_M^{\text{dist.renda}}$ Joinv.	$I_I^{\text{dist.renda}}$ Tub.	$I_P^{\text{dist.rend}}$ a C.Lages	$I_M^{\text{dist.renda}}$ Joinv.	$I_I^{\text{dist.renda}}$ Tub.	$I_P^{\text{dist.renda}}$ C.de Lages.
Índice de Gini	0,521	0,558	0,586	0,517	0,520	0,563

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE e Secretaria de Estado do Planejamento.

Campos de Lages é a microrregião que apresenta o “pior” índice de Gini. Em 2000 esse indicador nesta microrregião foi de 0,563.

**QUADRO 17: Evolução do Indicador da Distribuição de Renda das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.- (%)**

<i>Indicador</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
Índice de Gini	-3,92	-0,76	-6,80

*Fonte:* Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE e Secretaria de Estado do Planejamento.

Porém, apesar de a Microrregião de Joinville possuir o melhor índice de gini, nas outras duas microrregiões em análise, a desigualdade da renda vem diminuindo significativamente. O quadro 17 mostra que a microrregião de Tubarão teve uma queda de 6,8% da concentração da renda no período de 1991-2000, e a de Campos de Lages uma queda de 3,92%, enquanto na de Joinville foi de apenas 0,76%.

Com base nesses dados, conclui-se que a situação da concentração da renda, maior na microrregião de Campos de Lages, pode ter sido uma das variáveis que impactou ao acesso a saúde e a educação pela população. Pois, como já foi mostrado nos aspectos conceituais, o problema da concentração ou desigualdade de renda é um dos fatores que interferem na saúde das pessoas, aqueles que possuem menores condições socioeconômicas têm menor possibilidade de acesso aos serviços de saúde (HART,1971). Da mesma forma, impacta na redução da pobreza.

#### 4.8 Produto Interno Bruto

Após, comparar os aspectos do desenvolvimento social e sustentável é analisado o desempenho do PIB *per capita* e da composição do PIB, entre as microrregiões. Ao estudar a evolução do PIB *per capita*, é possível verificar se a situação da saúde, da educação, da pobreza, das condições de moradia, bem como da concentração da renda, acompanharam o crescimento econômico.

Ao fazer uma média do PIB *per capita* entre 1998 e 2004 das três microrregiões, verifica-se através do quadro 18 que, Joinville é a microrregião que apresentou o maior PIB *per capita*. Já a de Tubarão, foi a que obteve o menor.

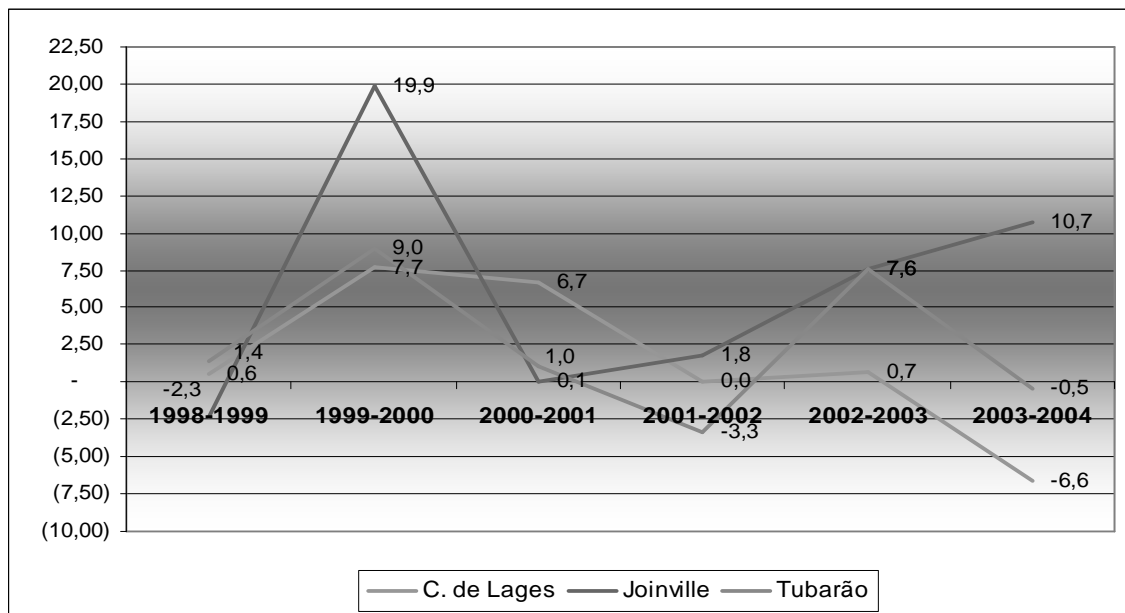
**QUADRO 18: Comparação Média do Produto Interno Bruto *per capita* entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 (em mil R\$)**

	1998-2004		
<b>Indicador PIB per capita(1998-2004)</b>	$I_M$ PIB per capita Joinville	$I_I$ PIB per capita C. de Lages	$I_P$ PIB per capita Tubarão
Média PIB per capita (1998-2004)	13.024	8.952	7.888

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

Ao analisar o crescimento anual do produto entre esse período, percebe-se através da figura 29 que, nas três microrregiões houve períodos de crescimento e quedas do PIB *per capita*. Entre 2003-2004 a microrregião de Tubarão apresentou uma queda de 0,5% e, a de Campos de Lages de 6,6%, enquanto a de Joinville teve uma evolução expressiva, seu PIB *per capita* se elevou em 10,7%. Pois, como já foi mostrado, a elevação da inflação em 1999, contra a de 1998 (1,65%), interferiu no PIB *per capita*. O início do novo regime para a inflação, que em alguns anos ultrapassou a meta estimada, pode ter refletido no poder de compra das pessoas, impedindo um maior crescimento do produto.

**Figura 29: Evolução Anual do PIB *per capita* das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 - (%)**



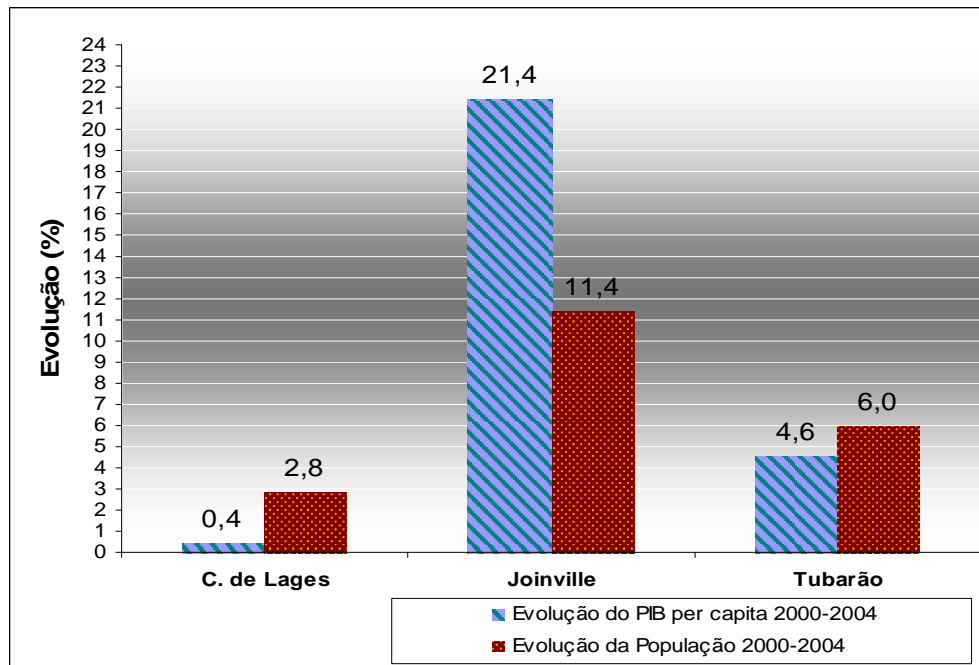
Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

Nali de Souza diz que, o crescimento econômico de uma região tem que ser superior ao crescimento demográfico da mesma para se alcançar o desenvolvimento, como já foi apresentado nos aspectos teóricos.

Ao fazer uma comparação do crescimento do PIB *per capita* com o a estimativa do aumento da população entre 2000-2004, verifica-se através da figura 30 que, durante esse período o produto da microrregião de Campos de Lages e de Tubarão evoluiu abaixo da elevação da população, mostrando que essas duas microrregiões menos desenvolvidas, foram mais frágeis à

alta da inflação, sobretudo, nos anos críticos de 1999 a 2003, quando a inflação geral foi de 15% ao ano no Brasil (LIMA, 2006)<sup>11</sup>.

**Figura 30: Evolução do PIB *per capita* e da População Total da Microrregião de Campos de Lages, Joinville e Tubarão – (%)**



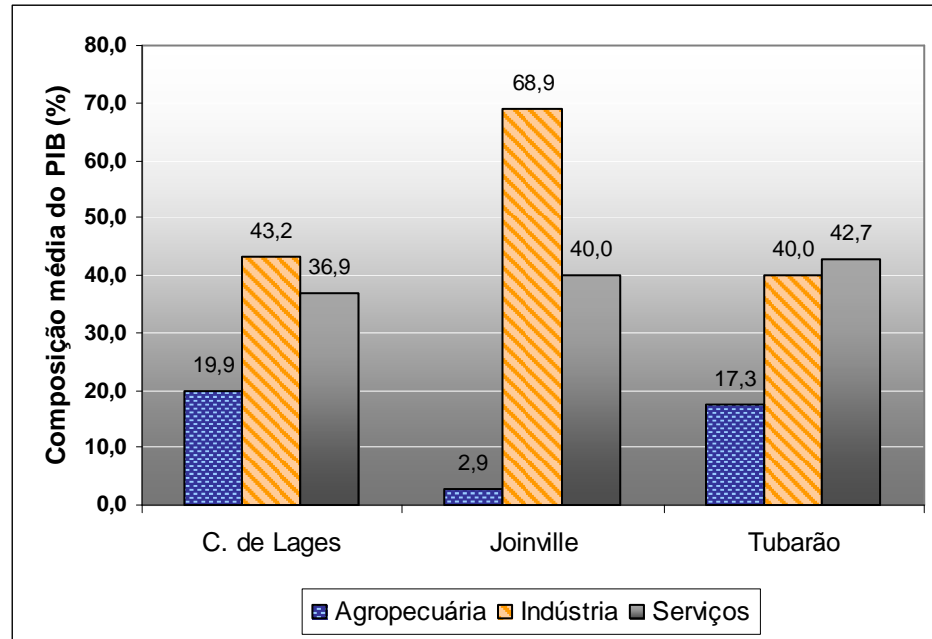
Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE e PNUD.

Nessas duas microrregiões, verificou-se menor educação e saúde e uma pobreza maior, do que na microrregião de Joinville, que apresenta um maior desenvolvimento social, beneficiado pelo crescimento do PIB *per capita* superior ao da população. Porém, quanto ao aspecto do trabalho, essa teoria contradiz o que ocorreu entre as microrregiões. O desemprego na microrregião de Joinville foi superior ao da microrregião de Campos de Lages e de Tubarão.

A figura 31 mostra qual setor veio contribuindo em maior proporção para a evolução do PIB. Na microrregião de Campos de Lages e de Joinville, foi a indústria. Na microrregião de Joinville, 68,9% da composição do produto, entre 1998 e 2004, esteve concentrado nesse setor, contra apenas 2,9% da participação da agropecuária.

<sup>11</sup> Gerson Lima, autor de *Povo Rico País Rico*, é doutor em Economia pela Universidade de Paris, conselheiro do Corecon-PR, professor da PUC-PR, ex-analista de mercado da Quimbrasil SA e ex-assessor econômico da Casa Civil da Presidência da República, no Governo Itamar Franco.

**Figura 31: Comparação da Composição Média do PIB entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

Na microrregião de Tubarão, o setor de serviços foi o que se destacou para essa composição, com 42,7%.

Portanto, o desempenho do PIB *per capita*, pode ter influenciado no desenvolvimento das microrregiões. Nas microrregiões de Campos de Lages e Tubarão, em que o produto foi mais vulnerável ao início do novo regime para a inflação, apontou-se um desenvolvimento social menor em relação a microrregião de Joinville. Mostrando, da mesma forma que, aonde o crescimento do PIB *per capita* é mais frágil a choques econômicos, a região é menos desenvolvida socialmente, refletindo sobre a concentração da renda, e por sua vez, na pobreza.

#### ***4.9 Um Desenvolvimento em Nível Nacional e Estadual***

Ao fazer o paralelo do desenvolvimento entre as três microrregiões, percebe-se que a microrregião de Joinville é a mais desenvolvida, depois vem a de Tubarão, e finalmente a de Campos de Lages.

Tanto na microrregião de Tubarão e, sobretudo, na de Campos de Lages os indicadores do desenvolvimento vêm evoluindo significativamente, apesar de obter ainda algumas deficiências, alcançando um desenvolvimento socioeconômico próximo ao da microrregião de Joinville.

Comparando com os aspectos do desenvolvimento do Estado e do Brasil, verifica-se, entretanto, a partir do quadro 19 que, o caminho que as três microrregiões estão percorrendo, em nível estadual e nacional, é de um crescimento do produto com mais educação, saúde, redução da concentração da renda, e por sua vez, da pobreza.

Em muitos indicadores essas microrregiões ultrapassam aos de Santa Catarina e do Brasil. Sobretudo na educação e saúde, com exceção a *evasão escolar* (pessoas de 10 a 14 anos de idade trabalhando). Tanto no estado como nas microrregiões de Campos de Lages e de Tubarão o percentual de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade que trabalhavam, entre 1991-2000, foi maior que o do país.

As três microrregiões possuem mais médicos para cada mil habitantes, em relação ao estado e ao país. Sendo que, Santa Catarina tem menos de um médico, ficando atrás da média brasileira.

Entretanto, as microrregiões de Campos de Lages e Joinville apresentam ainda uma deficiência no indicador trabalho em relação ao estado. O nível do desemprego durante 1991 e 2000 foi maior nessas microrregiões. Já na de Tubarão em 2000, foi menor ao de Santa Catarina.

	BRASIL		SANTA CATARINA		MICRORREGIÃO DE CAMPOS DE LAGES		MICRORREGIÃO DE JOINVILLE		MICRORREGIÃO DE TUBARÃO	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
<b>EDUCAÇÃO</b>										
Analfabetismo (% pessoas de 7 a 14 anos de idade)	25,10	12,40	8,50	3,50	13,60	6,10	5,90	3,00	8,30	3,00
Analfabetismo(% pessoas de 15 ou + anos de idade)	19,40	12,4(2001)	9,20	5,2(2001)	16,90	11,10	6,10	3,80	12,30	7,70
Desafasagem escolar	40,50	25,30	23,60	13,10	29,50	18,50	21,80	11,30	21,80	12,10
Evasão escolar (% pessoas de 7 a 14 anos de idade fora da escola)	20,58	5,48	16,93	4,05	16,82	4,73	10,22	2,47	11,92	2,71
Evasão escolar ( % pessoas de 10 14 anos de idade trabalhando)	8,48	6,00	10,52	8,87	9,54	6,43	4,54	3,00	9,72	8,57
<b>SAUDE</b>										
Índice de Esperança de Vida	66,9	70,5	70,2	73,7	67,5	71,4	70	74,5	67,7	70,7
Mortalidade Infantil	38,2	26,8	24,8	16,8	32,7	22,7	25,3	15	19,9	13,7
Médicos Residentes ( para cada mil habitantes)	1,02	1,16	0,71	0,94	2,53	5,05	2,59	5,2	6,19	7,26
<b>TRABALHO</b>										
Taxa de desemprego (%)	5,41	15,28	4,02	10,28	5,04	13,42	6,34	13,85	4,77	10,01
<b>POBREZA</b>										
% População Pobre	40,08	32,75	27,10	16,24	41,14	27,67	12,95	11,60	33,15	16,41
% população indigente	20,24	16,32	10,32	5,92	18,56	10,72	3,31	4,14	11,74	5,59
<b>MORADIA</b>										
% pop. c/ domicílios c/ instalações adequadas de esgoto	58,85	60,82	72,66	83,14	61,25	53,79	83,14	90,67	77,61	60,53
% pop. c/ domicílios c/ água encanada	71,52	80,75	90,3	96,42	86,51	94,46	95,12	98,04	96,31	98,27
% pop. c/ serv. de coleta de lixo	77,86	91,16	83,55	96,88	67,22	94,51	86,69	98,72	73,49	93,49
<b>IDH</b>										
IDH-educação	0,696	0,766	0,748	0,822	0,667	0,752	0,744	0,818	0,722	0,805
IDH-longevidade	0,745	0,849	0,808	0,906	0,723	0,830	0,806	0,903	0,734	0,833
IDH-Renda	0,662	0,727	0,753	0,811	0,708	0,773	0,750	0,824	0,735	0,784
	0,681	0,723	0,682	0,750	0,567	0,651	0,677	0,726	0,585	0,673
<b>DISTRIBUIÇÃO DA RENDA</b>										
Índice de Gini	0,634	0,645	0,546	0,560	0,586	0,563	0,521	0,517	0,558	0,520
<b>PIB per capita deflacionado ( em R\$)</b>										
Brasil	9,305	9,207	9,467	9,450	9,493	9,405	9,729	9,729	9,405	9,729
Santa Catarina	10,496	10,697	11,545	11,592	11,529	12,003	12,159	12,159	11,529	12,159
Microrregião de Campos de Lages	8,189	8,237	8,868	9,464	9,466	9,529	8,901	9,529	8,901	9,529
Microrregião de Joinville	11,087	10,831	12,991	13,006	13,239	14,248	15,768	15,768	13,239	15,768
Microrregião de Tubarão	7,241	7,339	7,996	8,075	7,806	8,401	8,361	8,361	7,806	8,361

Fonte: IPEA e IBGE para o Produto Interno Bruto per capita das microrregiões e de Santa Catarina e; para o Índice de esperança de vida do Brasil 1991-2000; PORTAL DA SAUDE para o indicador mortalidade infantil no Brasil 2000.

\* PIB per capita deflacionado pelo

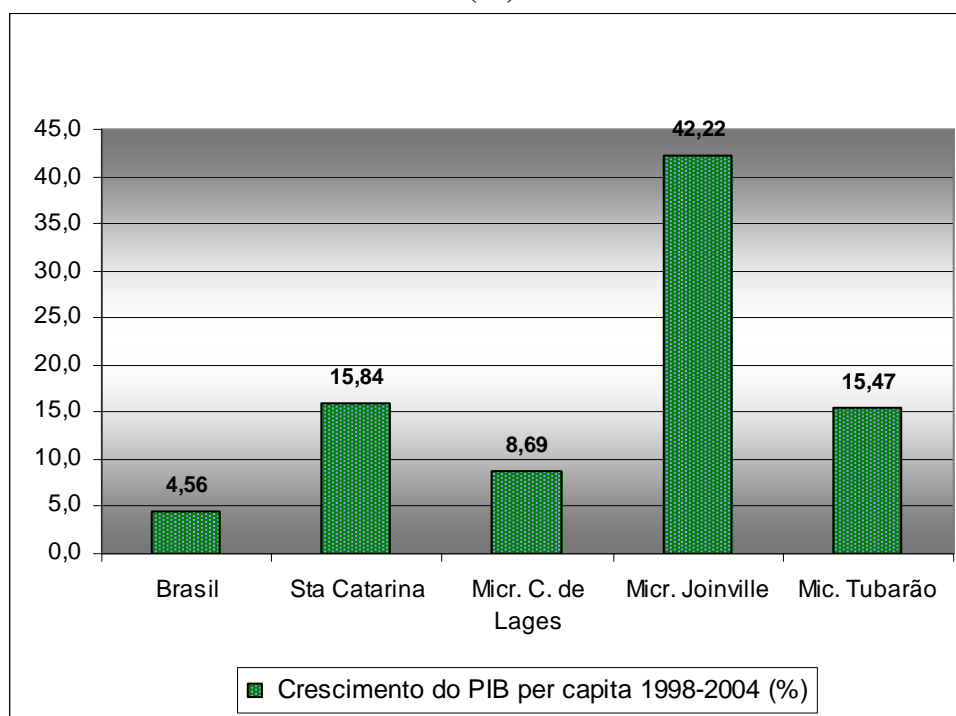
Deflator implícito do PIB



Ao se focalizar o desenvolvimento das microrregiões sob a ótica do PIB *per capita*, conforme a figura abaixo, verifica-se que, desde a década de 1990 essas microrregiões e o estado já vinham apresentando um aumento do produto acompanhado por um processo de avanço nos aspectos sócio-econômicos e sustentáveis.

O Brasil, por sua vez, veio apresentando um pequeno crescimento no seu PIB *per capita*, em relação ao do estado de Santa Catarina, e aos das microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão, apontando um reflexo no avanço do seu desenvolvimento socioeconômico e, sobretudo, impedindo de alcançar sua sustentabilidade. Em 2000, perto de 40% da população brasileira não possuía redes de esgotos adequadas em seus domicílios, e 32,75% viviam na pobreza (Quadro 18).

**Figura 32: Evolução anual do PIB *per capita* do Brasil, Santa Catarina, e das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 (%)**

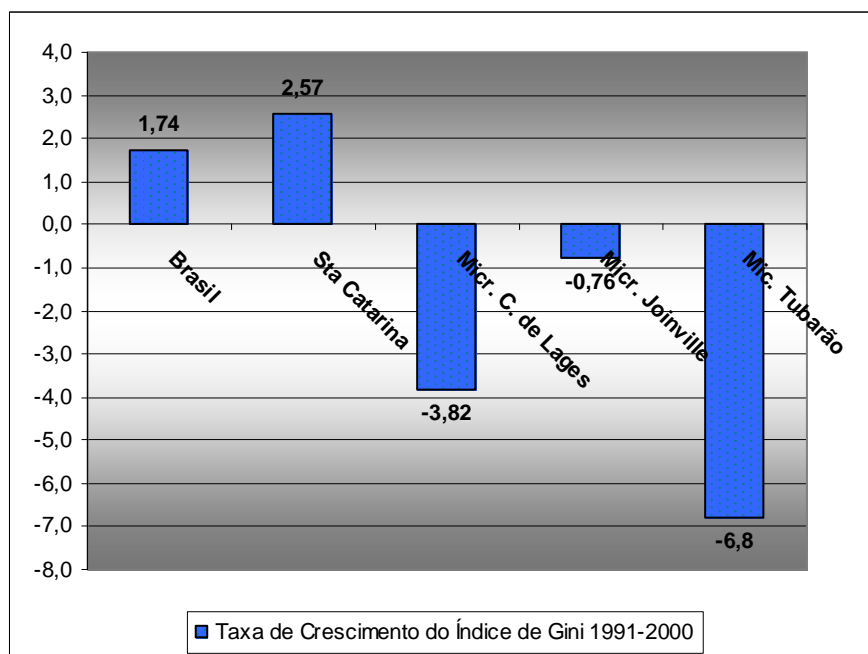


Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE.

O pequeno e/ou negativo crescimento do produto *per capita* do país durante a década de 1990 e os primeiros anos da década de 2000, pode estar relacionado com a distribuição da renda. Conforme mostra a figura 33, a concentração de renda no Brasil cresceu, refletindo

sobre a educação da população, bem como na sua saúde, interferindo do desenvolvimento humano, e por conseqüência, a um crescimento sustentável.

**Figura 33: Evolução do Índice de Gini do Brasil, de Santa Catarina, Microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e da de Tubarão 1991-2000 - (%)**



Fonte: Elaborado pela autora. Fonte dos dados primários: IBGE e Secretaria de Estado do Planejamento.

Nas microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão o índice de Gini diminuiu, enquanto o do estado aumentou. Ou seja, houve uma maior igualdade da renda entre os habitantes de cada uma dessas microrregiões, levando ao mesmo tempo, a uma considerada queda da população em situação de pobreza, sobretudo, nas microrregiões de Campos de Lages e Tubarão (figura 33).

Com bases nesses dados, percebe-se que mesmo que as microrregiões em estudo apresentam ainda algumas deficiências sociais e econômicas, elas possuem forças endógenas que beneficiam seu desenvolvimento. Ao comparar o desenvolvimento sob a ótica do PIB *per capita* e da distribuição da renda, observa-se que essas duas variáveis estão interrelacionadas. No Brasil e no estado de Santa Catarina, o aumento da concentração da renda aponta para o pequeno crescimento do PIB *per capita*, e ao mesmo tempo, a pobreza ainda continua

presente, tendo grandes reflexos sobre a educação e a saúde. Por outro lado, nas microrregiões a redução da desigualdade da renda beneficiou um crescimento econômico acompanhado pelo desenvolvimento social.

## CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES

A abordagem da *Qualidade do Crescimento* e do *Desenvolvimento Endógeno*, foram as bases conceituais para se realizar esse estudo. Foi a partir delas que se selecionou os indicadores populacionais, econômicos, sociais e alguns da sustentabilidade para realização do paralelo do desenvolvimento microrregional.

A teoria da *Qualidade do Crescimento* parte do princípio de que o desenvolvimento medido apenas pelo crescimento do PIB *per capita* não é suficiente para analisar a qualidade do crescimento. Para esta teoria o crescimento econômico deve ser acompanhado de melhorias na qualidade de vida medidas pelos indicadores sociais, econômicos e sustentáveis.

A população das microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão vem apresentando o deslocamento dos habitantes da área rural para urbana e, a desaceleração do crescimento da população. Esse desaceleramento do crescimento populacional deu-se através do processo da queda da fecundidade e, devido alguns aspectos econômicos ocorridos durante alguns anos em algumas localidades.

A queda da mortalidade infantil observada na década de 1990, a redução das doenças infectocontagiosas e parasitárias típicas do subdesenvolvimento, e o aumento da esperança de vida ao nascer, estão levando a um processo de *envelhecimento* da população, com redução progressiva do peso de jovens no conjunto de habitantes.

A Microrregião que obteve a maior elevação da população foi a de Joinville, através da grande imigração influenciada pelo avanço da atividade industrial durante a década de 1970. Em Lages, o declínio das atividades madeireiras após 1970, a modernização da agropecuária que prejudicou pequenos produtores, e o alto nível de produção industrial setorializada em Correia Pinto e Otacílio Costa que não proporcionam muito emprego, já que não possuem a menor perspectiva de diversificação econômica, são algumas características que explicam o deslocamento da população da microrregião de Campos de Lages de uma área para outra e, da emigração para outras regiões.

Entretanto, ao mesmo tempo em que está ocorrendo o declínio da taxa de fecundidade, a expectativa de vida nessas microrregiões está aumentando, ou seja, a maior parte da população são pessoas adultas, o que se observou por meio da elevação da PEA. Esta é maior que o crescimento da população total. Essa situação para os aspectos sociais é positivo, pois, reflete na melhora da saúde, porém, quanto ao aspecto econômico, pode ser um problema. Está

ocorrendo um processo de “crise da velhice” (a população idosa está crescendo), o que pode ser traduzida em uma pressão nos sistemas de Previdência Social a ponto de por em risco não somente a segurança econômica dos idosos, como também o próprio crescimento econômico das microrregiões.

E ainda, essa situação da maior parte da população se concentrar na meia idade interferiu na situação do desemprego, sobretudo, na área urbana.

O desenvolvimento endógeno é liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento que leva a melhoria de vida da população. Os setores de produção avançaram, entretanto, há ainda uma deficiência interna de tecnologia nas estruturas produtivas dessas microrregiões, o que está ocasionando um avanço do número de pessoas trabalhando no setor de serviços e comércio, característica do subemprego, atrasando a melhoria da qualidade de vida da população.

A sobrevalorização cambial e a facilidade de entrada de capital externo em Lages reestruturaram o complexo agroindustrial em favor das multinacionais. Com novas exigências impostas pelos frigoríficos, o número de redes integradas de suínos diminuiu e muitos suinocultores faliram, pois não possuíam recursos financeiros para acompanhar o avanço tecnológico. Nos anos 90 grandes empresas vieram de fora para aproveitar os recursos abundantes disponíveis na região serrana, observando-se, dessa maneira, que não há um comando de forças endógenas que engendram um movimento capaz de romper o ciclo vicioso da dependência de investimentos externos e gerar a diversificação produtiva. Essa deficiência acaba ocasionando o subemprego em muitas áreas da microrregião de Lages.

Na microrregião de Joinville as indústrias do departamento de bens de produção imprimiram um ritmo diferenciado para a situação do trabalho. A inserção nacional das empresas locais nos anos 60 e 70 no Brasil, embalados pelo “milagre econômico” e pelos adventos do II PNB, concentrou esforços, beneficiando a centralização e o aumento do trabalho na área urbana. Porém, a internacionalização na década de 80, a abertura econômica e a sobrevalorização cambial na década de 90, inauguraram uma nova fase para os setores metal-mecânico e têxtil e vestuário, a fase da retração, em que a cidade de Joinville foi uma das mais prejudicadas. Houve uma queda nas exportações e uma estabilidade da produção, ocasionando a aceleração do desemprego. Foi nessa microrregião que foram verificadas as maiores taxas de desemprego

Na década de 70 o aumento da capacidade produtiva do setor carbonífero beneficiou a queda no número de pessoas desocupadas, na microrregião de Tubarão. Entretanto, a partir de 1986 ocorre uma crise nesse setor, reduzindo as atividades carboníferas e, por conseguinte, ao aumento do desemprego.

Ao analisar o PIB *per capita* das microrregiões, observou-se que apesar da microrregião de Joinville obter as mais elevadas taxas de desemprego, seu produto é superior ao da microrregião de Campos de Lages e de Tubarão. E, seu crescimento foi superior ao da população total, o que caracterizou essa microrregião como a mais desenvolvida entre as três. Dessa maneira, os gastos no desenvolvimento humano são maiores. Há nessa microrregião mais educação, saúde, as condições de moradia são melhores, a desigualdade da renda diminuiu, permitindo um pequeno número de pobres. Por outro lado, a pobreza e a concentração de renda nas microrregiões de Campos de Lages e de Tubarão são maiores, caracterizando uma melhora inferior na educação e na saúde da população.

Portanto, apesar das microrregiões apresentarem ainda algumas deficiências no seu crescimento, ao compará-las com os aspectos do desenvolvimento do país e do estado, conclui-se que elas vêm seguindo um processo de avanço para o desenvolvimento socioeconômico. Um dos motivos que pode ter impedido um maior avanço nos aspectos do desenvolvimento humano nas microrregiões, além da situação da estrutura econômica, foi a grande variação da inflação da década, que interferiu no crescimento econômico. Até 1998, a inflação brasileira estava baixa, com a transição que o país veio enfrentando a partir de 1999 para alcançar a meta de inflação, ela se elevou muito nos primeiros períodos, o que não ocorreu com os salários das pessoas.

Entretanto, esse problema da inflação, e algumas deficiências nos setores produtivos, não impediram a relação do crescimento econômico com a qualidade dos fatores que o impulsiona a expandir. A desigualdade da renda vem diminuindo, proporcionando a queda da pobreza, levando ao desenvolvimento humano, medido pelo IDH.

Está emergindo um novo padrão de desenvolvimento, que reflete o reconhecimento das tendências contemporâneas à globalização dos mercados, à liberalização econômica e à formação de blocos regionais de comércio. Requer-se a transformação produtiva e reestruturação industrial e da agropecuária, que confira maior competitividade ao setor produtivos das microrregiões, e a consolidação da estabilidade da economia.

Para que o crescimento se traduza efetivamente em maior desenvolvimento humano, as microrregiões devem enfrentar um conjunto de desafios que envolvem uma melhor distribuição interpessoal e intermicrorregional dos frutos do crescimento, uma maior redução da pobreza e a busca de padrões de vida mais elevados, simultaneamente a preocupação com a preservação do meio ambiente.

Esse processo necessita de interação entre Estado e iniciativa privada. As microrregiões já possuem um cenário favorável para que isto seja possível: as tendências do processo de urbanização; a capacitação empresarial e a tecnologia já adquirida; a dimensão do mercado interno.

Embora a melhora da educação seja reconhecida, são ainda insatisfatórios os resultados do esforço educacional realizados nos últimos anos, o que fica evidente nas altas taxas de repetência, medida pelo atraso escolar e alguns baixos níveis de educação. Não se trata, no entanto, apenas de dar mais recursos financeiros à educação. A baixa eficiência do sistema educacional que interfere na qualidade do ensino, deve ser enfrentada através de ações coordenadas das microrregiões que dêem maior prioridade à educação fundamental, à elevação do nível de escolaridade da população de baixa renda e a melhora da qualidade do ensino.

Observou-se uma relação entre a pobreza, analfabetismo, repetência e evasão escolar, desta forma, é necessário uma maior atenção aos contingentes populacionais mais pobres.

Para que se possa obter a melhora da qualidade do ensino, é preciso dotar escolas com instalações adequadas, equipamentos, material didático e capacidade docente, assim como um processo contínuo de inovação pedagógica, a avaliação permanente dos resultados e estímulos para melhor desempenho de professores e alunos (PNUD, 2007).

A geração de emprego depende de um crescimento sustentável. No entanto, então é necessário combinar o crescimento econômico com políticas específicas de empregos, destinadas a aperfeiçoar o funcionamento desse mercado, como: intermediação de emprego, através de um sistema eficiente de colocação de mão-de-obra, treinamento de desempregados, para recolocá-los em postos de maior qualificação; e a criação direta de empregos; através do apoio a setores econômicos, intensivos em mão-de-obra, principalmente as pequenas e médias empresas, a agricultura, que além de absorver trabalhadores de baixa qualificação, diminui a

pressão por empregos nos centros urbanos; e os investimentos em infra-estrutura (PNUD, 2007).

De acordo com a teoria do Desenvolvimento Endógeno, o papel das indústrias locais é extremamente importante para o processo de desenvolvimento e, com base nesta teoria e nos valores considerados nesta pesquisa, pode-se afirmar que a microrregião de Joinville apresenta um melhor nível de desenvolvimento do que a de Campos de Lages e de Tubarão. Mas um fator limitativo desse estudo é o fato de que a teoria do *Desenvolvimento Endógeno* considera importantes as indústrias de pequeno e grande porte e o fato de elas cooperarem entre si, o que torna necessário a análise, talvez numa outra pesquisa, do porte das indústrias em cada microrregião e como as empresas se relacionam entre si.

Se com base na teoria do *Desenvolvimento Endógeno*, esta foi a conclusão, a teoria da *Qualidade do Crescimento* leva a uma conclusão semelhante. Importante salientar que essas teorias indicam a utilização de mais indicadores do que os utilizados neste trabalho e, desta forma, estas são conclusões parciais relacionadas ao grau de desenvolvimento econômico e social das microrregiões.

Assim, para que se possa fazer uma análise mais precisa, sugere-se a utilização de indicadores de cultura, mais indicadores da saúde, sustentabilidade ambiental, grau de investimento em educação, além de se fazer uma maior análise sob a ótica do desenvolvimento sustentável.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AI (Antrax Informática). Site dos índices – Indicadores e Estatísticas Econômicas. Disponível em: <<http://www.ai.com.br/pessoal/indices/gini.htm>> acesso em 11 mai. 2007.

AMARAL, Sérgio P. **Indicadores de Sustentabilidade Ambiental, Social e Econômica:** Uma proposta para a Indústria de Petróleo Brasileira. In: Revista Meio Ambiente, p. 62-71, 2002. Disponível em <<http://www.ambientaldobrasil.com.br/forum/arquivos/314sustentabilidade.pdf>> acesso em: 16 mai. 2007.

A.C.C.S. ( Associação de catarinense de Criadores de Suínos). Disponível em: <<http://www.accs.org.br/>> acesso em : 10/05/02007.

BANCO MUNDIAL. **Desenvolvimento e Redução da Pobreza:** Reflexão e Perspectiva. Banco Mundial. 2004.

BARQUERO, Antônio V. **Desenvolvimento Endógeno em Tempos de Globalização.** Tradução de Ricardo Brinco. Porto Alegre, FEE, 2001. p. 37-55.

CNM (Confederação Nacional de Municípios) Dados Econômicos. Disponível em <<http://cnm.org.br>> acesso em: 20 nov. 2006.

CNM (Confederação Nacional de Municípios) Infra-Estrutura – Esgotamento Sanitário. Disponível em <<http://cnm.org.br>> acesso em: 16 mai. 2007.

FEIJOO, María del Carmen, CORBETTA, Silvina. **Escuela y Pobreza.** Desafios educacionais em dos escenarios del Gran Buenos Aires. Buenos Aires: IIPE UNESCO, 2004.

FILHO, Alcides G. **Formação Econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

FILHO, Gilberto M. **Ecodesenvolvimento e Desenvolvimento Sustentável:** Conceitos e Princípios. In: Textos de economia, 4(1) p.131-142,1993.

FONSECA, Eduardo Giannetti da. O que é o desenvolvimento econômico. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 2 jan. 1994. Economia Ilustrada.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DO CEARÁ. **Planejamento Regional: Síntese Metodológica.** Fortaleza: [s.n], 1977.

GERALOMO, M.; PENNA, M.L. F. **Cólera e Condições de Vida da População.** *Rev. Saúde Pública.* São Paulo. V.34, ago.2000.

GESSER, Hubert C. **Expectativa de Vida no Brasil:** A Geração de Modelos Explicativos por Regressão Linear Múltipla. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em engenharia de produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

GUARAQUECABA (Projeto de Ação Climática). Crédito de Equivalência de Emissão de Carbono. Disponível em <<http://www.guaracap.com/Portuguese/CreditosDeCarbon.htm>> acesso em 16 mai. 2007

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Indicadores – trabalho e rendimento. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em 27 mar. 2007.

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Inflação deve terminar 2006 no nível mais baixo desde 1998. Publicado em: 10 nov. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.com/economia/mat/2006/1/10>> acesso em: 27 nov. 2006.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Dados regionais. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>> acesso em:

IPECE( instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará). Curva de Lorenz e Índice de Gini. Disponível em <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/notas\\_tecnicas/NT\\_14.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/notas_tecnicas/NT_14.pdf)> acesso em 14 mai. 2007.

LIMA, Gerson. Artigo: **A inflação do Brasil e a Inflação do IBGE**. Disponível em: <[http://www.desempregozero.org.br/artigos/a\\_inflacao\\_do\\_brasil\\_e\\_a\\_inflacao\\_do\\_ibge.php](http://www.desempregozero.org.br/artigos/a_inflacao_do_brasil_e_a_inflacao_do_ibge.php)> acesso em: 27 jun. 2007.

LINS, Hoyêdo N. *et al.*. **Contribuição aos Estudos Sobre Desenvolvimento Socioeconômico em Santa Catarina: Comportamento do IDS Entre 1991 e 2000**. *Textos de Economia*, Florianópolis, n.1, p.91-117, 2006.

MOONEY, G.H., Equity in health care: Confronting the confusion. **Effective health Care**. N.1, p. 179-184, 1983.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). Indicadores Básicos para a Saúde do Brasil. Disponível em <<http://www.opas.org.br/sistema/arquivos/matriz.pdf>> acesso em: 10 mai. 2007.

PEREIRA, M. G. Mortalidade. **In: Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. p.126.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Desenvolvimento Humano – Entendendo os indicadores. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/home>> acesso em: 20 out. 2006.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Desenvolvimento Humano e IDH. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/home>> acesso em: 10 nov. 2006.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo, Best Seller, 1999, p. 168-171.

SCHWARTZMAN, Simon, *et al.* **Educação e Pobreza na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2006. p. 9-32.

SESPA (Portal da Saúde Pública do Pará). O que é IDH? Disponível em <<http://www.sespa.pa.gov.br>> Acesso em: 11 mai. 2007.

SILVA, Anderson do Prado. Artigo : **Metas para a Inflação no Brasil**. 2002 p.2-10 Disponível em <[http://www.univap.br/biblioteca/hp\\_julho\\_2002](http://www.univap.br/biblioteca/hp_julho_2002)> acesso em: 27 jun. 2007.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. 2ª ed. São Paulo: Atlas,1995.

SPG (Secretaria de Estado do Planejamento). Estatísticas – Dados Estatísticos Municipais. Disponível em <<http://www.spg.sc.gov.br>> acesso em: 24 nov. 2006.

SPG (Secretaria de Estado do Planejamento). Estatísticas – Resumo Sócio-econômico Regional. Disponível em <<http://www.spg.sc.gov.br>> acesso em: 24 nov. 2006.

SPG (Secretaria de Estado do Planejamento). Estatísticas – Síntese Estatística. Disponível em <<http://www.spg.sc.gov.br>> acesso em: 24 nov. 2006.

THOMAS, Vinod. *et al.* **A Qualidade do Crescimento**. Ed. UNESP, 2000. Disponível em <<http://www.bancomundial.org.br>> Acesso em: 2000.

VON BELLER, Hans M. **Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2005, p. 23-29

ZERO HORA, 03 mar. 2006. Disponível em <<http://paginas.terra.com.br/lazer/staruck/desmatamento.htm>> acesso 16 mai.07

WIKIPÉDIA. Coeficiente de Gini. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/coeficiente\\_de\\_gini](http://pt.wikipedia.org/wiki/coeficiente_de_gini)> acesso em: 11 mai. 2007.

WIKIPÉDIA. Desflorestação, desflorestamento ou desmatamento. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/defloresta>> acesso em: 16 mai. 2007.

WIKIPÉDIA. Microrregião de Campos de Lages. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião\\_de\\_Campos\\_de\\_Lages](http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_de_Campos_de_Lages)> acesso em : 15 nov. 2006.

WIKIPÉDIA. Microrregião de Joinville. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião\\_de\\_Joinville](http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_de_Joinville)> acesso em : 15 nov. 2006.

WIKIPÉDIA. Microrregião de Tubarão. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião\\_de\\_Tubarão](http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_de_Tubarão)> acesso em : 15 nov. 2006.

WIKIPÉDIA. Morbidade. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Morbidade>> acesso em: 14 mai. 2007.

